



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

**PRÁTICAS BIOASCÉTICAS CONTEMPORÂNEAS:
notas sobre os corpos masculinos nas
comunidades que discutem cirurgia plástica na
rede social *Orkut***

Raquel Pereira Quadrado

Paula Regina Costa Ribeiro

Rio Grande
2012

Raquel Pereira Quadrado

**PRÁTICAS BIOASCÉTICAS CONTEMPORÂNEAS:
notas sobre os corpos masculinos nas comunidades que discutem
cirurgia plástica na rede social *Orkut***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Paula Regina Costa Ribeiro.

Linha de Pesquisa:
Educação Científica: Implicações das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos.

Rio Grande
2012

Dedico esta tese aos meus grandes amores,
Gabrielle e Roberto, que me impulsionam a crescer
e a buscar a realização dos meus sonhos, tornando a
minha vida plena de amor e de alegrias.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa de doutorado envolveu muitos sujeitos no estabelecimento de uma comunidade contingente, formada não só pelas pesquisadoras, interlocutores/as teóricos e empíricos/as mas, também, por familiares, amigos/as e colaboradores/as diversos/as, que, direta ou indiretamente, participaram do processo. É chegado o momento de expressar meu reconhecimento e gratidão àqueles/as que tornaram possível a produção desta tese:

À Paula Ribeiro, minha orientadora e amiga, exemplo e referência na minha vida de inúmeras formas, que me orientou neste processo com extrema competência e afetuosidade, expressei todo o meu carinho, amor, gratidão, reconhecimento e admiração, por compartilhar conhecimentos e afetos, pelo muito que me ensinou e me ensina a cada dia, por me apontar caminhos, por caminhar ao meu lado mesmo nas horas mais difíceis, por me mostrar o quanto a prática de pesquisa pode ser prazerosa, por partilhar comigo desta produção, respeitando minhas decisões, meus tempos e limites.

Às/Aos colegas, companheiras/os, amigas/os e irmãos/ãos do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - Joanalira, Juliana, Suzana, Benícia, Deise, Teresa, Ana Luiza, Dárcia, Aline, Fabiane T., Lucilaine, Fabiane S., Lavínia, Joice, Marcio, Gabrielle e Caroline - agradeço pelo carinho, confiança, paciência, incentivo e por partilharem comigo muito mais do que conhecimentos e produções, fazendo parte da minha vida, compartilhando afetos, alegrias, risadas e comemorações e por tornarem nossos encontros momentos tão produtivos, prazerosos e ansiosamente aguardados.

À minha amiga Tanise Novello, que desde os tempos do Mestrado vem me acompanhando nos caminhos trilhados, ainda que às vezes "longe dos olhos", agradeço pela amizade, carinho e cumplicidade, pelas conversas e significados partilhados e pelos ótimos momentos que passamos juntas.

Às professoras Dr^{as}. Paula Sibilia, Nádia Souza e Méri da Silva, pelas contribuições que trouxeram no momento de qualificação da proposta desta tese e que promoveram tensionamentos, deslocamentos e outros direcionamentos no processo de pesquisa.

À professora Dr^a. Silvana Goellner que, por sua produção teórica e parceria com o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, vem produzindo efeitos na minha constituição como pesquisadora, agradeço pelos olhares atentos e pelas importantes contribuições que trouxe a esta pesquisa.

À professora Dr^a. Paula Henning, que mesmo ainda não sendo integrante da banca, dispôs-se a ler a proposta de tese e trazer contribuições para a sua qualificação, agradeço pela disponibilidade, pelas interlocuções foucaultianas que estabelecemos e que foram tão importantes ao longo do processo, e por aceitar fazer parte deste momento final.

À professora Dr^a. Rosária Sperotto e ao professor Dr. Fernando Seffner, por aceitarem embarcar nessa jornada que está chegando ao fim, contribuindo com sua leitura criteriosa e importantes interlocuções teóricas.

Daí a maneira precavida, claudicante deste texto: a cada instante, ele se distancia, estabelece suas medidas de um lado e de outro, tateia em direção a seus limites, se choca com o que não quer dizer, cava fossos para definir seu próprio caminho. A cada instante, denuncia a confusão possível. Declina sua identidade, não sem dizer previamente: não sou isto nem aquilo. Não se trata de uma crítica, na maior parte do tempo; nem de uma maneira de dizer que todo mundo se enganou a torto e a direito; mas sim de definir uma posição singular pela exterioridade de suas vizinhanças; mais do que querer reduzir os outros ao silêncio, fingindo que seu propósito é vão - tentar definir esse espaço branco de onde falo, e que toma forma, lentamente, em um discurso que sinto como tão precário, como tão incerto ainda.

(FOUCAULT, 2008, p. 19)

RESUMO

Esta tese foi produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha de pesquisa "Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos", com o objetivo de investigar, nas comunidades que discutem cirurgias plásticas no site de rede social *Orkut*, os discursos que atuam na produção dos corpos dos homens, bem como os marcadores de gênero que neles se inscrevem. A ancoragem teórica a partir da qual desenvolvemos esta pesquisa situa-se no campo dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas, agregando, também, ferramentas conceituais que foram produtivas para o desenvolvimento do processo investigativo, tais como algumas proposições de Michel Foucault - subjetividade, verdade, poder, cuidado de si, entre outras - e o entendimento de bioescese corporal, tomado a partir de Francisco Ortega. Para proceder a pesquisa, analisamos a participação e interação dos homens em setenta e quatro (74) comunidades do *Orkut*, que têm as cirurgias plásticas como foco das suas discussões, no período de 2009 a 2011. O *corpus* de análise foi constituído a partir de alguns elementos presentes nas comunidades - nome da comunidade, texto que a descreve e apresenta os seus objetivos, imagem exibida para sua identificação, quem é o/a dono/a (homem ou mulher), número total de participantes, porcentagem de homens e de mulheres participantes - e também pelas postagens dos homens nos fóruns dessas comunidades. No processo de análise dos dados, utilizamos alguns elementos da análise do discurso foucaultiana, especialmente as concepções de discurso e de enunciado. As comunidades selecionadas são representativas dos processos de reconfiguração social contemporâneos, em que os grupos se formam não mais pela proximidade geográfica, mas, sim, por meio dos laços estabelecidos nas interconexões, baseados em interesses e afinidades mútuas, como é o caso das cirurgias plásticas, nesta pesquisa. Dentre as comunidades analisadas, vimos que aquelas que tinham homens como donos contavam com maior participação masculina, sendo que as cirurgias plásticas eram abordadas a partir do discurso médico, apontando para os significados de masculinidade hegemônica que instituem a ciência como um campo masculino. Nas comunidades que tinham mulheres como donas, a participação dos homens era menor e as discussões eram estabelecidas sob o ponto de vista estético, em que os participantes relatavam suas experiências pessoais relativas aos procedimentos que realizaram ou expressavam o desejo de submeterem-se a uma cirurgia plástica. As análises apontam para a existência de discursos e práticas que vêm instituindo os corpos como produtos e mercadorias da cultura de consumo, de modo que a aparência desejada pode ser cirurgicamente esculpida e comprada. Tais práticas têm produzido uma incitação à visibilidade da vida de cada sujeito, promovendo um deslocamento da subjetividade interiorizada em direção a sua exteriorização, num processo de somatização da subjetividade, em que o corpo torna-se a superfície de inscrição dos marcadores sociais, como as masculinidades aqui analisadas, e passa a ser central na experiência de si. As cirurgias plásticas estéticas constituem, nesse contexto, uma estratégia de reinvenção do corpo, uma prática de bioescese, uma vez que possibilitam operar sobre um corpo plástico e maleável a fim de que este exteriorize e expresse o que o sujeito deseja parecer e ser.

Palavras-chave: corpos; masculinidades; cirurgias plásticas; bioescese; ciência.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Práticas bioascéticas contemporâneas:** notas sobre os corpos masculinos nas comunidades que discutem cirurgia plástica na rede social *Orkut*. Rio Grande: FURG, 2012. 169 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: química da vida e saúde) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2012.

ABSTRACT

This thesis was produced in the Post-Graduate Program in Science Education (*Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde*), in the research line "Scientific education: implications of scientific practices in the constitution of subjects", in order to investigate, in communities that discuss plastic surgeries in the Orkut social network site, discourses that operate in the production of bodies of men, as well as gender markers inscribed in them. The theoretical grounding from which this research was developed lies in the field of Cultural Studies, in its post-structuralist strands, also adding conceptual tools that have been productive for the development of the investigative process, such as some propositions of Michel Foucault - subjectivity, truth, power, self care, among others - and the understanding of corporal bioasceticism, taken from Francisco Ortega. To conduct the research, it was analyzed the participation and interaction of men in seventy-four (74) communities from the Orkut, which have plastic surgery as a focus of their discussions, in the period 2009 to 2011. The corpus of analysis was made from some elements present in the communities - community name, text that describes it and presents its objectives, the image displayed for identification, who is the owner (man or woman), total number of participants, percentage of participant men and women - and also the posts of men in these communities' forums. In the process of data analysis, some elements of Foucauldian discourse analysis were used, especially the concepts of speech and statement. The selected communities are representative of processes of contemporary social reconfiguration, in which groups are formed not by geographic proximity, but rather through the links established in the interconnections, based on mutual interests and affinities, as it is the case of plastic surgery in this research. Among the analyzed communities, it was found that those with men as owners counted with greater male participation and plastic surgeries were discussed from the medical discourse, pointing to the meanings of hegemonic masculinity that establish science as a male field. In communities with women as owners, the participation of men was smaller and the discussions were established under the aesthetic point of view, in which participants reported their personal experiences, related to performed procedures or the expressed desire of undergoing a plastic surgery. The analysis point to the existence of discourses and practices that have presented the bodies as products and goods of consumer culture, so that the desired appearance can be surgically sculpted and bought. Such practices have produced an incitement to the visibility of the life of each subject, promoting a shift of the internalized subjectivity toward its exteriorization, in a somatization process of subjectivity, in which the body becomes the surface of social markers' inscription, such as the masculinities analyzed here, and becomes central in the experience of itself. The aesthetic plastic surgeries are, in this context, a strategy of reinventing the body, a practice of bioasceticism, once they enable operating on a plastic and malleable body so that it externalizes and expresses what the subject wants to look and be.

Keywords: body; masculinity; plastic surgery; bioasceticism; science.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Contemporary Practices of Bioasceticism:** remarks on male bodies in the communities that discuss plastic surgery in the Orkut social network (translation). Rio Grande: FURG, 2012. 169 p. Thesis (Doutorado em Educação em Ciências: química da vida e saúde) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2012.

SUMÁRIO

1 MAPA DO SITE: SITUANDO A LEITURA	11
2 PERFIL: DELINEANDO O PROBLEMA DE PESQUISA	15
3 AMIGOS/AS: INTERAÇÕES, DIÁLOGOS, TEORIZAÇÕES... ..	23
3.1 O CAMPO DOS ESTUDOS CULTURAIS	24
3.2 ALGUMAS FERRAMENTAS FOUCAULTIANAS	28
3.3 DAS ANTIGAS ASCESSES À BIOASCESSE CORPORAL	33
3.4 AS CIRURGIAS PLÁSTICAS COMO PRÁTICAS DE BIOASCE	35
3.5 GÊNERO NA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA	40
3.6 MASCULINIDADES EM FOCO	42
4 APLICATIVOS: FERRAMENTAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA	47
4.1 DELINEANDO O CAMPO EMPÍRICO: A INTERNET E A REDE SOCIAL <i>ORKUT</i>	48
4.2 DELINEANDO O <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE: A SELEÇÃO DAS COMUNIDADES E DOS DADOS DA PESQUISA	53
4.3 SOBRE OS MODOS DE OLHAR E FAZER A PESQUISA: CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL FOUCAULT	59
5 COMUNIDADES: ARTIGOS DE ANÁLISES	64
5.1 MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NO ORKUT: QUEM FALA E O QUE SE DIZ EM COMUNIDADES DE CIRURGIA PLÁSTICA	65
Raquel Pereira Quadrado e Paula Regina Costa Ribeiro - <i>Publicado na Revista Encuentros Latinoamericanos, sección Estudios de Género</i>	
5.1.1 <i>Abstract</i>	65
5.1.2 <i>Resumen</i>	66
5.1.3 Introdução	67
5.1.4 Tecendo redes de significados	68
5.1.4.1 Os Estudos Culturais e algumas ferramentas foucaultianas	68
5.1.4.2 Corpos virtuais	73
5.1.5 Caminhos metodológicos	75
5.1.5.1 O <i>Orkut</i> e a produção dos dados	75
5.1.5.2 Mulheres e cirurgias plásticas: a participação feminina nas comunidades do <i>Orkut</i>	75

5.1.5.3 Maculindades e cirurgias plásticas: olhares sobre as comunidades que têm homens como donos	79
5.1.6 Masculinidades e feminilidades nas comunidades de cirurgias plásticas no <i>Orkut</i> : algumas considerações	88
5.1.7 Referências	89
5.2 MASCULINIDADES REMODELADAS: CIRURGIAS PLÁSTICAS NO SITE DE REDE SOCIAL <i>ORKUT</i>	93
Raquel Pereira Quadrado e Paula Regina Costa Ribeiro - <i>Enviado para a Revista Estudos Feministas</i>	
5.2.1 Resumo	93
5.2.2 <i>Abstract</i>	93
5.2.3 Masculinidades remodeladas: cirurgias plásticas no <i>Orkut</i>	94
5.2.4 Delineando o campo de investigação: o site de rede social <i>Orkut</i>	99
5.2.5 Cirurgias plásticas estéticas: o que é dito sobre o pós-operatório	104
5.2.6 Satisfação ou insatisfação: o que é dito sobre os resultados das cirurgias	109
5.2.7 Masculinidades remodeladas: algumas considerações	114
5.2.8 Referências bibliográficas	118
5.3 O CORPO MASCULINO NA SOCIEDADE DE CONSUMO: NARRATIVAS SOBRE CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA	121
Raquel Pereira Quadrado e Paula Regina Costa Ribeiro - <i>Será submetido à Revista Cadernos Pagu</i>	
5.3.1 Resumo	121
5.3.2 <i>Abstract</i>	121
5.3.3 Introdução	122
5.3.4 Os corpos na sociedade de consumidores	123
5.3.5 Delineando o campo e o caminho investigativo	125
5.3.6 O que dizem os homens sobre cirurgia plástica estética nas comunidades do <i>Orkut</i>	128
5.3.6.1 "Quanto custa uma plástica?" Dúvidas sobre os preços das cirurgias e indicações de clínicas	128
5.3.6.2 "Você poderia me mostrar as fotos de antes e depois para eu comparar?" Dúvidas com relação aos resultados da cirurgia	131
5.3.6.3 "Dá pra fazer?" Possibilidade de realização de determinados procedimentos	

cirúrgicos	132
5.3.6.4 Vocês fizeram com anestesia geral ou local? Ficará roxo? Procedimentos cirúrgicos e período pós-operatório	135
5.3.7 Considerações sobre o corpo masculino na sociedade de consumo	137
5.3.8 Referências	139
6 ATUALIZAÇÕES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	142
PERSPECTIVAS	149
REFERÊNCIAS	150
APÊNDICES	160
APÊNDICE A -Tabela com os dados das comunidades que compuseram o <i>corpus</i> da pesquisa	161
APÊNDICE B - Dados referentes às postagens dos homens nas comunidades do <i>Orkut</i> .	162
ANEXOS	163
ANEXO A - Normas de publicação da Revista Encuentros Latinoamericanos	164
ANEXO B - Normas de publicação da Revista Estudos Feministas	165
ANEXO C - Normas de publicação da Revista Cadernos Pagu	168

1 MAPA DO SITE: SITUANDO A LEITURA

Estamos falando aqui do trabalho do pesquisador como aquele que transforma, em primeiro lugar, a si mesmo: aquele que, como o filósofo, é chamado a ultrapassar não só o senso comum, ordinário ou acadêmico, mas a ultrapassar a si mesmo, a seu próprio pensamento.
(FISCHER, 2007a, p. 58)

A escrita que aqui se inicia é uma produção polifônica¹, na medida em que articula múltiplas vozes e sujeitos que foram, ao longo de nossa trajetória acadêmica, interpelando-nos, produzindo assujeitamentos e resistências, promovendo fraturas e deslizamentos, enfim, produzindo efeitos nas nossas subjetividades. A vivência do processo de pesquisa, em suas diversas etapas, possibilitou que ultrapassássemos a nós mesmas, transformando nosso pensamento, nossa maneira de entender os corpos, as cirurgias plásticas, as masculinidades e as novas formas de sociabilidade, mediadas pelos sites de redes sociais na internet.

Ao revisitar os caminhos percorridos durante o processo investigativo para produção desta tese, colocamo-nos como autoras, narradoras e personagens desta narrativa, reconstruindo e ressignificando as experiências à medida em que fomos compilando-as nesta escrita (LARROSA, 2002). Durante este processo, ocupamos diversas posições de sujeito - pesquisadoras, mulheres, professoras, biólogas, mães, esposas... - e, embora tenhamos procurado, frente ao campo empírico, posicionarmo-nos no lugar de pesquisadoras, sabemos que esta posição de sujeito está diretamente imbricada com as demais, constituindo-nos, moldando nosso olhar, fazendo com que enunciássemos aquilo que era possível de ser enunciado a partir dos jogos de saber e poder em que estamos imersas.

Assim, entendemos, a partir de Corazza (2007), que a prática de pesquisa está implicada na nossa própria vida, e que toda pesquisa surge de insatisfações com significados e verdades vigentes e que é a partir disto que “ousamos tomá-las pelo avesso, e nelas investigar

¹ Por entendermos que a pesquisa tem este caráter polifônico, uma vez que além das vozes das duas pesquisadoras, muitas outras vozes se fazem presentes nas páginas desta tese - dos/as integrantes do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, dos/as autores/as e interlocutores/as do campo teórico no qual temos transitado, de outros textos, contextos, imagens e interações diversas que estabelecemos e que nos constituem - optamos pelo uso da primeira pessoa do plural para narrar a pesquisa.

e destacar outras redes de significações” (ibid., 109). Esta insatisfação que convoca a pesquisa e que, segundo a autora, costuma ser dolorosa, envolve o/a pesquisador/a em suas redes, desmantelando suas “mais belas crenças, princípios e práticas estabelecidas” (ibid., p. 111). É em função desta insatisfação, produzida pelo olhar do/a pesquisador/a, a partir das suas perspectivas teóricas e das suas representações, que se institui o problema de pesquisa. Neste sentido, nossa insatisfação surge das representações hegemônicas sobre corpos, gêneros e masculinidades que têm, como base, o determinismo biológico, e que vêm instituindo-os como universais e homogêneos. Tais representações desconsideram o contexto sociocultural em que esses corpos generificados estão inseridos, bem como os discursos que os convocam e os produzem, desconsiderando os efeitos das novas tecnologias de informação e comunicação na constituição dos sujeitos. A partir desta insatisfação, produzimos nossas questões de pesquisa: Que discursos sobre os corpos circulam nas comunidades do site de rede social *Orkut* que discutem as cirurgias plásticas? Que corpos, que masculinidades e que modos de subjetivação esses discursos e práticas se propõem a produzir? Neste sentido, desenvolvemos esta pesquisa com o objetivo de investigar, nas comunidades que discutem cirurgias plásticas no site de rede social *Orkut*, os discursos que atuam na produção dos corpos dos homens, bem como os marcadores de gênero que neles se inscrevem.

Na produção desta escrita, organizada em 5 (cinco) capítulos, adotamos o uso de títulos que fazem analogia com os recursos disponíveis no *Orkut*, buscando aproximações com o campo empírico, no qual as investigações foram feitas. O capítulo referentes às análises dos dados é constituído por 3 (três) artigos que, embora mantenham articulações entre si, apresentam categorias de análise diferenciadas. Ao optarmos pela organização dos dados analisados em forma de artigos, sabíamos dos riscos que isto representava à escrita, especialmente com relação a repetições de conceitos, discussões e entendimentos, bem como das limitações no que diz respeito ao número de páginas estabelecido pelos periódicos aos quais submetemos nossas produções. Tais limitações, em certos momentos, impossibilitaram um maior aprofundamento das discussões, bem como a apresentação de outros dados representativos das discussões tecidas em cada artigo. No entanto, assumimos os riscos por considerarmos que a organização na forma de artigos é produtiva na medida em que possibilita a publicação em periódicos de grande circulação e alcance no meio acadêmico, conferindo visibilidade à pesquisa e possibilitando que se amplie o debate acerca da produção dos corpos, dos gêneros e das subjetividades. Além disto, ao terem acesso aos artigos que remetem a esta pesquisa, os/as leitores podem acessar a tese como um todo, que é publicada no repositório de teses da Universidade Federal do Rio Grande - FURG - e na página do

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências - PPGEC -, conferindo visibilidade a estas bibliotecas digitais e, indiretamente, remetendo a outras pesquisas e teses aí publicadas.

No primeiro capítulo, intitulado **Perfil: delineando o problema de pesquisa**, tecemos reflexões sobre as experiências que fazem parte de nossa trajetória, buscando esboçar como fomos nos aproximando do campo teórico e do tema da pesquisa. Ao narrar esta história, reconstruímos e ressignificamos as experiências, produzindo sentidos sobre as escolhas e os rumos que tomamos ao longo do processo investigativo.

No capítulo **Amigos/as: interações, diálogos, teorizações...**, apresentamos os/as interlocutores/as teóricos/as com os quais dialogamos ao longo do processo de pesquisa, delineando os Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas, e apresentando algumas ferramentas foucaultianas que foram produtivas ao longo da investigação, tais como subjetividade, verdade e cuidado de si. Discutimos, a partir de Ortega (2008), o deslocamento no entendimento do cuidado de si em direção às contemporâneas práticas bioascéticas, dentre as quais destacamos, nesta pesquisa, as cirurgias plásticas. Abordamos, também, os entendimentos de corpo, gênero e masculinidades que fundamentam este estudo.

No capítulo **Aplicativos: ferramentas metodológicas da pesquisa**, esboçamos o campo empírico, no qual desenvolvemos a pesquisa - a internet e o site de rede social *Orkut* -, trazendo alguns dados sobre os índices de acesso, discutindo as mudanças nas formas de sociabilidade que estas mídias digitais vêm possibilitando e caracterizando o *Orkut*, com seus recursos e aplicativos. Em seguida, apresentamos o *corpus* de análise, produzido no período compreendido entre março de 2009 e maio de 2011, bem como a forma como se deu a escolha das comunidades que o compuseram e algumas discussões sobre ética na pesquisa na internet. Por fim, abordamos as ferramentas metodológicas utilizadas para analisar os dados, trazendo alguns elementos da análise do discurso foucaultiana, especialmente os conceitos de discurso e enunciado.

O capítulo chamado **Comunidades: artigos de análises** é composto por 3 (três) artigos que apresentam as análises realizadas a partir dos dados das comunidades que compuseram nosso *corpus* de análise. No primeiro artigo, intitulado **Masculinidades e feminilidades no Orkut: quem fala e o que se diz em comunidades de cirurgia plástica**, analisamos as formações discursivas presentes em comunidades do site de rede social *Orkut* que discutem a temática cirurgia plástica e que possuem homens como donos. Analisamos elementos presentes nesses espaços, tais como o nome da comunidade, sua imagem de exibição, o texto que a identifica e apresenta seus objetivos, o número total de participantes e a percentagem de homens e de mulheres que participam. Todas as comunidades analisadas

neste artigo foram criadas por homens que, ao estabelecerem os seus objetivos e focos de discussão, produziram modos de endereçamento de acordo com os sujeitos que pretendiam “convocar” à participação. O viés das discussões, nestas comunidades, dá-se a partir do discurso médico, sendo que elas representam as que contam com a maior participação masculina em relação àquelas que discutem as plásticas sob o ponto de vista estético. No segundo artigo, chamado **Masculinidades remodeladas: cirurgias plásticas no site de rede social Orkut**, analisamos a rede de enunciações presente nos fóruns de comunidades que discutem as cirurgias plásticas, nesse site, tendo como base as postagens dos homens que relataram terem realizado algum procedimento do tipo estético. Nessas postagens, os homens tecem relatos sobre suas experiências com relação à intervenção cirúrgica a que se submeteram e trazem conselhos e dicas para outros sujeitos que desejam submeter-se à remodelagem corporal. Dentre os participantes dos fóruns analisados, o resultado das cirurgias constitui o principal foco das discussões, dando indícios de que as plásticas estéticas constituem uma estratégia de bioascese que vem ganhando destaque entre os homens. No terceiro artigo, intitulado **O corpo masculino na sociedade de consumo: narrativas sobre cirurgia plástica estética**, analisamos a rede de enunciações presentes nas narrativas de homens que explicitaram o desejo de submeterem-se a uma cirurgia plástica estética, em fóruns de comunidades do site de rede social *Orkut*, que discutem esta temática. Discutimos o corpo como mercadoria, na sociedade de consumidores, e as cirurgias plásticas como práticas que possibilitam escolher e comprar a aparência desejada. A análise das postagens dos homens que expressaram o desejo de realizar algum tipo de intervenção estética apontam que as principais discussões dão-se com a finalidade de esclarecer dúvidas, especialmente acerca do preço e dos melhores locais para se fazer a cirurgia.

Por fim, no capítulo intitulado **Atualizações: algumas considerações**, revisitamos a trajetória da pesquisa, fazendo algumas retomadas com relação às análises e tecendo considerações sobre os corpos masculinos, as cirurgias plásticas como práticas bioascéticas e a produção das subjetividades. Ao fazer estas "atualizações", não tivemos a pretensão de estabelecer regimes de verdade sobre os temas abordados nesta pesquisa, mas sim de apontar as transformações em nossos modos de pensar e de olhar para os objetos que compuseram nosso *corpus* de análise, bem como de contribuir para a produção de outras formas de se olhar para os processos que, na contemporaneidade, atuam na constituição dos sujeitos.

2 PERFIL: DELINEANDO O PROBLEMA DE PESQUISA

*O olhar inventa o objeto e possibilita as
interrogações sobre ele.*
(COSTA, 2007, p. 148)

Na tentativa de delinear o perfil desta tese, apresentando as contingências e acontecimentos que nos levaram a fazer aproximações com o objeto de pesquisa e, a partir do nosso olhar, produzir questionamentos sobre ele, tecemos algumas reflexões sobre os caminhos percorridos e como estes possibilitaram que assumíssemos determinadas posições de sujeito e não outras. Entendemos que pensamos, falamos, escrevemos e significamos as coisas e os acontecimentos a partir de determinados lugares, que "[...] são móveis e instáveis, uma vez que se delinham pela tessitura entre referenciais teóricos e interesses políticos, exigências acadêmicas e emoções" (MEYER e SOARES, 2005, p. 30). Neste sentido, as teorias que, ao longo de nossa trajetória foram nos constituindo, as vivências e experiências que tivemos e as interações que estabelecemos, foram determinantes para a constituição do problema de pesquisa, bem como para as escolhas e decisões que assumimos ao longo do processo investigativo. Selecionamos algumas destas vivências e experiências, as quais consideramos importantes e representativas deste processo, na tentativa de traçar o seu perfil e de apontar o lugar do qual estamos falando.

Iniciamos por demarcar que nossa graduação deu-se no campo das Ciências Biológicas Licenciatura, e tal formação acadêmica possibilitou-nos transitar no espaço da escola na posição de professoras de ciências e de biologia. Como professoras inseridas na cultura escolar, encontrávamo-nos implicadas em processos de veiculação e produção de significados sobre os corpos. Nossas práticas docentes eram marcadas pelos discursos e teorias que nos constituíram e subjetivaram ao longo de nossa vida de estudantes da Educação Básica e, também, como acadêmicas. A partir do campo biológico, abordávamos o corpo, na sala de aula, como formado por conjuntos de células, órgãos e sistemas, ou seja, o corpo organismo, o corpo reduzido a sua biologia.

Uma vivência que foi bastante significativa e, de certa forma, determinante para a resignificação de nossos entendimentos sobre o corpo, foi a inserção no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE. Neste espaço de discussão, reflexão e pesquisa, o contato com

outras teorias - e não mais apenas as biológicas, que fizeram parte de nossa formação - fez com que problematizássemos os entendimentos de corpo que até então tínhamos, passando a vê-lo como mais do que mera materialidade biológica. Este entendimento possibilitou outros olhares sobre os discursos escolarizados, de modo que começamos a ver o corpo abordado na escola como estático, assexuado, anônimo, sem pés e mãos, dividido em partes, ahistórico, atemporal, sem etnia, deslocado do ambiente, na maioria das vezes reduzido a características anatômicas, fisiológicas e genéticas, contribuindo, assim, para a construção de representações centradas no discurso biológico. Esse corpo é apresentado como universal, sendo dotado de um padrão que se repete independentemente de classe, raça, etnia, credo, língua ou geração. Raramente é trabalhado como um sistema integrado, mas nos moldes cartesianos, ou seja, fragmentado, dividido em partes, para que através do estudo de cada um dos seus elementos possa-se (re)construir o todo (QUADRADO, 2007) . De acordo com Santos:

Tais abordagens não incorporam outras representações culturais que circulam nos discursos sobre a beleza, a obesidade, a doença, os modos de ser, como importantes para o estudo do corpo. [...] Ao fazer isso, o currículo oficial homogeneiza, sob um status legitimado pelo caráter verdadeiro e universal da ciência, o conhecimento que deve ser transmitido e silencia, por exemplo, as diferenças culturais de raça, de gênero e de credo (2002, p.103).

Essa forma de abordagem contribui para que se institua um determinado discurso - o biológico - como sendo o lugar legítimo através do qual se pode olhar, pensar e discutir o corpo. Ao proceder desta forma, a escola atua na produção e reprodução de "verdades" sobre o corpo, a partir do entendimento de que a ciência é incontestável e, portanto, o enfoque dado a essas discussões deve seguir por esse viés. Assim, enfatizam-se visões biologizantes/medicalizadas e desconsideram-se outras abordagens presentes em diversas instâncias educativas que têm participação ativa na produção dos corpos, tais como revistas, jornais, anúncios publicitários, músicas, filmes, programas de TV, sites de redes sociais na internet, como o *Orkut*, entre outras. Tais instâncias apresentam corpos constituídos a partir das roupas, acessórios, próteses e adereços que ostentam, das marcas sociais que neles se inscrevem, das relações que estabelecem, das modificações que se operam sobre eles. Em função disso muitos/as estudantes não se identificam com os corpos apresentados na escola, uma vez que as abordagens silenciadas por essa instituição podem ser encontradas em inúmeros outros espaços e com um apelo muito mais forte.

Além de contribuírem para que repensássemos as representações de corpo presentes na escola, as leituras e discussões feitas no GESE possibilitaram que fôssemos conhecendo e apropriando-nos do campo teórico dos Estudos Culturais, que constituem um campo de

teorização e investigação de caráter interdisciplinar, analisando a dimensão cultural existente nas práticas sociais. Segundo Silva (2002, p. 134), “os Estudos Culturais estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder”. Esse campo de estudos entende as práticas sociais como práticas de significação, através das quais as diferentes culturas vão estabelecendo seus modos de vida a partir dos significados que atribuem às coisas e do sentido que dão as suas ações, em práticas que são atravessadas por relações de poder².

A partir desse campo, passamos a entender os corpos como produções híbridas - biológicas, históricas e culturais -, como superfície de inscrição dos acontecimentos (FOUCAULT, 2004), na qual se inscrevem os marcadores sociais de gênero, sexuais, de geração, de classe social, étnico-raciais, entre outros. Em nossos estudos no Grupo de Pesquisa, enfocamos especialmente na articulação entre os eixos corpo, gênero e sexualidade, o que possibilitou a ressignificação do entendimento de sexualidade como “uma construção histórica e cultural que, ao correlacionar comportamentos, linguagens, representações, crenças, identidades, posturas inscrevem tais constructos no corpo, segundo estratégias de poder/saber sobre os sexos” (RIBEIRO, 2002, p. 79). Neste sentido, compreendemos que a sexualidade não é um atributo biológico, algo que “aflora” em determinado momento da vida, desencadeado por mudanças hormonais, mas, sim, uma produção que se dá em meio às vivências e experiências de cada sujeito, desde seu nascimento e ao longo de toda a sua vida, produzindo marcas corporais. Além disto, construímos o entendimento de gênero como sendo, também, uma produção social e histórica, referente às formas com que as masculinidades e as feminilidades são socialmente significadas, ou seja, o que é dito sobre ser homem ou ser mulher, em cada cultura e em cada momento histórico, constitui, efetivamente, sujeitos masculinos e femininos (LOURO, 2004).

Apropriar-se destas teorias não só reconfigurou nosso olhar sobre as práticas docentes, como, também, instigou-nos a aprofundar os estudos e pesquisas neste campo. Assim, durante o mestrado, investigamos como a cultura consumista vem se inscrevendo nos corpos dos/as adolescentes, constituindo modos de ser e de estar no mundo (QUADRADO, 2006). Para tanto, analisamos a multiplicidade de discursos e estratégias presentes nas narrativas de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública do município do Rio Grande/RS. Essas

² O entendimento de poder que embasa esta tese será discutido no capítulo **Amigos: interações, diálogos, teorizações...**

narrativas foram produzidas através da metodologia de Grupo Focal³, constituído a partir de um curso intitulado "Papo de Adolescente", em que desenvolvemos estratégias de "fazer falar" para a produção dos dados que constituíram nosso *corpus* de análise. Através das análises realizadas, evidenciamos algumas inscrições nos corpos dos/as adolescentes que participaram do curso, tais como os marcadores de gênero, de sexualidade, de padrões hegemônicos de beleza, de "normalidade", de consumo, entre outros. Também foi possível perceber efeitos dos discursos que circulam nas diversas instâncias e pedagogias culturais, como a família, a escola e, sobretudo, a mídia, que vêm inscrevendo nos corpos as marcas sociais de gênero, bem como modos de pensar e viver a adolescência, instituindo padrões de consumo considerados característicos deste grupo social (ibid.).

A produção da dissertação de mestrado produziu mudanças em nossas formas de olhar o campo pedagógico e a abordagem dos corpos e dos gêneros, o que nos instigou a continuar estudando e pesquisando sobre essas temáticas. Assim, buscamos outros contextos para a ampliação dos debates em torno do tema corporeidade. Um deles foi a participação no tópico especial Estudos da Corporeidade, disciplina vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, e também ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências - PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS⁴. Nessa disciplina, discutimos os corpos a partir da perspectiva de diversos autores, passando por Marcel Mass, Merleau Ponty e Michel Foucault, até chegar a teóricos contemporâneos, como Paula Sibilia. A leitura e discussão das obras desses/as pesquisadores/as trouxeram-nos novas perspectivas para o estudo dos corpos. Sentimo-nos especialmente instigadas pelo trabalho de Paula Sibilia (2002), em suas abordagens sobre os efeitos das tecnologias digitais e das biotecnologias sobre a produção dos corpos e das subjetividades. As inquietações suscitadas por estas leituras fizeram com que direcionássemos nosso olhar para as mídias digitais, especialmente para a internet, uma vez que, segundo Saraiva (2007), talvez esta seja a tecnologia mais implicada com as mudanças socioculturais que estamos vivenciando neste começo de século. De acordo com a autora, "o uso da Internet cada vez mais recobre aspectos da vida da população, engendrando fenômenos que certamente estamos longe de compreender" (2007, p. 53). Os usos que se faz da internet

³ Grupo focal constitui uma metodologia para produção dos dados através da qual o/a pesquisador/a reúne um grupo de pessoas a fim de promover debates e discussões entre elas, acerca de uma temática que tem relação com os objetivos da pesquisa (GONDIM, 2003).

⁴ Na ocasião, o PPG Educação em Ciências era vinculado, oficialmente, apenas à UFRGS. Somente em 2008 institucionalizou-se a associação ampla entre FURG, UFRGS e UFSM. Apesar disso, o PPGEA já contava com professores/as vinculados/as às três instituições, o que oportunizou que disciplinas como a mencionada fossem ofertadas na FURG, em parceria com o PPGEA.

e, de modo especial, de "[...] ferramentas como o Orkut e o YouTube seriam estratégias que os sujeitos contemporâneos colocam em ação para responder a essas novas demandas socioculturais, balizando outras formas de ser e estar no mundo" (SIBILIA, 2008, p. 23), produzindo efeitos nos modos de vida, de pensamento, no governo dos sujeitos e na produção de significados sobre os corpos.

Assim, dentre os diversos tipos de sites existentes na internet, focamos nosso olhar sobre os sites de redes sociais, de modo especial, o *Orkut*⁵, que, segundo Couto e Rocha, constitui "[...] um espaço privilegiado para ampliação de comunicação que favorece os intercâmbios, pois possibilita aos sujeitos vivenciarem relações para além das suas comunidades locais" (2010, p. 12). Além disso, segundo Hessel, o tipo de organização do *Orkut* e a forma com que os sujeitos ali se exibem, fundamenta-se "[...] nos valores - por um lado tradicionais, sim, e por outro, emergentes, presentes nas sociedades contemporâneas do consumo, da efemeridade, da liquidez, do culto à popularidade e ao sucesso pessoal, do culto ao corpo (magro e/ou sarado, obviamente)" (2006, p. 139). Nesse contexto, entendemos que essa site constitui um terreno fecundo para a invenção e a exibição de corpos e subjetividades.

Outro fator que nos levou a lançar o olhar sobre esse site foi o fato de que, ao iniciarmos a pesquisa e também durante todo o processo de produção dos dados, o *Orkut* representava o site de rede social de maior alcance no país, tendo sido ultrapassado pelo *Facebook*⁶ somente em agosto de 2011. Atualmente, constitui-se como o segundo mais acessado, com cerca de 29 (vinte e nove) milhões de usuários/as brasileiros/as (IBOPE, 2011).

A partir dos caminhos que delineamos até aqui e interpeladas pelas teorias com as quais vínhamos dialogando no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, fomos constituindo outras formas de pensar os corpos e os gêneros. Com isto, outras dúvidas e inquietações começaram a emergir. Questionamo-nos sobre a produção dos corpos, das masculinidades e das feminilidades no site de rede social *Orkut*, sobre as interações que aí se estabelecem, os efeitos que produzem nos sujeitos, que marcas inscrevem em seus corpos, que enunciados aí circulam e se produzem, que marcadores sociais de gênero são visibilizados e (re)produzidos, entre outros questionamentos. Com estas inquietações constituindo e direcionando nossos estudos e práticas, ingressamos no doutorado, no PPGEC.

Entendemos que as pesquisas nascem de inquietações e insatisfações com "verdades" estabelecidas e

⁵ www.orkut.com.br

⁶ www.facebook.com.br

[...] para alguém sentir e aceitar que está insatisfeita/o é necessário que, em outra esfera que não a dos dados ditos empíricos, sua experiência de pensamento engaje-se na criação de uma nova política de verdades, colocando em funcionamento outra máquina de pensar, de significar, de analisar, de desejar, de atribuir e produzir sentidos, de interrogar em que sentidos há sentidos (CORAZZA, 2007, p. 109).

Neste contexto, a pesquisa foi sendo produzida a partir das inquietações que fomos construindo ao longo da trajetória que aqui delineamos, decorrentes das posições e posturas que assumimos nos contextos nos quais transitamos e interagimos. Assim, o problema de pesquisa que deu origem a esta tese não foi "descoberto", não era algo que já estava no mundo, à espera de alguém que o encontrasse e buscasse respostas para estas questões. O problema de pesquisa foi engendrado, pois, de acordo com Costa: "Para um objeto ser pesquisado é preciso que uma mente inquiridora, munida de um aparato teórico fecundo, problematize algo de forma a constituí-lo em objeto de investigação " (2007, p. 148).

Deste modo, nosso problema de pesquisa foi fabricado a partir da articulação entre as vivências e teorias que foram nos subjetivando e gerando insatisfações com as verdades vigentes que produzem o corpo a partir do discurso da ciência, apresentando-o como sendo constituído por uma materialidade biológica que lhe é determinante e que institui as posições de gênero que cada sujeito deve ocupar. Tal discurso desconsidera outros significados e práticas que atuam na produção dos corpos e dos gêneros, tais como o consumo, a moda, os padrões de beleza, a indústria e o mercado *fitness*, as representações de saúde, qualidade de vida, entre outros, que circulam em inúmeras espaços, dentre eles, a internet e o site de rede social *Orkut*.

Dentre as diversas possibilidades de direcionamento que poderíamos conferir a um estudo que se propõe a discutir os corpos, focamos nosso olhar sobre as cirurgias plásticas, prática que vem crescendo em níveis mundiais ao longo dos anos - o Brasil ocupa o segundo lugar no *ranking* de cirurgias nessa área, ficando atrás apenas dos Estados Unidos⁷, - e ganhando visibilidade nas diversas mídias. Tal crescimento ancora-se nos valores da cultura contemporânea, que incita à visibilidade dos corpos, instituindo o cuidado corporal como um imperativo e a beleza como um demarcador do investimento que cada sujeito faz em si mesmo. De acordo com Courtine, o desenvolvimento das cirurgias plásticas constitui uma técnica de gerenciamento do corpo, sustentada "por uma obsessão dos invólucros corporais" (2005, P. 86), que busca livrar-se de tudo o que pode comprometer a aparência, como rugas,

⁷ Dados obtidos no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, disponível em <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/>. Acesso em 12 out. de 2010.

flacidez, gordura, cicatrizes e formas que "destoem" dos padrões de beleza culturalmente sancionados. Assim, homens e mulheres buscam, cada vez mais, esculpir cirurgicamente o corpo, de modo a ostentar a aparência que seja a expressão do autocuidado e do investimento que fazem em si mesmos. Segundo Couto (2004), vivemos um tempo em que só é feio/a quem quer e em que a promoção da beleza está por toda parte, associada à ideia de maleabilidade das formas físicas e ao entendimento de que é possível comprar a forma corporal desejada. Através das cirurgias plásticas, é possível remodelar a si mesmo, "aprimorando" aspectos que posicionavam o sujeito em um lugar marginalizado ou marcado como não desejável dentro dos grupos sociais. Ao remodelar o corpo, remodela-se, também, as marcas sociais de masculinidade e feminilidade e, com isso, aspectos da própria subjetividade.

Historicamente, os cuidados com o corpo e as preocupações associadas a beleza estão mais vinculados às mulheres. No entanto, o corpo dos homens também vem sendo alvo desses discursos, de modo que atitudes e posturas que eram consideradas, até então, como sendo apenas do universo feminino - uso de cosméticos, depilação, massagem, *lifting*, limpeza de pele, dietas alimentares, cirurgias plásticas estéticas, entre outras - têm sido adotadas, cada vez mais, pelos homens (SANT'ANNA, 2004). De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP, 2011) a procura de procedimentos cirúrgicos estéticos pelos homens vêm aumentando nos últimos anos, com um crescimento de 5% para 30% em cinco anos, de modo que de 650.000 (seiscentas e cinquenta mil) cirurgias realizadas, 119.000 (cento e dezenove mil) eram em homens. Apesar disso, existem poucos estudos que abordem as cirurgias plásticas estéticas do ponto de vista dos homens, o que nos mobilizou a pesquisar neste campo, deslocando o olhar das feminilidades - categoria com a qual geralmente se tem trabalhado nos estudos de gênero - em direção às masculinidades, buscando problematizar a constituição dos corpos masculinos através de práticas como a cirurgia plástica.

Considerando as discussões e proposições aqui apresentadas, desenvolvemos esta pesquisa com **o objetivo de investigar, nas comunidades que discutem cirurgias plásticas no site de rede social Orkut, os discursos que atuam na produção dos corpos dos homens, bem como os marcadores de gênero que neles se inscrevem.** Para tanto, analisamos a participação dos homens em 74 (setenta e quatro) comunidades, que têm como foco de discussão esse tipo de intervenção cirúrgica.

Ao transitar pelos caminhos da pesquisa a partir do campo teórico dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas, entendemos, assim como Meyer e Soares, que

[...] as pesquisas pós-estruturalistas se organizam por movimentos e deslocamentos, ao invés de priorizarem os pontos de chegada, e focalizam suas lentes nos processos e nas práticas, sempre múltiplas e conflitantes, que vão conformando os - e se conformando nos - próprios "caminhos investigativos". Assumir posturas como essas, entendendo-as como sendo interessantes e produtivas para os processo de pesquisar, não é, evidentemente, muito confortável. Ao contrário, elas desestabilizam nossas ancoragens teóricas e nossas certezas, nos colocam frente a frente com a parcialidade dos mundos que habitamos e nos confrontam com as nossas próprias incongruências (MEYER e SOARES, 2005, p. 42).

Neste sentido, ao longo desta tese, buscamos cartografar os caminhos percorridos, delineando as práticas a que procedemos, as formas que o processo investigativo foi assumindo e os deslocamentos que se fizeram necessários durante o processo de pesquisa. Tais deslocamentos foram desencadeados a partir dos primeiros movimentos de análise, em que nos deparamos com verdades vigentes - neste caso, a ciência como um campo hegemonicamente masculino - que produziram em nós outras inquietações e nos levaram a focar nossas lentes em outros pontos, olhando para o nosso *corpus* de pesquisa a partir de novos ângulos, ou seja, a partir das práticas de bioascese corporal (ORTEGA, 2008).

Ao produzirmos esta pesquisa, não tivemos a pretensão de estabelecer regimes de verdade, a partir dos quais se passe a pensar os corpos e as masculinidades daqui em diante. O que pretendemos foi contribuir para se repensar as práticas e processos que, na contemporaneidade, vêm engendrando os corpos e as masculinidades, possibilitando rupturas, fraturas e, quem sabe, a produção de outras subjetividades.

No capítulo a seguir, apresentamos os Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas, campo teórico no qual ancoramos esta prática de pesquisa, bem como os/as principais interlocutores/as com os/as quais dialogamos ao longo do processo investigativo.

3 AMIGOS/AS: INTERAÇÕES, DIÁLOGOS, TEORIZAÇÕES...

No desenvolvimento desta pesquisa, estabelecemos interações com diversos/as "amigos/as", constituindo uma comunidade de interlocutores/as, o que nos possibilitou tecer alguns diálogos e teorizações. Estes/as "amigos/as" foram sendo adicionados/as, assim como se faz no *Orkut*, a partir das relações que já existiam anteriormente a esta pesquisa - resultantes de encontros e desencontros com autores/as que se situam em diversos campos do saber - e também à medida em que fomos encontrando, em nossa trajetória investigativa, interlocutores/as que traziam contribuições para se pensar sobre os corpos, as cirurgias plásticas, as subjetividades e os gêneros, na contemporaneidade. Entendemos, assim como Meyer e Soares (2005, p. 41), que "[...] toda investigação se expressa e está marcada por incongruências e multiplicidades, por fragmentos de discursos que se cruzam; alguns desses fragmentos têm afinidades, outros são antagônicos; alguns compõem arranjos e outros escapam". Assim, as relações que estabelecemos com estes/as "amigos/as" - teóricos/as - resultam da nossa tentativa de compor um arranjo que nos possibilitasse ampliar o campo de visão em torno dos objetos de pesquisa, lançando mão das teorias como se fossem lentes que, dependendo do tipo e da forma com que são utilizadas, possibilitam ver os objetos com contornos, linhas e nuances diferentes.

As lentes teóricas que tomamos "emprestadas" de nossos/as amigos/as e interlocutores/as não foram selecionadas ao acaso. Elas fazem parte do contexto em que fomos constituindo nossa trajetória como pesquisadoras, a partir de determinadas posições que temos ocupado, marcando "[...] o lugar discursivo de onde saímos; de onde falamos e pensamos; também de onde somos faladas/os e pensadas/os; de onde descrevemos e classificamos a(s) realidade(s)" (CORAZZA, 2007, p. 121). Neste contexto, optamos por olhar para os nossos objetos com as lentes dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas, visto que este é o campo teórico a partir do qual temos desenvolvido nossos estudos e pesquisas já há alguns anos, decorrentes dos encontros e diálogos com autores/as desta área. Além disto, os Estudos Culturais, por preocuparam-se com os produtos da cultura popular e dos *mass media* (ESCOSTEGUY, 2004), constituem um campo produtivo para se proceder análises que tenham como campo empírico os sites de redes sociais, como o *Orkut*, visto que esses constituem fenômenos culturais contemporâneos, mediando e produzindo formas culturais, de relacionamento e de sociabilidade que até bem pouco tempo eram consideradas impossíveis e inimagináveis.

Apresentamos, a seguir, algumas teorizações que são decorrentes dos diálogos, interações, movimentos de aproximação e apropriação teórica com os/as autores/as - amigos/as - que contribuíram para a produção desta pesquisa. Inicialmente, delineamos o campo dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas. Em seguida, trazemos algumas ferramentas conceituais de Michel Foucault, como subjetividade, verdade, saber/poder e cuidado de si. Abordamos o deslocamento no entendimento de cuidado de si, das antigas asceses corporais em direção às práticas de bioascese (ORTEGA, 2008), dentre as quais destacamos, nesta pesquisa, as cirurgias plásticas. Por fim, discutimos o entendimento de corpo e gênero, de modo especial, o entendimento de masculinidades.

Ao proceder a estas teorizações, não tivemos a pretensão de realizar uma ampla revisão de tais conceitos e teorias. O que buscamos foi "[...]mostrar que certos conceitos são produtivos, que nos deixamos sujeitar por tais ou quais autores para questioná-los, para submeter suas concepções a um empírico que fervilha em nossas possibilidades de compreensão" (FISCHER, 2007, p. 59).

3.1 O CAMPO DOS ESTUDOS CULTURAIS

Os Estudos Culturais constituem um campo produtivo para se proceder estudos e pesquisas que envolvem fenômenos culturais contemporâneos, como os envolvidos nas novas formas de sociabilidade mediadas pela internet, visto que os processos culturais encontram-se imbricados nas relações sociais. Nas redes sociais da internet, como o *Orkut*, circulam e produzem-se significados culturais sobre os sujeitos, seus corpos e as masculinidades. Neste sentido, ao fazermos a opção por ancorarmos a pesquisa neste campo teórico, entendemos, de acordo com Johnson (2004), que as práticas sociais, como as interações que se estabelecem nas comunidades desse site, podem ser examinadas sob o ponto de vista cultural. Além disto, como os Estudos Culturais dizem respeito às formas subjetivas pelas quais vivemos, ou ainda, ao lado subjetivo das relações sociais (id.), além de buscar promover rupturas e problematizar categorias como a de gênero, por exemplo (COSTA, 2004), entendemos que constituem uma arena fértil para as discussões que estabelecemos ao longo desta pesquisa.

Os Estudos Culturais constituem um campo de estudos heterogêneo, de caráter interdisciplinar - e, até mesmo, antidisciplinar - caracterizado pela abertura e versatilidade teórica (JOHNSON, 2004), que tem como foco de análise os fenômenos culturais, ou seja, a

dimensão cultural existente nas práticas sociais, em sua articulação com o conhecimento e o poder. De acordo com Escosteguy,

[...] os Estudos Culturais devem ser vistos tanto sob o ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto sob o ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Sob o ponto de vista político os Estudos Culturais podem ser vistos como sinônimo de "correção política", podendo ser identificados como a política cultural dos vários movimentos culturais da época dos seu surgimento. Sob a perspectiva teórica, refletem a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade (2004, p.137).

Tomando-o a partir do ponto de vista teórico, este campo articula os conhecimentos provenientes de diversas disciplinas, na análise dos fenômenos culturais contemporâneos, sem se deixar enquadrar nas formas consagradas de ordenação do pensamento humano e sem a pretensão de constituir um outro campo disciplinar. Sua constituição dá-se, conforme pontua Costa (2004), a partir de saberes nômades, que migram de uma disciplina para outra, tendo como uma de suas questões centrais, as transformações no entendimento de cultura.

Este campo de estudos rejeita distinções arbitrárias de cultura, bem como a existência de um lugar privilegiado que sirva de parâmetro para a produção de conhecimento, questionando hierarquias políticas e sociais, a demarcação de binarismos como tradição e inovação, cultura de elite e cultura de massa e propondo a revisão de cânones estéticos e identitários que se apresentam como universais (ESCOSTEGUY, 2001). Os Estudos Culturais rejeitam, portanto, concepções que consolidam visões elitizadas e que instituem algumas formas culturais como sendo mais válidas do que outras, argumentando que "todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas" (NELSON, TRECHLER e GROSSBERG, 2005, p. 13). Com isto, promovem deslocamentos nos estudos da cultura, configurando o que Costa (2004) descreve como um movimento das margens para o centro, uma vez que negam a existência de um único ponto de referência que seja central para as análises culturais. Ao tecer estas discussões, a autora (id.) assinala a existência de três categorias para o entendimento de cultura: como um processo de aprimoramento a fim de alcançar valores que seriam universais; como o conjunto da produção intelectual e artística; como a descrição de modos de vida. Os Estudos Culturais fundamentam suas análises na terceira categoria, ou seja, na cultura como modo de vida.

Nesta perspectiva, a cultura pode ser entendida como o modo de vida de um determinado grupo social, englobando desde a produção de artefatos - músicas, objetos,

livros, revistas, sites de redes sociais, como o *Orkut*, etc. - até conjuntos de processos e práticas, como, por exemplo, linguagens, comportamentos, valores, cânones e estruturas de poder (HALL, 1997; NELSON, TREICHLER e GROSSBERG, 2005). A cultura é, ao mesmo tempo, produtora destes modos de vida e produzida por eles. Segundo Hall (1997), integrantes de uma mesma cultura partilham os significados que circulam em meio às suas práticas culturais. Tais práticas são entendidas como práticas de significação, uma vez que é através delas que os significados são produzidos, expressos e intercambiados entre os sujeitos. Assim, os diferentes grupos estabelecem seus modos de vida a partir dos significados que atribuem às coisas e do sentido que dão às suas ações, de modo que a cultura está diretamente relacionada ao "'dar e receber de significados' [...] e depende de que seus participantes interpretem de forma significativa o que esteja ocorrendo ao seu redor, e 'entendam' o mundo de forma geral semelhante" (ibid., p. 2). Segundo o autor, os significados culturais não são apenas formas de olhar e perceber as coisas do mundo, mas constituem práticas culturais que produzem efeitos nas condutas, organizando-as e regulando-as. Deste modo, as interações que se estabelecem nas comunidades do *Orkut* que discutem as cirurgias plásticas constituem práticas de significação que vão produzindo significados sobre esse tipo de modificação corporal. Ao partilharem suas dúvidas, expectativas e vivências, os homens que participam dessas comunidades partilham, também, significados sobre seus corpos, sobre a experiência de realizar uma plástica e sobre os efeitos que ela opera na sua subjetividade.

A arena cultural é marcada por relações de poder, constituindo um campo contestado de significações, pois é nele e através dele que os significados são definidos e fixados, num jogo em que diversos grupos sociais lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla (SILVA, 2002, JOHNSON, 2004). Assim, a cultura é um local de lutas sociais, marcado por tensões e conflitos de poder, que instituem o que é relevante e significativo culturalmente para cada grupo. O poder, nesse contexto, não é entendido como algo que está concentrando em um ponto ou em determinadas estruturas e instituições, como o Estado, nem é algo que se detém. O poder é capilar, encontra-se difuso em toda a estrutura social, como algo que se exerce, de forma relacional e assimétrica e que é produtivo, uma vez que produz saberes que são constituídos a partir de relações de poder. De acordo com Foucault, o poder envolve

[...] a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de suas lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si;

enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (2003, p. 88).

O poder, segundo Foucault (2003, 2004), não é uma instituição ou uma estrutura, nem encontra-se concentrado em um local ou emanando de determinado ponto; ele é estratégico, provém de todos os lugares e encontra-se disposto em feixes de relações em toda a estrutura social, configurado em práticas atravessadas por relações de poder.

Nessas práticas, somos constantemente interpelados e "bombardeados" por formações discursivas que, de acordo com Veiga-Neto, instituem "um conjunto de significados mais ou menos estáveis que, ao longo de um período de tempo, funcionará como um amplo domínio simbólico *no qual e através do qual* daremos sentido às nossas vidas. É esse *dar sentido* que faz de nós uma espécie cultural" (2004, p. 57). O autor destaca que a cultura deve ser pensada no domínio simbólico, ou seja, "como abstraímos e transferimos esses significados para outros contextos; e, ao fazermos essa transferência, como os ressignificamos" (ibid.).

Assim, em suas vertentes pós-estruturalistas, os Estudos Culturais teorizam sobre práticas de significação, entendendo que os significados são dados através da linguagem e que não são fixos, nem pré-existent mas, sim, fluidos, mutáveis, múltiplos, sendo construídos social e culturalmente e estando diretamente relacionados ao contexto de sua produção. O termo pós-estruturalismo não se associa à ideia de homogeneidade ou singularidade, sendo que os processos de significação, nesta perspectiva, são incertos, indetermináveis e instáveis. A linguagem, nesse contexto, constitui o mundo e os objetos à medida que fala sobre eles, de modo que o que ao falar sobre os corpos dos homens e as cirurgias plásticas, por exemplo, não estamos simplesmente descrevendo-os como "realmente" são. De acordo com Hall:

Damos significado às coisas através da forma como as representamos - as palavras que usamos, as histórias que contamos acerca destas coisas, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, os valores que lhes damos (1997, p. 3).

Assim, a linguagem que se utiliza para nomear, descrever e falar sobre os corpos masculinos e as cirurgias plásticas constitui significados sobre eles, produzindo-os no contexto de cada cultura. Linguagem e cultura constituem sistemas simbólicos "nos quais as inter-relações entre elementos que os constituem são vistas como mais importantes do que os elementos considerados isoladamente" (PETERS, 2000, p. 36). Os significados são produzidos e circulam através das práticas sociais, dentro de uma mesma cultura e entre culturas distintas, valendo-se de meios variados que promovem esse intercâmbio, tais como os

programas de TV, as músicas, as revistas, os jornais, as comunidades do *Orkut*, entre outros. Esses significados regulam práticas e condutas, atuando na produção dos sujeitos.

Segundo Peters, o pós-estruturalismo é um movimento de pensamento que questiona a constituição do sujeito, percebendo-o em relação com diferentes sistemas e estruturas. O autor caracteriza o sujeito pós-estruturalista como “descentrado e dependente do sistema lingüístico, um sujeito discursivamente constituído” (ibid., p. 33). Assim, o sujeito não possui uma origem, nem uma essência ou uma consciência centrada; ele é uma construção discursiva, uma construção histórica e cultural, uma invenção, efeito do discurso⁸ e do poder.

O pós-estruturalismo rejeita os significados transcendentais, questionando aquilo que é dado como "verdadeiro" e deslocando suas análises para os processos através dos quais algo é considerado como verdade. Não há a preocupação de "saber se algo é verdadeiro, mas, sim, de saber por que esse algo se tornou verdadeiro (SILVA, 2002, p. 124).

Tais concepções de sujeito e de verdade possibilitam fazer aproximações entre o pós-estruturalismo e o pensamento de Michel Foucault, conforme apresentamos a seguir.

3.2 ALGUMAS FERRAMENTAS FOUCAULTIANAS

As lentes dos Estudos Culturais que tomamos para olhar esta pesquisa, articulam-se a outras, como as que foram constituídas a partir de algumas ferramentas foucaultianas, dentre as quais o entendimento de subjetividade. Ao longo de sua produção, Foucault preocupou-se com a constituição do sujeito, tomando como eixo a questão de Nietzsche: Como nos tornamos aquilo que somos? Para o autor, assim como para o pensamento pós-estruturalista, não existe um sujeito transcendental, unificado ao redor de um "eu" coerente e com uma essência perene. Os sujeitos são produzidos a partir de processos de objetivação e de subjetivação. Os processos de objetivação são constituídos por um conjunto de práticas, estratégias e técnicas disciplinares para produzir conhecimentos sobre o sujeito e seu corpo, a fim de classificá-lo, posicioná-lo, corrigi-lo e governá-lo. Os processos de subjetivação dizem respeito às práticas através das quais o indivíduo se reconhece como sujeito, vinculado a uma identidade que reconhece como sua (FOUCAULT, 1995, 2010; DREYFUS e RABINOW,

⁸ O entendimento de discurso será abordado no capítulo que apresenta as ferramentas metodológicas da pesquisa.

1995). O sujeito, neste sentido, é efeito de uma constituição, de modo que existem diferentes formas de subjetividade, situadas e contingentes.

Ao longo de sua obra, Foucault analisou a produção do sujeito a partir das articulações entre três eixos: saber, poder e ética; ou ainda, nas suas relações com o saber (constituindo-se como sujeitos de conhecimento), com o poder (sujeitos de ações sobre os outros) e consigo mesmo (sujeito de ações sobre si). Entendemos que estes três eixos articulam-se em processos de objetivação e subjetivação que atuam de diferentes modos sobre os indivíduos, produzindo-os como sujeitos. Nesta pesquisa, lançamos nosso olhar sobre os processos de subjetivação, entendendo que os modos de participar e interagir, bem como as narrativas compartilhadas nas comunidades do *Orkut*, constituem práticas de subjetivação que produzem efeitos na constituição dos sujeitos que nelas interagem.

Foucault aponta dois significados para a palavra sujeito: "sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a" (1995, p. 235). Ao fazer essa análise, destaca que existem três tipos de lutas sociais, que se combinam e se estabelecem através de conjuntos de técnicas, que variam em distribuição e intensidade nos diversos momentos históricos: luta contra as formas de dominação (econômica, religiosa, de gênero e étnico-racial); luta contra a exploração (no campo do trabalho, que separa o indivíduo daquilo que ele produz); luta contra a sujeição (contra aquilo que prende o indivíduo a si mesmo e o submete aos outros). Tais lutas se estabelecem a partir de conjuntos de técnicas que predominam nas nossas sociedades, permitindo a utilização de sistemas de signos, a determinação de condutas, a imposição de certas vontades, a submissão a certos objetivos, a produção, transformação e manipulação de objetos, etc (FOUCAULT, 1995). Além dessas técnicas, Foucault destaca que existem, em todos os tipos de sociedade,

[...] técnicas que permitem aos indivíduos realizarem, por eles mesmo, um certo número de operações sobre seus próprios corpos, suas próprias almas, sobre seus próprios pensamentos, suas próprias condutas, e isso de maneira a transformarem a si mesmos, de modificarem a si mesmos e a atingirem um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural e assim por diante. Chamemos esse tipo de técnicas de técnicas ou tecnologias de si (2011, p. 155).

Ao analisar a constituição do sujeito, Foucault aponta para a importância de se considerar as articulações entre as técnicas de dominação e as técnicas de si, ou seja, as inter-relações entre as formas com que cada indivíduo se dirige e age sobre si mesmo, e as

tecnologias empregadas para coerção e dominação. Em outras palavras: "O encontro entre as maneiras pelas quais os indivíduos são dirigidos por outros e os modos como conduzem a si mesmos" (id.). Tal encontro constitui o que o autor chamou de governo, de modo que governar pessoas implica em "um ponto de equilíbrio, com complementaridades e conflitos entre técnicas que garantem a coerção e os processos pelos quais o sujeito é construído e modificado por ele mesmo" (ibid., p. 156). Em sua produção, Foucault inicialmente analisa o governo a partir das técnicas de dominação, fazendo, posteriormente, um deslocamento em direção às técnicas de si. Ao proceder dessa maneira, destaca a importância de procedimentos como a confissão e o exame de si, que possibilitam a produção de verdades sobre si mesmo, que devem ser declaradas "em voz alta e de forma inteligível" (ibid., p. 150).

Tais verdades não são tomadas como a reverberação da essência do sujeito, daquilo que ele descobre sobre si mesmo, uma manifestação do seu "verdadeiro" eu. Para Foucault:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a coerções múltiplas. E ela possui nele [mundo] efeitos regrados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" da verdade, isto é, os tipos de discurso que ela aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdadeiro (2009).

Neste sentido, as verdades são produzidas a partir de conjuntos de técnicas e procedimentos, estando ligadas aos mecanismos de poder que as engendram e as mantêm, bem como aos efeitos de poder que elas induzem e que a acompanham, instituindo regras para a produção, circulação e funcionamento dos enunciados⁹ que são considerados como verdadeiros ou falsos em cada sociedade (ibid.). De acordo com o autor, a distinção entre o que é considerado verdadeiro ou falso, ou seja, a vontade de saber que constitui a vontade de verdade tem, como suporte diversas práticas, instituições e artefatos, como a pedagogia, a edição dos livros, as bibliotecas, a ciência, os laboratórios, entre outros, sendo também "reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado numa sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído" (2004a, p. 17). Essa vontade de verdade, apoiada institucionalmente, atua como uma "polícia discursiva", exercendo sobre os discursos um poder de coerção e instituindo determinadas regras que devem ser postas em funcionamento, a fim de que ele seja considerado verdadeiro (ibid.).

⁹ O entendimento de enunciado será abordado no capítulo referente à metodologia da pesquisa.

Em suas análises e discussões, Foucault buscou "[...] fazer a história de como nos constituímos sujeitos de verdade (ou de como nos assujeitamos às verdades de nosso tempo, ou ainda de como não cansamos de buscar discursos verdadeiros que nos constituam)" (FISCHER, 2007, p. 40). Tal constituição dá-se através dos jogos de verdade, entendidos como "os jogos do verdadeiro e do falso através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, ou seja, como podendo e devendo ser pensado" (FOUCAULT, 2004b, p. 194), envolvendo as formas como cada um se produz e se percebe como sujeito.

Ao analisar as técnicas de si como procedimentos que possibilitam a produção de verdades sobre si mesmo, Foucault (1997, 2010a) aponta que, desde a antiguidade clássica ou tardia, havia um conjunto de práticas que diziam respeito ao cuidado de si e sua articulação com o conhecimento de si. Ocupar-se de si mesmo, cuidar-se, vigiar-se eram princípios necessários para se obter virtudes morais. Para tanto, era importante conhecer-se, vigiar-se, buscar dentro de si todo e qualquer vestígio de "falhas" ou "manchas" que pudessem desviar o sujeito do caminho da virtude. O cuidado de si constituía, nesse contexto, uma conversão do olhar em direção a si mesmo, um modo de se relacionar com o mundo e com os outros que implicava em estar atento e vigilante ao que se passava ao nível do pensamento, envolvendo "[...] ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos" (FOUCAULT, 2010a, p. 12).

Foucault (1997) destaca que a concepção de cuidado de si, envolvendo um conjunto de práticas, designadas como ascese, aparece na filosofia grega, romana e helenística. Tal concepção não constitui um preceito que teve origem no campo filosófico, mas um preceito de vida, sendo que a filosofia transpôs para a sua arena um valor social que era difundido na antiguidade: ocupar-se de si mesmo constituía um privilégio reservado àqueles/as que desfrutavam de riquezas e dispunham de tempo para cuidarem de si, uma vez que podiam contar com outros indivíduos - os que precisavam trabalhar para poder sobreviver - para cuidarem de seus bens e afazeres domésticos. Ao transpor tal preceito para o seu campo, a filosofia converteu o cuidado de si em "[...] um dever e uma técnica, uma obrigação fundamental e um conjunto de procedimentos cuidadosamente elaborados" (ibid., p. 122). Assim, cuidar de si é um modo de se viver, de "[...] ocupar-se de si, por si mesmo. Deve-se ser, para si mesmo e ao longo de toda sua existência, seu próprio objeto" (ibid., p. 123).

O princípio do cuidado de si também se fez presente no ascetismo cristão. No entanto, a noção de ascese, tal como era entendida pelos filósofos gregos, difere do entendimento de ascese da concepção cristã. O ascetismo filosófico envolvia a conversão a si mesmo, a prática

de si, colocando-se como principal finalidade a constituição do sujeito por si mesmo, como fim e objeto de uma arte de viver e tendo como um dos seus princípios fundamentais a ligação do indivíduo à verdade. Cuidar de si, autogovernar-se era uma condição para se governar os outros (a mulher, os filhos, a casa, a cidade...). A ascese, vista nesta perspectiva, seria o que possibilita ter acesso aos discursos verdadeiros, tornando a si mesmo o sujeito desses discursos, assegurando o que Foucault chamou de "subjetivação do discurso verdadeiro [...]". Ela faz com que eu mesmo possa sustentar esse discurso verdadeiro, ela faz com que me torne o sujeito de enunciação do discurso verdadeiro" (2010a, p. 296). Trata-se da "subjetivação de um discurso verdadeiro em uma prática e em um exercício de si sobre si" (ibid., p. 297). Tais práticas e exercícios visavam o estabelecimento de relações plenas consigo mesmo e a constituição de si, possibilitando a transformação do sujeito, que consiste na felicidade de estar consigo. Já na ascese cristã, o cuidado de si tem por objetivo a renúncia a si mesmo, na medida em que o indivíduo torna-se objeto de si num discurso verdadeiro, como a confissão, por exemplo. Confessar-se, objetificar-se num discurso que carrega a verdade sobre si, a fim de encontrar as falhas, os erros, os pecados e a eles renunciar, em busca do caminho da virtude e da purificação. Esse é o princípio do ascetismo cristão. Nesta perspectiva, cuidar de si e vigiar-se tem como propósito renunciar a si mesmo e cuidar dos outros (caridade, doação) para obter a salvação.

Ainda que com objetivos diferentes, ambos os tipos de ascese, entendidos como práticas de si, envolvem a "[...] intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos" (FOUCAULT, 2007, p. 47), envolvendo atitudes de combate permanente para a eliminação de "maus hábitos". Além disso, Foucault destaca que, a partir da noção de cuidado de si

temos todo um *corpus* definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das nações ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade (2010a, p. 12).

Na contemporaneidade, o cuidado de si vem sofrendo deslocamentos, deixando de ter como foco os princípios ascéticos, quer sejam os da ascese filosófica ou os da ascese cristã, em direção aos cuidados com o corpo físico (SIBILIA, 2009). Tal deslocamento constitui o que Ortega (2008) chamou de bioascese corporal e esta foi outra lente teórica da qual nos valem para olhar os dados da pesquisa, entendendo que as cirurgias plásticas constituem práticas bioascéticas.

3.3 DAS ANTIGAS ASCESES À BIOASCESE CORPORAL

Tanto nas práticas ascéticas da antiguidade quanto nas cristãs, o corpo era alvo de intervenções e procedimentos que tinham como objetivo a ascese da alma, ou seja, cuidava-se do corpo para garantir a salvação do espírito. Segundo Ortega, "[...] a ascese corporal aparece vinculada a uma ascese espiritual -, como prova de capacitação para a vida pública, de contato com a divindade ou da superação da condição humana individual e da adoção da perspectiva da natureza universal" (2008, p, 28). Nesse contexto, o corpo tinha um valor simbólico, não constituindo um fim em si mesmo, mas o meio através do qual se exerciam as práticas de cuidado de si, a fim de obter legitimidade para "[...] se ocupar dos assuntos públicos, atingir um conhecimento de si, ou se auto-anular na procura do acesso a Deus" (ibid.). A ascese, vista nesta perspectiva, está a serviço de uma vontade livre e absoluta, que tem a si mesmo como objetivo e se mostra constante.

No mundo contemporâneo, vem ocorrendo rupturas e deslocamentos nas práticas ascéticas. A ascese corporal deixa de ser um meio para se atingir a ascese espiritual ou moral e torna-se um fim em si mesma. O corpo torna-se o alvo principal das práticas de si, de modo que as subjetividades são encarnadas no corpo, exibindo-se ao nível da pele, num processo que Ortega chamou de somatização da subjetividade, em que "[...] o corpo é reinventado como objeto de visão" (2008, p. 42). Neste sentido, "[...] o corpo torna-se o lugar da moral, é seu fundamento último e matriz da identidade pessoal" (ibid., p. 40). As bioasceses são, portanto, formas de ascese contemporâneas que, através de um conjunto de práticas, atuam na produção de subjetividades, que se exibem nas superfícies dos corpos. Assim, há um deslocamento na construção do eu, que deixa de ter a interioridade como eixo central e passa a se estruturar em torno daquilo que é visível ao olhar dos/as outros/as, ou seja, do corpo, que pode ser produzido e moldado, a fim de se enquadrar nos padrões de subjetividade e felicidade apresentados nas diferentes mídias (SIBILIA, 2008).

Segundo Ortega (2008), as práticas de si contemporâneas deixam de ser vinculadas à vontade livre e passam a constituir práticas de "assujeitamento" e disciplinamento: "[...] encontramos na maioria das práticas de bioascese uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando a procura da saúde e do corpo perfeito" (2008, p. 20). Longevidade, performance corporal e juventude são alguns dos critérios que passaram a ser valorizados para se alcançar reconhecimento e mérito social, direcionando e condicionando ações e condutas. Os sujeitos da bioascese são

peritos de si mesmos, exercendo a autovigilância, o autogoverno e o autocontrole e tendo "[...] no corpo e no ato de se periciar a fonte básica de sua identidade" (ibid., p. 32). O autor destaca que, para exercer o autogoverno, é necessário manter uma postura reflexiva, constituindo uma reflexividade corporal na medida em que se faz uma seleção dos estilos de vida, dos alimentos a serem consumidos, das intervenções que se faz sobre o corpo, dos hábitos de vida que se adota, das práticas esportivas que se pratica, etc. Essa reflexividade corporal, associada às práticas de bioescese - tais como dieta, *fitness*, cirurgias plásticas, entre outras - atuam na constituição das subjetividades.

Para Sibilia:

Nesse novo contexto, o aspecto corporal assume um valor fundamental: mais do que um suporte para acolher um tesouro interior que devia ser auscultado por meio de complexas práticas introspectivas, o corpo se torna uma espécie de objeto de design. É preciso exibir na pele a personalidade de cada um, e essa exposição deve respeitar certos requisitos. As telas - sejam do computador, da televisão, do celular, da câmera de fotos ou da mídia que for - expandem o campo de visibilidade, esse espaço onde cada um pode se construir como uma subjetividade alterdirigida. A profusão de telas multiplica ao infinito as possibilidades de se exibir diante dos olhos alheios e, desse modo, tornar-se um *eu* visível (2008, p. 111).

Assim, os sites de redes sociais como o *Orkut*, que constituiu o campo empírico desta pesquisa, ampliam o campo de visibilidade em que cada um/a pode se exibir e constituir subjetividades alterdirigidas, ou seja, construções de si que são orientadas pelos olhares dos/as outros/as. A autora destaca que, nessa cultura das aparências, cada vez mais é preciso aparecer para ser e tudo aquilo que não é visto, que não é colocado no campo das visibilidades, tende a desaparecer, afinal, "de acordo com as premissas básicas da sociedade do espetáculo e da moral da visibilidade, se ninguém vê alguma coisa é bem provável que essa coisa não exista" (ibid.).

Na cultura contemporânea, em que se incita à visibilidade e à espetacularização dos corpos, enfatiza-se que os sujeitos são resultantes de suas escolhas e responsáveis pelo cuidado de si, de modo que "somos os responsáveis por nós mesmos, pelo nosso corpo, pela saúde e pela beleza que temos ou deixamos de ter" (GOELLNER, 2007, p. 39). Neste sentido, buscar o autoaperfeiçoamento corporal individual torna-se uma obrigação, um indicador de autonomia, de aptidão e de que se exerce um autogoverno eficiente, pois, conforme destaca Ortega: "Mediante as numerosas práticas bioascéticas, o indivíduo demonstra sua competência para cuidar de si e construir sua identidade (2008, p. 33). As cirurgias plásticas constituem, nesse contexto, uma prática de bioescese que possibilita o autoaperfeiçoamento individual e a construção do corpo considerado perfeito.

O imperativo do cuidado de si através das práticas bioascéticas requer a autovigilância e uma disciplina rigorosa: "Ao narcisismo próprio de uma sociedade hedonista da busca do prazer e do consumo desenfreado, foi acrescentado o imperativo da disciplina e do controle corporal, provocando uma ansiedade e um sentimento de ambivalência" (ORTEGA, 2008). Esse sentimento de ambivalência vem associado à ansiedade, pois ao mesmo tempo que se incita a busca da saúde perfeita, da beleza e do *fitness*, proliferam produtos e serviços que se oferecem aos consumidores com apelos irresistíveis, como os *fast foods*, as drogas sintéticas, as opções de lazer e sociabilidade mediadas pelas telas de computadores, *tablets*, *smartphones*, *smart TV*, entre outros, produzindo comodidades e estilos de vida que levam ao sedentarismo. Para Ortega: "Cuidado de si e descuido insensato, bioascese e descontrole pulsional são dois lados da mesma moeda" (2008, p. 38). Além disso, segundo o autor:

A disciplina exigida, tarefa das bioasceses, ocupa, cada vez mais, um lugar central, relegando a um segundo plano os elementos hedonistas constatados por numerosos teóricos, já que a necessidade de dietas sem gordura, sexo seguro e malhações intermináveis colocaram novas coações ao prazer pós-moderno (ibid.).

Ortega destaca que a disciplina, nesse contexto, visa menos a saúde do que a produção de uma aparência corporal considerada desejável, sendo que a aparência e a ilusão de saúde são o que contam, de modo que "a disciplina presente nas bioasceses é o meio e o preço a ser pago para atingirmos os ideais da perfeição corporal" (ibid., p. 40). Nas práticas contemporâneas, o cuidar de si está associado a ostentar uma "boa aparência" e não necessariamente ao "sentir-se bem". Para tanto, vale qualquer sacrifício, desde práticas de *body building* até intervenções cirúrgicas, como as plásticas estéticas.

3.4 AS CIRURGIAS PLÁSTICAS COMO PRÁTICAS DE BIOASCESE

As cirurgias plásticas constituem práticas de bioascese que vêm ganhando cada vez mais adeptos em nossa sociedade. Num tempo em que a subjetividade está encarnada no corpo e que a visibilidade vem constituindo condição de existência - só existimos à medida que somos visíveis aos olhos dos/as outros/as - a possibilidade de projetar o corpo e moldar sua aparência através desse tipo de intervenção é algo tentador e objeto de desejo de muitos

sujeitos. Uma vez que o corpo é o alvo e o fim do cuidado de si das práticas bioascéticas, metamorfosear a aparência corporal não constitui apenas um processo de alteração de características físicas, mas uma prática que opera mudanças na própria subjetividade. De acordo com Le Breton:

A vontade está na preocupação de modificar o olhar dos outros a fim de sentir-se plenamente. Ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de identidade. A cirurgia estética não é a metamorfose banal de uma característica física no rosto ou no corpo; ela opera, em primeiro lugar, no imaginário e exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo. Dispensando um corpo antigo mal amado, a pessoa goza antecipadamente de um novo nascimento, de um novo estado civil. A cirurgia estética oferece um exemplo impressionante da consideração social do corpo como um artefato da presença e vetor de uma identidade ostentada (2007, p. 30).

Nesse contexto, ao modificar um aspecto corporal considerado "indesejável", o indivíduo passa por um processo de reconfiguração ou de metamorfose, que produz efeitos na forma com que se percebe e se relaciona com os outros sujeitos e com o mundo. Esse processo muda o olhar dos/as outros/as sobre si e muda, também, o seu olhar sobre si mesmo. Esse "novo eu" modelado cirurgicamente visibiliza o trabalho feito sobre si, dando indícios de seu autogoverno e autocuidado na produção de sua subjetividade, que se expressa na superfície do corpo. Segundo Couto:

A subjetividade contemporânea parece estar intimamente associada a cada centímetro, conquistado ou eliminado, de bíceps, bustos, cinturas, coxas, nádegas transformados com os exercícios físicos, mas especialmente pelo poder dos bisturis que acrescentam e/ou retiram pedaços para que o corpo astucioso atinja a forma desejada, possa se adequar a normas mutantes. (2004, p. 142).

Deste modo, as cirurgias plásticas, como práticas bioascéticas, possibilitam reinventar-se e perseguir os modelos de beleza e perfeição que a todo momento são visibilizados nas diferentes mídias, convertendo-se em objetos de admiração e desejo de inúmeras pessoas. Tal possibilidade de reinventar-se associa-se à ideia da maleabilidade do corpo e da liberdade de cada sujeito (re)inventar seus próprios "[...] padrões de normalidade, seu *eu* e seu corpo, mas, também para apagar as diferenças entre *o que é bom e o que é melhor*. Terrível problema este: desconhecer a diferença entre o que é bom e o que é melhor" (SANT'ANNA, 2008, p. 94). Nesse cenário de múltiplas possibilidades de transformar o corpo, abrem-se também inúmeras possibilidades de escolha entre "o que é bom" e o "que é melhor", num processo de fabricação das aparências, ao final do qual deve-se mostrar que se fez a escolha "certa", que se investiu de forma eficiente na produção de si.

Em todos os lugares vê-se a promoção da beleza e da boa aparência serem associadas a saúde e qualidade de vida, responsabilizando os sujeitos por aquilo que aparentam e, conseqüentemente, por aquilo que são ou que fizeram de si mesmos. Num mundo em que só é feio quem "quer", visto que a beleza é resultante de escolhas individuais, de autocontrole, autovigilância e autogoverno, há de se investir na produção do corpo, lançando mão de práticas de bioascese como a plástica estética, a fim de aprimorar-se e de converter-se num sujeito "melhor". Tal entendimento provoca alguns deslocamentos na noção de deficiência, conforme pontua Couto:

[...] a noção de deficiência mudou. Não só os portadores de anomalias, defeitos mórbidos, etc., passam a ser considerados grosseiramente obscenos. Na escalada da obscenidade estão todos aqueles que não têm o corpo suficientemente equipado, esculpido e preservado pelas próteses e demais tecnologias protetoras e promotoras de novos reflexos e estímulos físicos e mentais (2004, p. 146).

Por toda parte, promove-se a beleza e a plasticidade das formas, vinculando-as à ideia de que é possível mudar o corpo de múltiplas maneiras, livrando-se das "deficiências" e produzindo um novo eu que corresponda à imagem que se tem de beleza e perfeição. Para Couto, não existem modelos únicos de beleza e perfeição mas, sim, a ilusão do perfeito, do belo, do vigoroso e do jovem: "Belo, vigoroso e jovem, eficiente e apreciado, é o corpo que não cessa de ser atualizado, independente da forma provisória que ele adquire e da qual já pretende se livrar" (2004, p. 147). Logo, não basta modificar a aparência para se adequar a determinados padrões; é preciso estar em constante movimento, em incessantes processos de busca pela forma corporal que dê conta de exibir aquilo que cada um/a é, ainda que provisoriamente. Assim, o cuidado de si envolvendo práticas de bioascese requer disciplina e autogoverno eficientes, abrangendo processos contínuos de fabricação de si.

Nesse cenário, multiplicam-se os procedimentos e técnicas cirúrgicas de que se pode lançar mão na produção de si. Sant'anna destaca que vem ocorrendo uma espantosa massificação e naturalização das cirurgias plásticas, conferindo ao corpo um lugar de destaque nas práticas de si, como se fosse através do corpo que os sujeitos pudessem "[...] expressar o melhor deles mesmos e obter uma salvação na terra; e, ainda, como se fosse por meio do corpo que o acesso aos desejos inconscientes e à 'verdadeira subjetividade humana' pudesse ser completamente conquistado" (2004, p. 111). Tal massificação na procura por esse tipo de procedimento pode ser observada a partir dos dados¹⁰ da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica - SBCP - que apontam o Brasil como o segundo país em que mais se realizam

¹⁰ Disponível em www.cirurgiaplastica.org.br

cirurgias estéticas, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Em 2010, por exemplo, de acordo com a SBCP (2011), foram realizadas 650.000 (seiscentas e cinquenta mil) cirurgias plásticas, sendo que desse total cerca de 69% foram com objetivos estéticos e 31 % com fins reparadores. Tais dados apontam para a procura, cada vez maior, por intervenções estéticas como forma de remodelar a aparência, constituindo o campo das cirurgias plásticas como uma área da medicina que se destina a pacientes que não estão doentes, mas querem modificar sua aparência, sua identidade, sua relação com o mundo de forma imediata, com urgência nos resultados. Desse modo, as plásticas estéticas seriam operações simbólicas, meios "[...] de transformação de si e de criação de uma obra de arte que se identifica à forma física do próprio sujeito" (LE BRETON, 2007, p. 47).

Numa sociedade em que o cuidado com o corpo é considerado uma obrigação e uma prioridade, não existem desculpas para não se buscar aprimorar as formas e modelar as aparências. As clínicas de cirurgias plásticas constituem um grande mercado de *design* corporal, em que tudo pode ser comprado, com condições de pagamento facilitadas - parcelamentos em cheques pré-datados, cartões de crédito, carnês e até mesmo consórcios são cada vez mais comuns. E se ainda assim não for possível, existem outros caminhos a se tentar, como os buscados por alguns sujeitos desta pesquisa - pleitear a realização dos procedimentos em hospitais públicos, buscar convênios, etc. Metamorfosar constantemente o corpo parece ser a nova ordem, buscando, a cada momento, performances e aparências que melhor correspondam aos ideais momentâneos (COUTO, 2006). É um tempo de ambiguidade, baseado mais na frustração dos desejos do que na sua satisfação, pois, segundo Couto:

Quanto mais se deseja e se constrói a qualquer preço a juventude, mais se envelhece. Valoriza-se tanto o corpo esbelto e nunca a obesidade foi tamanha. Exalta-se a rigidez muscular e as carnes são progressivamente mais flácidas. Celebra-se tanto a juventude quanto a decrepitude física e o envelhecimento se apresentam e nos surpreendem de diversas maneiras, ininterruptamente. Em nome do bem-estar e do amor próprio, cada um pretende o que existe de melhor e de mais belo, quer o gozo sem limites das maravilhas do mundo e do corpo tecnológico. Mas tem que conviver com a sensação de que ainda não promoveu, conquistou e gozou o suficiente, de que ainda não está em posição digna, de que o corpo aberto e sem fronteiras requer urgentemente novos e infindáveis investimentos. Por mais que se corra e se modifique, tem-se a sensação de ficar para trás, em *designs* físicos já vencidos. A felicidade é obrigada a conviver com a ansiedade também sem limites (id., p. 34).

Cuidar do corpo, lançando mão de práticas bioascéticas - *fitness*, *body building*, cirurgias plásticas, cosméticos... - é um investimento sem fim, uma vez que cada nova versão

de corpo conquistada torna-se ultrapassada rapidamente, desatualizada diante de novas possibilidades de transformação que são disponibilizadas no mercado o que, segundo Couto, constitui um paradoxo: "Quanto mais o corpo é tecnicamente aperfeiçoado, mais anacrônico se torna" (2006, p. 33).

O corpo, nesse contexto, é visto como "[...] 'matéria-prima' ou como máquina imperfeita e frágil que pode ser reconstruída e tornada 'perfeita' pela ciência/tecnologia" (CABEDA, 2004, p. 315). Ao reconstruir e aperfeiçoar o corpo, espera-se aperfeiçoar, também, aspectos do próprio sujeito, da sua subjetividade. Assim, nesta pesquisa, estamos entendendo o corpo para além de sua materialidade biológica, como sendo um constructo biossocial, produzido e transformado a partir de práticas sociais, enunciados científicos e discursos que circulam e se correlacionam na trama social (SOUZA, 2007). De acordo com Sant'anna:

Somos e temos um corpo que nos acompanha do nascimento à morte. Mas, ao mesmo tempo, este corpo que somos não cessa de nos surpreender e inquietar. Ele nos é familiar e, igualmente, um grande desconhecido. Entendê-lo é um eterno desafio. Controlá-lo, uma tarefa infinita. Frequentemente vasculhado, nunca, contudo, totalmente compreendido. Jamais em rascunho, em nenhum momento, porém, acabado (2004, p. 107).

Pensar o corpo como construído nas práticas sociais e como um projeto nunca acabado não implica em negar a materialidade biológica que o constitui; implica, sim, no entendimento de que sobre essa materialidade inscrevem-se discursos, acontecimentos e práticas que os constituem, regulam e posicionam de distintas formas, nos diversos contextos sociais. Neste sentido, de acordo com Foucault, sobre o corpo fixam-se as marcas dos acontecimentos "[...] do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito" (2004, p. 22).

Assim, o corpo ostenta os marcadores sociais - de gênero, sexuais, geracionais, profissionais, familiares, étnico-raciais, de classe social, entre outros - decorrentes de uma rede de estratégias¹¹ que o constituem e regulam, ao longo de toda a vida. Esses marcadores, entendidos como os símbolos culturais que contribuem para diferenciar, agrupar, classificar e ordenar, inscrevem-se fundamentalmente no corpo, produzindo-o e instituindo seus lugares sociais (VEIGA-NETO, 2002). Inúmeras instâncias e instituições encontram-se implicadas na produção dos discursos que fabricam esses marcadores sociais, dentre as quais podemos citar

¹¹ Entendemos estratégia como o conjunto dos meios que possibilitam a manutenção e/ou o funcionamento de dispositivos de poder (FOUCAULT, 1995).

a escola, a família, a mídia, a religião, a política, entre outras. Nessas instâncias funcionam pedagogias culturais que, segundo Santos “capturam sentidos que circulam na cultura, ressignificando-os, bem como impondo outros através de suas intrincadas redes de poder” (2000, p. 196). No entanto, esses significados não são compreendidos por todas as pessoas da mesma forma. Visto que as práticas culturais colocam objetos no mundo, eles variam em função de diversos marcadores sociais - como de gênero, sexuais, étnico-raciais, etc. - podendo variar, inclusive, dentro do mesmo grupo. O autor destaca que essas pedagogias culturais são, também, pedagogias corporais, pois “‘prescrevem’ modos de ser que, antes que naturais, são produzidos ativamente pelos modos como (re)apresentam os sujeitos” (id., p. 197). Assim, entendemos que no *Orkut* atuam pedagogias culturais que ensinam, aos sujeitos que nela interagem, significados sobre os sujeitos e seus corpos, bem como sobre as cirurgias plásticas.

Nesta pesquisa, focamos nosso olhar sobre os marcadores de gênero, entendendo que as representações de masculinidade e feminilidade associadas ao corpo também são construídas culturalmente (GOELLNER, 2008) e encontram-se imbricadas com outros marcadores sociais, engendrando subjetividades.

3.5 GÊNERO NA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA

O entendimento de gênero, na perspectiva pós-estruturalista, está relacionado às diversas formas de viver a masculinidade e a feminilidade, bem como aos significados atribuídos a homens e mulheres em cada cultura (LOURO, 2000, 2004, 2007). Neste sentido, os gêneros são construções socioculturais e linguísticas, implicadas em “processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade” (MEYER, 2003, p. 16). Ao abordar gênero nesta perspectiva, não estamos negando a materialidade biológica ou os corpos sexuados, a partir dos quais as masculinidades e feminilidades se constituem. O que buscamos é contribuir para a problematização de concepções que justificam através da biologia as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. Não são as características biológicas que vão determinar os significados de ser mulher ou de ser homem e, sim, as formas como essas características são valorizadas ou representadas em cada sociedade, em determinado momento histórico, que acabam por

constituir os gêneros (LOURO, 2004). Assim, é no campo social que se constroem e reproduzem-se as relações entre os sujeitos e, neste sentido, as justificativas para as desigualdades entre homens e mulheres devem ser buscadas na história, na estrutura social, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas com que as masculinidades e a feminilidades são (re)significadas.

Ao considerar gênero como construção sociocultural, entendemos que não existe uma única forma de viver a masculinidade e a feminilidade; os diversos contextos sociais produzem múltiplos significados e representações de masculino e feminino que vão constituindo sujeitos generificados¹². De acordo com Seffner, "é a cultura que cria homens e mulheres, e as maneiras de viver o masculino e o feminino são radicalmente diferentes de lugar a lugar, de tempo a tempo" (2003, p. 106). Nesse contexto, no interior de uma mesma cultura as representações de gênero podem ser diversificadas, variando de acordo com as classes sociais, etnias e religiões que a compõem, sendo atravessadas por complexas redes de poder que estabelecem hierarquias entre os gêneros (LOURO, 2004). Além disso, os sujeitos se constituem como homens e mulheres através de diversas práticas e instituições sociais, em processos que não são harmoniosos, lineares ou progressivos e que nunca estão finalizados (MEYER, 2003).

As marcas de gênero, assim como os demais marcadores sociais, vão sendo inscritos nos corpos, configurando sujeitos masculinos e femininos. De acordo com Louro, "em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjanando e desarranjanando seus lugares, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo" (2004, p. 28). Segundo a autora (2007), tal processo de constituição não se dá passivamente, como se o sujeito fosse um mero receptor dos significados e alvo inerte das estratégias de poder que lhe instituem marcas sociais. A produção dos sujeitos e dos marcadores sociais é um processo do qual participam múltiplas instâncias - família, escola, mídia, religião, entre outras - que, ao exercerem pedagogias de gênero, colocam em ação estratégias de governo. Estas estratégias se efetivam a partir de tecnologias de autogoverno e autodisciplinamento que os sujeitos exercem sobre si mesmos e, portanto, há um autoinvestimento contínuo para a produção de modos de ser homem ou mulher. Além disso, de acordo com Medrado e Lyra, "o gênero não pode ser pensado como entidade em si, mas como construções interdependentes" (2011, p. 819), de modo que os sujeitos são produzidos e marcados como masculinos e femininos a

¹² Generificado significa, nesse contexto, atravessado por representações de gênero (LOURO, 2000, 2001, 2004).

partir das interações que estabelecem - entre homens e mulheres; homens e homens; mulheres e mulheres - e dos discursos e práticas - enunciados científicos, proposições filosóficas e morais, leis, etc. - que os regulam, governam e posicionam de múltiplas formas. Tal relação de interdependência, segundo os autores (ibid.), não implica em complementaridade, mas em assimetria de poder.

Nesta pesquisa, voltamos nosso olhar para as masculinidades, entendendo que estas se constroem nas relações de interdependência com as feminilidades e com diversas formas de masculinidade, estando, também, imbricadas com outras posições de sujeito - classe social, sexo, geração, raça-etnia, entre outras - que se articulam na constituição do sujeito, em meio a relações de poder.

3.6 MASCULINIDADES EM FOCO

O conceito de gênero está ligado à história do movimento feminista, em suas lutas contra o androcentrismo, bem como todas as formas de dominação e de violência contra as mulheres. A organização do movimento feminista no Ocidente, segundo Louro (2004), remete ao final do século XIX, ganhando visibilidade na virada do século com o movimento sufragista, que tinha como principal "bandeira" o direito de voto para as mulheres. Tal movimento teve grande repercussão, constituindo o que se chamou de primeira onda do feminismo. No final da década de 60, emerge o que foi considerada a segunda onda feminista, movimento que trazia as preocupações sociais e políticas da liberação feminina, incorporando, também, discussões e produções teóricas. Segundo a autora: "No âmbito do debate que a partir de então se trava, entre estudiosas e militantes, de um lado, e seus críticos ou suas críticas, de outro, será engendrado e problematizado o conceito de gênero" (2004, p. 15). A partir da segunda onda feminista, de acordo com Carvalho e Faria Filho (2010), o meio acadêmico começou a debruçar-se sobre as questões relacionadas às desigualdades entre homens e mulheres, dando origem aos Estudos sobre Mulheres. Assim, por muito tempo os estudos de gênero estiveram vinculados ao feminismo e às mulheres. Segundo os autores (ibid.), a ausência dos homens neste campo de estudos mantinha-os na posição de referência, marcando as mulheres como "diferentes". Com o desenvolvimento dos estudos de gênero, foi-se construindo o entendimento de que tanto os homens quanto as mulheres são constituídos

socialmente, sendo marcados e posicionados de acordo com os significados sociais que lhes são atribuídos.

O termo masculinidade começou a ser usado no século XVIII, em decorrência de esforços científicos para diferenciação entre os sexos biológicos (OLIVEIRA, 2004). Tal uso dessa expressão, no entanto, não incorporava as discussões sobre a constituição dos gêneros, em seus aspectos sociais e políticos. Oliveira (ibid.) aponta que foi na década de 70 que a masculinidade começou a aparecer como foco principal de alguns estudos, e não mais como tema secundário, associado a outros interesses de pesquisa. Nessa época, lutas eram travadas em torno das chamadas "políticas de identidade", especialmente pelo movimento feminista e pelo movimento *gay*, buscando "discutir a naturalização dos comportamentos e a legitimação das diferenças de poder que beneficiavam os homens em relação às mulheres, nas diversas esferas da vida social" (ibid., p. 145). A partir desses movimentos, as políticas identitárias masculinas começaram a ser problematizadas, adotando-se o entendimento de que a dominação masculina dava-se, também, sobre os homens, e não apenas sobre as mulheres. O autor (ibid.) destaca outros acontecimentos importantes para a intensificação dos estudos sobre as masculinidades, como o surgimento da Aids, na década de 80, que colocou em debate as relações homoafetivas e extraconjugais, questionando a subordinação de mulheres e *gays* nas relações sexuais consideradas convencionais. Com a Aids e o estigma do preconceito que se estabeleceu sobre os homossexuais, houve uma grande mobilização e reorganização do movimento *gay*, o que produziu efeitos tanto no plano das políticas públicas de apoio aos portadores do HIV, quanto no plano simbólico, no que diz respeito à visibilidade que foi conferida a esse grupo social. Já na década de 90, Oliveira (ibid.) destaca as pesquisas demográficas referentes aos índices de fertilidade masculina como outro fator que contribuiu para a emergência de estudos sobre a masculinidade. Até então, apenas o índice de fertilidade feminino vinha sendo alvo das políticas públicas e isso fez com que diversas agências de fomento financiassem pesquisas nessa área.

Ainda sobre a emergência dos estudos sobre masculinidades, Herrera (2006) aponta cinco pontos que foram fundamentais para que o interesse por esse campo se intensificasse: as transformações dos movimentos feministas durante as décadas de 70 e 80, que levaram os pesquisadores a refletirem sobre a participação dos homens nas desigualdades de gênero; o surgimento do movimento homossexual e dos estudos *gay*, aliados ao combate à homofobia; a flexibilização do emprego e o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, o questionamento do papel do homem como o único provedor da família; os documentos internacionais firmados nas conferências de Pequim e do Cairo, em que se

ênfatiçou a responsabilidade masculina sobre os processos sexuais e reprodutivos, até então atribuídos somente às mulheres; o incremento de financiamentos para pesquisas sobre saúde sexual e reprodutiva dos homens. Todos esses fatores, destacados por Oliveira (2004) e Herrera (2006), contribuíram para o recrudescimento dos estudos sobre as masculinidades, mas não devem ser tomados de forma isolada e, sim, em articulação com outros processos e fenômenos sociais, tais como: a violência urbana e doméstica, os discursos da mídia sobre a flexibilização dos modelos masculinos ditos tradicionais, a produção de cosméticos e produtos *fitness* voltados para os homens, entre outros. A articulação desses processos foi constituindo condições de possibilidades para que o campo dos estudos sobre as masculinidades fosse crescendo e adquirindo visibilidade, de modo que, nos últimos anos, as masculinidades vêm ganhando espaço nas pesquisas e produções acadêmicas, constituindo um campo produtivo para se pensar e problematizar os significados sociais que se têm engendrado acerca dos homens, bem como da produção dos seus corpos e das marcas que neles se inscrevem.

Uma vez delineado o cenário e as condições de possibilidade que fizeram com que o tema masculinidade se tornasse foco de estudos e pesquisas no campo dos estudos de gênero, passamos a discutir as concepções sobre o tema que fundamentam esta pesquisa. Segundo Careaga e Sierra (2006), o estudo das masculinidades constitui um campo que focaliza suas análises nas significações sociais produzidas sobre os homens, nas relações de poder e de dominação que eles exercem em relação às mulheres e também a outros homens, nos modos com que esse poder agrega-se e dissemina-se nas estruturas e instituições sociais. Nesse contexto, entendemos as masculinidades como "un lugar en las relaciones de género, en las prácticas a través de las cuales los hombres y las mujeres ocupan ese espacio en el género, y en los efectos de dichas prácticas en la experiencia corporal, la personalidad y la cultura" (CONNELL, 2003, p. 109). As masculinidades constituem posições de sujeito, possíveis de serem ocupadas em determinado contexto cultural e histórico, instituídas em relações assimétricas de poder. São, portanto, construções sociais, múltiplas, coletivas, relacionais, fragmentadas, contraditórias e sujeitas à mudanças ao longo do tempo (ibid.). Tais construções instituem marcas corporais, engendrando corpos e subjetividades a partir de um conjunto de práticas e estratégias, que articulam redes de saberes, poderes e práticas de si - de modo especial, práticas bioascéticas.

Assim, ainda que se fale em masculinidade hegemônica, não existe uma única forma de ser homem, mas múltiplas, em diferentes contextos culturais e mesmo dentro de um mesmo grupo social. De acordo com Seffner,

[...] é possível afirmar que diferentes masculinidades se produzem no mesmo espaço social, seja este espaço a família, a região de moradia, o grupo cultural ou étnico, o grupo racial, o pertencimento religioso, a classe econômica, etc. Desta forma, a trajetória de construção da masculinidade de cada homem se faz com o modelo de masculinidade hegemônica sempre presente e reforçado, seja pela mídia, pela escola, pela igreja, etc., mas ao mesmo tempo com uma pluralidade de outros modos de viver a masculinidade presentes em seu cotidiano, representados pelos tipos particulares e originais que cada homem encontra ao produzir sua própria trajetória masculina na vida do dia a dia. Estes modos particulares podem gozar de maior ou menor prestígio, a depender de um complexo jogo de fatores. O modo de viver que desfruta da maior concentração de privilégios, num dado sistema de relações de gênero, será considerado a forma de masculinidade hegemônica (2003, p. 125).

Cada sujeito produz sua masculinidade a partir das tensões, fraturas e assujeitamentos que se dão entre o modelo de masculinidade considerado hegemônico no sistema de relações de gênero no qual se encontra imerso e as diversas outras formas de masculinidade com as quais se confronta. Connell (2006) afirma que a masculinidade hegemônica precisa ser vista não só como um modelo que determina os modos de vida dos sujeitos, mas, também, na esfera coletiva, no que diz respeito às instituições, às comunidades e à cultura de um determinado grupo. Assim, as instituições militares, por exemplo, mantêm determinados códigos e padrões de gênero relacionados a um certo modelo de masculinidade que pretende produzir, organizando suas estratégias de formação a partir de práticas que privilegiam esse modelo em detrimento de outros, que acabam sendo estigmatizados. O mesmo pode ser observado em outros grupos sociais, como as comunidades do *Orkut* que reúnem médicos ou estudantes de medicina que atuam no campo da cirurgia plástica, e que foram analisadas nesta pesquisa. Em tais comunidades, circulam enunciados do discurso da ciência, mais especificamente, do discurso médico, que posicionam os sujeitos participantes dentro de uma rede discursiva que institui a ciência como um campo de saber historicamente constituído como masculino e produtor de verdades sobre os corpos e sobre os sujeitos.

Na contemporaneidade, a mídia vem ganhando papel de destaque na veiculação e produção de modelos de masculinidade, exibindo imagens, narrativas e modelos masculinos que, ao apresentarem um repertório de comportamentos, valores, condutas e posturas possíveis, institui regimes de verdade sobre os sujeitos e seus corpos. As mídias digitais, como a internet e, de modo especial, nesta pesquisa, o site de rede social *Orkut*, ao promoverem outras formas de sociabilidade, rompem com as limitações de espaço e tempo que caracterizavam, até então, os relacionamentos entre os sujeitos. Com isso, amplia-se e

potencializa-se a capacidade de interação, de intercâmbio de informações e conhecimentos, de socialização de valores e concepções. A convivência com esse complexo aparato tecnológico, representado pelas mídias digitais, possibilita aos sujeitos saber mais de si mesmos e do mundo, indo além: "[...] trata-se de um aparato que cada vez mais se sofisticava, no sentido de orientar, cuidar, instruir, formar. De subjetivar, enfim" (FISCHER, 2006, p. 71).

Nesse contexto, ao tomar o site de rede social *Orkut* como campo empírico para o desenvolvimento desta pesquisa, compartilhamos do entendimento de Hessel de que esse site encontra-se atravessado "[...] pelos discursos, imagens, padrões, gostos, sonhos e vontades dos sujeitos das comunidades urbanas contemporâneas" (2006, p. 138), constituindo uma arena produtiva para as masculinidades exibirem-se, conformarem-se e reinventarem-se. O *Orkut* é, pois, "[...] um caleidoscópio instável, um território enigmático e fascinante de invenção e exibição de subjetividades e identidades" (ibid., p. 150).

A seguir, delineamos este território, que constituiu nosso campo empírico, discutindo as mudanças que as novas formas de sociabilidade mediadas pelas redes sociais na internet vêm promovendo na contemporaneidade, e apresentando as ferramentas metodológicas que utilizamos para proceder as análises dos dados.

4 APLICATIVOS: FERRAMENTAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

É chegado o momento de revisitar a trajetória da pesquisa desenvolvida e buscar, nos diversos arquivos - na memória das pesquisadoras e também nos digitais - os rastros deixados pelos "aplicativos" utilizados para operacionalização do processo investigativo. Tais "aplicativos", assim como os que são disponibilizados nos sites de redes sociais para a realização de determinadas ações, como gerenciamento de informações e participação em atividades e jogos interativos, por exemplo, constituíram ferramentas importantes para o desenvolvimento do processo, possibilitando a produção, sistematização e análise dos dados que passaram a compor o *corpus* desta pesquisa.

O campo teórico em que vimos transitando, que é o dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas, não possui nenhuma metodologia em particular que se possa reivindicar como sua. Suas estratégias de pesquisa podem ser entendidas como processos de alquimia e de "bricolagem", uma vez que possibilitam o uso de diversas ferramentas metodológicas, utilizadas de forma estratégica e auto-reflexiva, segundo as questões feitas, os objetivos propostos, o contexto considerado e subvertendo a homogeneidade das práticas investigativas típicas da modernidade (NELSON *et al*, 2005; CORAZZA, 2007).

Diante disto, como eleger, dentre as múltiplas possibilidades, a que se enquadraria na nossa proposta, nos objetivos desta pesquisa? A escolha da metodologia a ser utilizada numa pesquisa pode ser uma tarefa complexa. Assim como a pesquisa não é neutra e nem isenta das "verdades" que são deste mundo, a escolha de uma metodologia de pesquisa também não é. Corazza pontua que nossas práticas de pesquisa estão implicadas na nossa vida e nos modos como atuamos nos jogos de saberes e poderes, de forma que não escolhemos, mas somos "escolhidas/os" (e esta expressão tem, na maioria das vezes, um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as)sujeitou" (2007, p. 121). Deste modo, as escolhas que fizemos (ou que se fizeram para nós, ou o que nos "escolheram") são decorrentes das posições de sujeito que ocupamos - como pesquisadoras, professoras, mulheres, biólogas, mães, entre outras -, dos caminhos por onde temos transitado, das interações que vimos estabelecendo, dos movimentos de objetivação e subjetivação que temos empreendido e de processos de assujeitamento, transgressão, rupturas, fraturas, deslizamentos... Isto aponta para uma questão importante quando se faz pesquisa: a de que os olhares que lançamos ao mundo e aos nossos objetos de investigação não são distanciados e nem passíveis de uma "asepsia metodológica"

- o que não implica em falta de rigor - como nos fala Veiga-Neto (2007), mas que somos parte daquilo que estamos investigando. Neste contexto, optamos por lançar mão de elementos da análise do discurso foucaultiana, referencial com o qual temos dialogado nos nossos estudos e pesquisas já há alguns anos, sem a pretensão de assumi-la como a metodologia do trabalho, mas nos valendo de alguns conceitos - especialmente os de discursos e enunciados - como ferramentas (ou aplicativos, no caso dos sites de redes sociais) que possibilitam desenvolver e operacionalizar determinadas ações, sistematizar dados, produzir saberes e construir a pesquisa.

Ao revisitar os caminhos percorridos durante o processo investigativo a fim de constituir esta narrativa, fomos reorganizando as experiências e atribuindo-lhes significados. Mais do que descrever os procedimentos usados na pesquisa, buscamos "mostrar as idas e vindas, os borrões, os entulhos. Levantar a assepsia das análises bem acabadas, dos textos bem escritos, para mostrar a terra revirada, as mãos sujas de barro. As (des)organizações que vão surgindo ao longo do trabalho" (SARAIVA, 2009, p. 22). Assim, inicialmente mapeamos o campo empírico em que se deu a produção dos dados, trazendo algumas discussões sobre as os sites de redes sociais, especialmente o *Orkut*. Em seguida, descrevemos como procedemos a escolha das comunidades que compuseram o *corpus* de análise, bem como a seleção das postagens dos fóruns das comunidades que discutem cirurgias plásticas. Por fim, apresentamos as ferramentas foucaultianas que embasaram o processo de pesquisa e análise.

Esperamos que esta escrita possibilite o entendimento dos movimentos que empreendemos ao longo do processo investigativo e que possa, em alguma medida, contribuir para que outros/as pesquisadores/as (re)pensem os seus ensaios de pesquisa, atuando, como nos disse Corazza, como "uma flecha, que um/a pensador/a atira, assim como no vazio, para que outro/a a recolha e possa, por sua vez, também enviar a sua, agora em outra direção" (2007, p. 105).

4.1 DELINEANDO O CAMPO EMPÍRICO: A INTERNET E O SITE DE REDE SOCIAL *ORKUT*

A internet¹³, mais especificamente por meio do site de rede social *Orkut*¹⁴, é o lugar onde se deu a produção dos dados e em que buscamos as enunciações sobre cirurgia plástica estética, mas não constituem o foco de análise desta pesquisa, de modo que não tivemos o propósito de analisá-la em suas formas de organização ou nos modos de sociabilidade que possibilita. Assim, as discussões que apresentamos sobre internet e *Orkut* visam delinear o campo empírico em que procedemos a investigação.

Começamos por destacar que estamos vivendo um período em que as noções de tempo e espaço vêm sendo reconfiguradas e que o acesso às informações, bem como as modalidades de comunicação entre os sujeitos vêm ganhando outros arranjos sociais. Neste tempo, surgem outras práticas de sociabilidade mediadas pelas tecnologias digitais, dentre as quais a internet vem se destacando. De acordo com Recuero (2010), diversas transformações sociais ocorreram em função do surgimento da internet, sendo que uma das mais significativas foi a possibilidade de se expressar e estabelecer redes de socialização através das ferramentas de comunicação dos computadores. Neste contexto, Sibilia destaca que " quando as redes digitais de comunicação teceram seus fios ao redor do planeta, tudo começou a mudar vertiginosamente, e o futuro ainda promete outras metamorfoses" (2008, p. 12). Tais mudanças nas modalidades de comunicação entre os sujeitos envolvem práticas e "rituais bastante variados, que brotam de todos os cantos do mundo e não cessam de ganhar novos adeptos dia após dia" (ibid.).

O crescimento no número de "adeptos/as" destas novas formas de comunicação e sociabilidade pode ser observado a partir das informações sobre o número de usuários/as de internet no Brasil. De acordo com dados do IBOPE Nielsen Online (2012), o acesso à internet em qualquer ambiente - domicílios, *lan houses*, trabalho, escolas, entre outros - atingiu 79,9 milhões de pessoas no quarto trimestre de 2011, o que representa cerca de 42% da população brasileira, com um aumento de 8% comparado ao quarto trimestre de 2010 e 19% em relação ao mesmo período de 2009. Dentre os ambientes de acesso, o uso residencial é o que vem apresentando o maior crescimento, sendo que o número de usuários/as ativos/as atingiu 39,7 milhões em fevereiro de 2012, o que representa 21 % da população e uma expansão de 18% em relação ao mesmo período de 2011 e de 40% em relação a fevereiro de 2010. Os dados do

¹³ Não há um consenso sobre a grafia da palavra internet, que pode ser encontrada com a inicial maiúscula ou minúscula. Optamos pela grafia internet, com letra inicial minúscula, por entendermos que esta palavra constitui um substantivo comum, referindo-se a um meio de comunicação, tal como telefone, rádio e televisão, por exemplo. Além disto, ela consta nos dicionários de língua portuguesa, como o Aurélio e o Houaiss, com esta grafia.

¹⁴ Em entrevista a Cardoso (2012), Raquel Recuero afirmou que o *Orkut* foi a rede social que, durante 7 anos - de 2004 até o final de 2011 -, manteve-se como a mais acessada no Brasil, sendo importante para a alfabetização e inclusão dos brasileiros nas redes sociais.

IBOPE (2011) também apontam que o acesso a sites de redes sociais, fóruns, *blogs*, *microblogs*, e outras páginas de relacionamento, agrupados na subcategoria comunidades, chegou a 39,3 milhões de pessoas, o que equivale a 87% dos/as internautas. Além disso, entre os dez países em que esta pesquisa foi desenvolvida, o Brasil é o que apresenta o maior alcance em sites desta subcategoria. Estes dados são representativos do alcance que as redes sociais vêm ganhando, visto que o acesso a este tipo de site costuma ser restrito em locais de trabalho e escolas e, apesar disso, conta com a participação de 20% da população, índice que vai ao encontro dos dados sobre o acesso domiciliar. No que diz respeito aos sites sociais, os mais utilizados no país são: *Facebook*, com cerca de 30,9 milhões de usuários/as, o que corresponde a 68,2% do total de internautas; *Orkut*, com 29 milhões de usuários, abrangendo 64% dos internautas; e *Twitter*, com 14,2 milhões, 31,3% do total de usuários/as.

Os sites de redes sociais vêm reconfigurando as formas de relacionamento e interação entre os sujeitos, possibilitando a ligação com inúmeras pessoas ao mesmo tempo e rompendo com as fronteiras espaciais que impossibilitavam os encontros. Segundo Recuero (2010), o termo rede é uma metáfora sobre os padrões de conexão de um grupo social, a partir dos vínculos que os/as participantes estabelecem entre si. Cada participante ou ator representa um nó da rede e os laços que estabelecem ou suas interações, são as conexões, de modo que na análise da rede não é possível isolar os atores de suas conexões. A autora (ibid.) aponta para a existência de dois tipos de laços de sociabilidade: os associativos, que implicam no pertencimento a um grupo e na interação reativa, ou seja, limitada a estímulo e resposta, como, por exemplo, aceitar algum amigo no *Orkut* e participar de determinadas comunidades; e os dialógicos, caracterizados pela interação mútua, em que os/as participantes interagem entre si, trocando materiais e informações, como, por exemplo, nas conversas no MSN¹⁵, na troca de *scraps*¹⁶ nos perfis e nos fóruns das comunidades do *Orkut*. No site de rede social analisado, podemos identificar os dois tipos de conexões entre os/as usuários/as, as conexões associativas e as dialógicas. No processo de análise, focamos, inicialmente, nas associativas, especialmente no que diz respeito à participação - pertencimento, independentemente de estabelecimento ou não de interações - de homens e mulheres nas comunidades que compuseram o *corpus* da pesquisa. Posteriormente, deslocamos o foco da investigação em

¹⁵ MSN é a sigla de *Microsoft Service Network*, um portal e rede de serviços para internet, oferecido pela *Microsoft* que, entre outras ferramentas, disponibiliza um programa - o *MSN Messenger* - para a troca de mensagens instantâneas entre os/as seus/suas usuários/as.

¹⁶ *Scraps* são mensagens ou recados que um/a usuário/a de rede social deixa para outro/a no seu perfil, constituindo uma forma de comunicação assíncrona, ou seja, não simultânea, de modo que a mensagem enviada por uma pessoa é lida e respondida pela outra posteriormente.

direção às conexões dialógicas, analisando as mensagens postadas nos fóruns das comunidades que discutem cirurgia plástica estética.

De acordo com Recuero (2010), o *Orkut* constitui-se como um site de rede social, ou seja, um espaço que possibilita a expressão das redes sociais na internet. Segundo a autora, os sites de redes sociais são *softwares* sociais que possibilitam a comunicação mediada pelo computador, no entanto, diferem de outras modalidades de comunicação que também têm a mediação desta ferramenta, por visibilizarem a articulação das redes sociais de cada ator e por possibilitarem que se construa um perfil ou página pessoal. Além disso, Recuero destaca que os sites de rede social "não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes" (ibid., p. 103). Nesse contexto, o *Orkut* é um site de rede social que visibiliza as conexões entre os seus/suas usuários/as - atores - e possibilita a difusão e o intercâmbio de informações através destas conexões.

O site de rede social *Orkut* surgiu em janeiro de 2004, projetada pelo turco Orkut Büyükkökten, engenheiro da empresa *Google*¹⁷, com o propósito de tornar a vida social de cada pessoa mais ativa e estimulante, possibilitando que se mantenha contato com os/as amigos/as que já se tem e também que se conheça outros/as (ORKUT, 2012). Em agosto de 2008, a administração do *Orkut*, cuja sede era na Califórnia/EUA, passou a ser feita pela *Google* Brasil, com sede em São Paulo, visto que o número de usuários/as brasileiros/as era superior a 50% do total de participantes deste site no mundo todo (FOLHA ONLINE, 2012), dado que se mantém até hoje, com cerca de 50,6%¹⁸ de usuários/as no nosso país.

A fim de mapear os modos de funcionamento do *Orkut*, apresentamos algumas características deste site de rede social, correspondentes ao modo com que este encontrava-se organizado durante o período em que se deu a investigação - de março de 2009 a maio de 2011. Para participar do *Orkut*, basta fazer a solicitação, mediante a criação de uma conta no *Google* e o preenchimento de um cadastro com informações que passarão a compor o perfil - *profile* - do/a usuário/a. Neste cadastro, constam diversas informações: *login*¹⁹ e senha de acesso; dados pessoais, como idade, local de residência, sexo, tipo de relacionamento que mantém, cor dos olhos e dos cabelos, tipo físico e que parte do corpo mais aprecia em si mesmo; dados sociais, como religião, visão política, etnia, orientação sexual, estilo, humor,

¹⁷ Empresa fundada em 1998 com a "missão de organizar as informações do mundo e torná-las mundialmente acessíveis e úteis" (GOOGLE, 2012).

¹⁸ Índice referente ao número de usuários brasileiros em maio de 2012 (ORKUT, 2012).

¹⁹ Palavra ou conjunto de caracteres que identifica o/a usuário/a para entrada em determinado sistema ou site, neste caso, na rede social *Orkut*.

com quem mora, esportes que pratica ou admira, paixões, preferências culinárias, entre outros; e dados profissionais, que abrangem nível de escolaridade, nomes das escolas e universidade em que estudou, em que ano se formou, nome da empresa em que atua e email do trabalho. O cadastro também possibilita a publicação de álbuns de fotografias digitais - é possível publicar até 10.000 (dez mil) fotos, organizadas em até cem (100) álbuns, cada um com um máximo de 100 (cem) fotografias - que podem ser visualizadas por todos do *Orkut* ou apenas pelos/as amigos/as ou por pessoas previamente selecionadas pelo/a usuário/a, dependendo do nível de privacidade selecionado para cada álbum e foto.

A partir do momento em que ingressa no site, o/a novo/a usuário/a passa a cadastrar amigos/as, adicionando-os/as a sua lista. Para efetivar o laço de amizade, o/a outro/a usuário/a precisa aprovar a solicitação. Estes/as amigos/as podem ser encontrados/as através do sistema de buscas do próprio site ou nas listas de outros/as usuários/as e nas comunidades, que são grupos organizados em torno de um tema específico, proposto pelo/a usuário/a que criou a comunidade.

Nesta pesquisa, o foco de análise deu-se sobre as comunidades que têm como tema a cirurgia plástica. Tais comunidades, assim como as demais comunidades virtuais, apontam para as transformações nas formas de relacionamento entre os sujeitos, sendo produtoras e produtos dos processos de reconfiguração social que têm ocorrido no mundo contemporâneo e nos quais as tecnologias digitais vêm ganhando centralidade (FRAGOSO, 2011). Neste contexto, Lévy (2007) destaca que a proximidade geográfica deixa de ser o fator preponderante para a constituição de um grupo, de modo que as comunidades digitais passam a ser formadas em processos cooperativos, baseados em interesses e afinidades mútuos, apoiadas nos laços estabelecidos através da interconexão.

Assim, a participação nas comunidades dá-se em função de afinidades e interesses em comum, sendo que em algumas a admissão é automática e, em outras, é necessário solicitar a participação e aguardar a aprovação, que é feita pelo/a dono/a²⁰ - usuário/a que criou a comunidade e a administra - ou pelos/as moderadores/as, que podem ser em número de até dez (10), escolhidos/as pelo/a dono/a para auxiliá-lo/a. Tais características fazem com que o *Orkut* seja considerado, no que diz respeito aos tipos de privacidade discutidos por Fragoso, Recuero e Amaral (2011), um ambiente semipúblico, visto que é disponível a todos/as, desde que preencham o cadastro, enquanto as comunidades podem ser do tipo semipúblicas -

²⁰ Posteriormente ao período de produção dos dados, houve a alteração da expressão dono/a para proprietário/a. Atualmente, muitas comunidades não visibilizam mais este dado, de modo que nem sempre é possível ver o nome do usuário/a que a criou.

quando possibilitam a admissão automática - ou semiprivadas, no caso daquelas que requerem a aceitação do/a dono/a ou do/a mediador/a. A possibilidade de organização de comunidades que se reúnem a partir de um tema/assunto, associada ao tipo de privacidade que apresentam, constituem características que fazem do *Orkut* um lugar favorável para o desenvolvimento desta pesquisa.

4.2 DELINEANDO O *CORPUS* DE ANÁLISE: A SELEÇÃO DAS COMUNIDADES E DOS DADOS DA PESQUISA

A seleção das comunidades que passaram a constituir o nosso *corpus* de análise deu-se através do sistema de busca disponibilizado no próprio site do *Orkut*, a partir da palavra-chave “plástica”. Como resultado da busca, obtivemos mais de 1.000 (mil) comunidades. Uma amostra deste tamanho era incompatível com os objetivos da pesquisa e com nossas possibilidades analíticas, de modo que foi necessário estabelecer alguns recortes. Assim, optamos por selecionar as comunidades que apareceram nas dez (10) primeiras páginas dos resultados, ficando, então, com 74 (setenta e quatro) comunidades, que foram mapeadas a partir dos seguintes dados: nome da comunidade; nome do/a dono/a; categoria em que foi classificada (de acordo com a temática, podendo ser saúde, bem-estar e *fitness*, moda e beleza, pessoas, entretenimento, entre outras); descrição (texto que apresenta a comunidade e seus objetivos); imagem de exibição (foto, desenho ou logotipo usado para identificação); número total de participantes; número de homens e de mulheres. Tais dados foram organizados numa tabela (Apêndice A), que passou a constituir o *corpus* de análise.

Dentre as 74 (setenta e quatro) comunidades analisadas, vimos que em 68 (sessenta e oito) as mulheres constituem mais de 50% do número total de participantes. Além disto, em todas as comunidades tem-se, no mínimo, 30% de participação feminina, o que nos dá indícios do investimento que se faz sobre o corpo feminino a fim de que corresponda a determinados padrões de beleza, responsabilizando a mulher pela sua aparência e autocuidado. Procedemos, a partir destes dados, a alguns movimentos de análise nas comunidades com maior número de participantes, discutindo a associação entre beleza e feminilidade, conforme consta na primeira parte do Artigo 1, desta tese.

Entendemos que as representações de beleza ainda estão, na sociedade contemporânea, associadas ao gênero feminino, no entanto os homens também vêm sendo interpelados por

esses discursos pois, segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas - SBCP (2012), os homens vêm aderindo cada vez mais aos procedimentos cirúrgicos estéticos, sendo que, entre os anos de 2005 e 2010, cresceu de 5% para 30% o número de homens que buscam cirurgias plásticas (de 650 mil cirurgias feitas em 2009, por exemplo, 119 mil foram em homens). Segundo, Sebastião Guerra (SBCP, 2012), presidente da SBCP em 2010, a procura deste tipo de procedimento estético pelos homens tem-se dado em função dos padrões impositivos da mídia, da competitividade da sociedade contemporânea e da busca da autoestima. Guerra aponta que os procedimentos mais procurados na faixa etária entre 18 e 30 anos são a rinoplastia²¹, a lipoaspiração²² e a otoplastia²³ e que, após esta faixa de idade, a maior incidência refere-se à correções faciais.

Instigadas por estas informações, optamos por lançar nosso olhar sobre aquilo que rompe com a regularidade discursiva, ou seja, sobre as discontinuidades, o que implica em olhar além da aparente unidade do discurso, buscando a singularidade dos enunciados e suas condições de emergência e de existência (FOUCAULT, 2008). Assim, deslocamos o foco de análise das feminilidades – categoria com a qual geralmente se tem trabalhado – em direção às masculinidades, analisando a participação masculina nas comunidades que discutem as cirurgias plásticas.

Deparamo-nos com um *corpus* constituído por 74 (setenta e quatro) comunidades, o que nos apontava para a impossibilidade de proceder aos movimentos de análise da participação masculina em cada uma delas. Fazia-se necessário selecionar amostras compatíveis com a nossa capacidade de análise e que fossem ao encontro dos propósitos da pesquisa. Seguindo as orientações de Fragozo, Recuero e Amaral, lançamos mão de amostras intencionais, que apresentam caráter qualitativo, "cujos elementos são selecionados conforme critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise" (2011, p. 78). As autoras categorizam este tipo de amostra em diversas subcategorias, dentre as quais elegemos a de amostra intencional por critério, em que se estabelece uma característica ou critério pré-definido.

Assim, estabelecemos como critério para a seleção das comunidades que passariam a compor esta amostra, buscar aquelas que tinham homens como donos, entendendo que estes, ao criarem as suas comunidades, instituíram quais são os seus objetivos e o foco das

²¹ Cirurgia plástica no nariz.

²² Cirurgia para redução da gordura corporal em áreas localizadas.

²³ Cirurgia plástica nas orelhas.

discussões que se dariam naquele espaço. Obtivemos, desta forma, as 22 (vinte e duas) comunidades abaixo citadas²⁴:

- CIRURGIA PLASTICA GINECOLÓGICA
- Residentes Cirurgia Plástica
- Cirurgia Plástica FMUSP
- Ética na Cirurgia Plástica
- Cirurgia Plástica PUC-SP
- Cirurgia Plastica Facial – ORL
- PLÁSTICA DENTAL
- Cirurgia Plástica – HCR
- Cirurgia Plástica SantaCasaSP
- Liga de Cirurgia Plastica-UFG
- Cirurgia Plástica – HSE/RJ
- Cirurgia Plástica – Manaus
- Laser e Plástica Daher
- Cirurgia Plástica
- Vou fazer plástica no nariz!
- Trabalho com Cirurgia Plástica
- Cirurgia Plástica – RJ
- Cirurgia Plástica – Brasília
- Dr.Wandemberg Barbosa Plástica
- Cirurgia Plástica – Eu fiz!
- LOUCOS POR CIRURGIA PLÁSTICA
- Eu tenho medo de Plástica

Estas comunidades foram analisadas no Artigo 1 desta tese, intitulado "Masculinidades e feminilidades no *Orkut*: quem fala e o que se diz em comunidades de cirurgia plástica". Os primeiros movimentos de análise apontaram que as comunidades selecionadas - aquelas que tinham homens como donos - contavam com maior percentual de participação masculina se comparadas com as que tinham mulheres como donas. Além disto, nestas comunidades o viés das discussões e os enunciados presentes articulam-se ao discurso da ciência, especialmente ao discurso médico, hegemonicamente vinculado aos homens. Entendemos que não existe uma única forma de ser homem ou mulher, baseada na

²⁴ Os nomes das comunidades foram transcritos literalmente, inclusive no que diz respeito ao uso de letras maiúsculas e minúsculas.

homogeneidade, mas, sim, uma multiplicidade de posições de sujeito possíveis de serem ocupadas. Deste modo, ainda que nestas 22 (vinte e duas) comunidades tenhamos encontrado enunciados que se articulam a discursos hegemônicos sobre as masculinidades e as feminilidades, sabemos que aí também estão presentes as rupturas, os corpos que escapam e que se posicionam em outros lugares. Tal entendimento nos fez parar e repensar os movimentos que vínhamos empreendendo para a realização do processo investigativo, a fim de que pudéssemos fazer com a pesquisa o que nos diz Corazza:

[...] estabelecer suas principais coordenadas; desenhar suas curvas de visibilidade e de enunciação; reconhecer suas linhas de sedimentação e também de fraturas; reordenar os percursos e manter os cursos; direcionar as luzes em outra direção e conservar alguns focos lá onde já estavam; em poucas palavras, mapear o terreno e cartografar as linhas do trabalho nele realizado (2007, p. 104).

Ao cartografar os caminhos percorridos e reavaliar o percurso, procedemos a um deslocamento, que fez com que os artigos 2 e 3 tivessem um novo foco de discussões. Como o nosso primeiro recorte no *corpus* de análise se deu nas comunidades que tinham homens como donos e, com isso, encontramos o discurso hegemônico da ciência, proferido basicamente por médicos e estudantes de medicina, decidimos procurar os homens que fizeram ou desejam fazer cirurgia plástica, na tentativa de saber o que eles dizem sobre esta prática corporal. Com isso, houve um deslocamento no foco das discussões estabelecidas no primeiro artigo - o da ciência como um campo masculino - em direção às cirurgias plásticas como práticas de bioescese corporal, o que abordamos nos dois últimos artigos. Entendemos que, embora isso represente uma ruptura na aparente continuidade da escrita da tese, este processo foi produtivo para se problematizar as posições que os homens têm ocupado, hegemonicamente, em nossa sociedade, bem como visibilizar outras posições possíveis de serem ocupadas e as práticas bioascéticas que, na contemporaneidade, vêm engendrando os sujeitos.

Assim, retomamos a tabela inicial com as 74 (setenta e quatro) comunidades a fim de redefinir os caminhos a serem trilhados, revendo os critérios utilizados para a constituição das amostras. Buscamos, então, a participação masculina nas comunidades que têm mulheres como donas, uma vez que naquelas que foram analisadas anteriormente, cujos donos eram homens, encontramos a masculinidade associada ao discurso hegemônico da ciência. Tal movimento resultou na seleção de 52 (cinquenta e duas) comunidades. Buscamos a participação dos homens nos fóruns, que são espaços de interação assíncrona que possibilitam a discussão de determinado assunto, relacionado ao tema da comunidade. Qualquer

participante pode propor um tópico para discussão que, uma vez aberto, possibilita a interação de todos/as os/as membros. Assim, os fóruns constituem espaços de investigação bastante produtivos aos propósitos desta pesquisa, uma vez que nos interessava investigar o que os homens dizem e como se posicionam a respeito das plásticas estéticas.

Procedemos, então, a uma busca minuciosa em cada uma das 52 (cinquenta e duas) comunidades, num movimento de abrir fórum por fórum e pinçar, dentre as múltiplas participações e posicionamentos, o que diziam os homens. Logo no início vimos que não seria uma tarefa fácil, visto que os homens, embora presentes em todas as comunidades que compuseram a amostra analisada, não participam muito dos fóruns que discutem a temática de plástica estética, mantendo, nestes espaços, vínculos mais associativos do que dialógicos (RECUERO, 2010), de modo que era bastante frequente abriremos diversos fóruns e não conseguirmos encontrar nenhuma postagem masculina. Diante disto, decidimos ampliar a amostra, retornando à tabela inicial e estendendo nossa busca para os fóruns de todas as 74 (setenta e quatro) comunidades que compuseram o *corpus* de análise, desde o início da pesquisa.

Constatamos que em apenas 17 (dezesete) comunidades havia participação masculina nas discussões dos fóruns, com número de postagens significativamente menor do que as participações femininas. Todas as postagens encontradas nestas 17 (dezesete) comunidades foram selecionadas e passaram a constituir o *corpus* de análise (Apêndice B) dos artigos 2 e 3, o qual olhamos, conforme nos aponta Fischer:

[...] como um conjunto de textos associados a inúmeras práticas sociais, a analisá-los igualmente como práticas que são, como constituidores de sujeitos e de corpos, de modos de existência não só de pessoas como de instituições e inclusive de formações sociais mais amplas. Esses textos não seriam realidades mudas, as quais, por um trabalho de interpretação e análise, seriam despertadas, revelando sentimentos escondidos, palavras talvez nunca faladas, as quais seriam orientadas por uma certa iluminação teórica definidora do que realmente são. Os textos seriam vistos na sua materialidade pura e simples de coisas ditas em determinado tempo e lugar (2007, p. 43).

Neste contexto, ao analisar este *corpus*, não buscamos interpretá-lo a fim de encontrar a "verdade" sobre estes sujeitos ou o que eles realmente quiserem dizer, mas, sim, entendê-lo como conjuntos de enunciações que se fizeram possíveis, naquele contexto, naquele momento.

No processo de seleção das postagens dos homens nos fóruns, tomamos certos cuidados e precauções que consideramos importantes pontuar para contribuir com outros/as

pesquisadores/as que também tenham a internet como seu campo empírico. Um deles refere-se à forma de arquivar os dados, pois informações são postadas, alteradas e retiradas dos ambientes a todo momento, de modo que não basta copiar o link de acesso para se chegar novamente às mesmas informações. Como forma de garantir que teríamos acesso aos registros sempre que precisássemos, lançamos mão da função *Print Screen*, disponível em diversos computadores, com acesso rápido e fácil por meio do teclado, que possibilita a captura de qualquer documento ou página que estiver visível na tela, possibilitando que seja salva na forma de arquivo de imagem. Assim, todas as postagens dos homens encontradas nos fóruns foram copiadas dentro do contexto da própria página e armazenadas juntamente com o link em que foram encontradas e a data do acesso. Esta organização facilitou o processo de seleção e análise das postagens que passaram a constituir os Artigos 2 e 3 desta tese.

Outro cuidado que devemos ter ao desenvolver pesquisas na internet diz respeito às questões éticas. O grande número de informações e registros sobre a vida social que estão disponíveis, especialmente nos sites de redes sociais, como o *Orkut*, faz com que estas sejam buscadas, cada vez mais, como campo em que se desenvolvem inúmeras práticas de investigação. Sobre a ética nas pesquisas na internet, Fragozo, Recuero e Amaral (2011) destacam a necessidade de refletir e discutir o papel do/a pesquisador/a diante dos contextos pesquisados: "por vezes não é possível localizar o responsável por um conjunto de dados para obter uma autorização. Em outros casos, uma abordagem direta pode dispersar um grupo ou comunidade observado, ou alterar irremediavelmente seu comportamento" (2011, p. 22). Segundo as autoras, o questionamento sobre o que é público e o que não é, deve embasar as nossas escolhas, sendo que a perspectiva que mais tem sido utilizada para pesquisas no Brasil, especialmente no que diz respeito à reprodução de *scraps* e mensagens dos fóruns das comunidades do *Orkut*, fundamenta-se no tipo de privacidade dos ambientes, de modo que "[...] a publicação de dados ou opiniões em um sistema aberto ou semipúblico implicaria que os mesmos poderiam ser trabalhados e divulgados pelos pesquisadores sem necessidade de autorização das pessoas que os originaram, ou às quais eles dizem respeito" (ibid., p. 21). Uma vez que o *Orkut* é um sistema semipúblico - possibilita o acesso de todos/as, mediante o preenchimento de um cadastro - consideramos, assim como as tendências em pesquisas desenvolvidas neste campo empírico no nosso país, que não há necessidade de autorização dos/as participantes para a divulgação dos dados ali presentes. Ainda assim, optamos por não utilizar os nomes dos membros das comunidades em nossos artigos, identificando os/as autores/as de cada postagem pela letra inicial do seu nome.

As postagens encontradas nas comunidades traziam o posicionamento de sujeitos que já tinham realizado algum tipo de procedimento estético e de outros, que manifestavam o desejo de submeterem-se à cirurgia plástica. A partir disto, organizamos os dados em dois grandes grupos: o dos homens que já fizeram cirurgia plástica estética e o daqueles que querem fazer. O Artigo 2, intitulado " Masculinidades remodeladas: cirurgias plásticas no site de rede social *Orkut*", apresenta as análises realizadas a partir das postagens dos homens que relataram terem realizado algum procedimento estético, e o Artigo 3, intitulado " O corpo masculino na sociedade de consumo: narrativas sobre cirurgia plástica estética", aquelas que se referem aos homens que expressaram o desejo de realizarem este tipo de procedimento.

Para proceder às análises, lançamos mão de algumas ferramentas da análise do discurso na perspectiva de Michel Foucault, especialmente no que se refere aos entendimentos de discurso e de enunciado.

4.3 SOBRE OS MODOS DE OLHAR E FAZER A PESQUISA: CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL FOUCAULT

A discussão e apropriação de alguns conceitos da teoria de Foucault possibilitou-nos olhar a pesquisa e o *corpus* de análise a partir de determinadas posições, imbricadas com as formas com que temos lidado com procedimentos de saber e com mecanismos de poder. Assim, tomamos algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana que foram produtivas para pensarmos e problematizarmos os corpos, os gêneros e as cirurgias plásticas na contemporaneidade. Ao proceder desta forma, não pretendemos desconstruir "verdades" estabelecidas sobre estas temáticas e colocar outras em seu lugar, valendo-nos, para isto, de elementos da teoria do discurso. Nossa pretensão vai ao encontro do que destaca Ewald:

[...] não produzir algo de verdadeiro, no sentido de definitivo, absoluto, peremptório, mas dar "peças" ou "bocados", verdades modestas, novos relances, estranhos, que não implicam silêncio de estupefação ou um burburinho de comentários, mas que sejam utilizáveis por outros como as chaves de uma caixa de ferramentas (1993. p. 26).

Uma das ferramentas que tomamos para analisar os elementos das comunidades sobre cirurgia plástica e as postagens dos homens nos fóruns foi o entendimento de discurso. Os discursos, nesta perspectiva, não se reduzem a conjuntos de signos, códigos, nem aos sistemas

linguísticos que conferem inteligibilidade à comunicação, mas são práticas que constituem os objetos de que falamos, de modo que precisamos entendê-los em sua positividade e naquilo que fazem emergir como acontecimento: "a lei de existência dos enunciados, o que os torna possíveis - eles e algum outro em seu lugar; as condições de sua emergência singular; sua correlação com outros acontecimentos anteriores ou simultâneos, discursivos ou não" (FOUCAULT, 2010, p. 9).

Ao se proceder desta forma, não se busca descobrir a "verdade" do discurso, ou interpretá-lo a fim de saber o que ele quis dizer ou o que encobriu ou, ainda, que tipo de pensamento ele evoca, de modo que não buscamos saber o que aqueles homens "realmente" quiseram dizer, qual foi sua intenção ou a "verdade" sobre o que pensam com relação a seus corpos e às cirurgias plásticas. Entender os discursos sob esta perspectiva implica em analisá-los, como nos fala Foucault, no campo prático no qual se desenvolvem, na dimensão de sua exterioridade, de suas condições de emergência e existência, nas formas com que se justapõem e se situam em relação a outros, definindo "sua diferença, sua irreducibilidade e, eventualmente, sua heterogeneidade" (2008, p. 51).

Além disto:

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (FOUCAULT, 2008, p. 61).

Assim, além de olhar para os discursos como um espaço de exterioridade em que se desenvolvem distintas posições de sujeito, é importante entender que estes são históricos, o que implica em mais do que uma simples localização no tempo e no espaço. Implica no entendimento de que os discursos têm uma positividade, são produtivos, são instituídos a partir da diferença entre o que se pode dizer numa determinada época e lugar e o que efetivamente se diz. "O campo discursivo é, em um momento determinado, a lei dessa diferença" (FOUCAULT, 2010, p. 14). Constitui-se, assim, como um conjunto de práticas e procedimentos que operam através das - e nas - instituições sociais, nos indivíduos e produzem efeitos nos seus corpos.

Foucault assinala que:

[...] no discurso qualquer coisa é formada (segundo regras bem definíveis); que essa qualquer coisa existe, subsiste, transforma-se, desaparece

(conforme regras igualmente definíveis); enfim, que ao lado de tudo o que uma sociedade pode produzir ("ao lado": quer dizer em uma relação determinável a tudo isso) há formação e transformação de "coisas ditas" (2010, p.14).

Neste contexto, os discursos não constituem uma mera nomeação, descrição ou representação dos objetos e das coisas de que falam; eles as produzem, as transformam e as fazem desaparecer, segundo determinadas regras e condições de existência, sendo constituídos por um conjunto de enunciados que se apoiam num mesmo sistema de formação, ou seja, numa mesma formação discursiva (FOUCAULT, 2008).

O enunciado é a unidade elementar dos discursos, no entanto, não constitui uma unidade em si mesmo, "mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço" (FOUCAULT, 2008, p.98), constituindo um acontecimento aberto à repetição, à reativação e à transformação, estabelecendo relações com outros enunciados, em um campo de coexistência, e instituindo um jogo de posições possíveis para os sujeitos. Assim:

Chamaremos *enunciado* a modalidade de existência própria desse conjunto de signos: modalidade que lhe permite ser algo diferente de uma série de traços, algo diferente de uma sucessão de marcas em uma substância, algo diferente de um objeto qualquer fabricado por um ser humano; modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras *performances* verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível (FOUCAULT, 2008, p. 121-122).

A análise dos enunciados não pressupõe um trabalho interpretativo em que se busca o que está "por trás", de forma secreta ou oculta sob as coisas ditas. No entanto, os enunciados também não são imediatamente visíveis, aparecendo como estruturas gramaticais claras e manifestas. Segundo Foucault, "o enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e não oculto" (2008, p. 124). Não está oculto pois refere-se ao que foi dito, ao que foi efetivamente falado, escrito, articulado ou traçado, na evidência da linguagem, mas também não está explicitamente visível, porque não se encerra na linguagem enquanto conjunto de signos e de significantes, sendo necessária uma certa atitude e determinados modos de olhar para que se possa reconhecê-lo e entendê-lo como tal. A análise enunciativa busca analisar as coisas ditas e os significados dos rastros que podem ter deixados, a possibilidade de sua reutilização, os sentidos de sua aparição e não outra em seu lugar, ou seja, suas condições de existência e de emergência (ibid.).

De acordo com Foucault, o nível enunciativo está no limite da linguagem:

[...] não é, em si, um conjunto de caracteres que se apresentariam, mesmo de um modo não sistemático, à experiência imediata; não é, tampouco, por trás de si, o resto enigmático e silencioso que não traduz. Ele define a modalidade de seu aparecimento: antes sua periferia que sua organização interna, antes sua superfície que seu conteúdo (2008, p. 127).

Neste contexto, os sentidos que atribuímos às coisas são dados através da linguagem que, na instância do seu aparecimento, constitui os enunciados. A linguagem constitui o nosso pensamento e as formas com que vemos o mundo, a partir daquilo que Foucault chamou de formações discursivas - constituídas pelos elementos enunciáveis - e de formações não-discursivas - constituídas pelos elementos visíveis - de modo que "todos os entendimentos sobre o mundo (e, de novo, mundo principalmente social) se dão em combinações flutuantes entre olhares e enunciados, entre visão e palavra, entre formações não discursivas e formações discursivas" (VEIGA-NETO, 2007, p. 33). No entanto, para Foucault, o enunciado tem primazia sobre a imagem (ibid.),

O enunciado precisa ser analisado, também, em relação às suas visibilidades, ou seja, às práticas a ele associadas, tanto quanto com relação ao campo de poder a que faz referência e aos sujeitos das enunciações (FISCHER, 2007). Assim, busca-se analisar a positividade dos enunciados, o que eles efetivamente produzem por terem sido enunciados, por determinados sujeitos que ocupam determinadas posições de poder, em determinado contexto histórico, suas condições de emergência, suas relações de dependência com outros enunciados, suas possíveis transformações, repetições e seu funcionamento.

De acordo com Foucault, os sujeitos das enunciações:

[...] fazem parte do campo discursivo – eles têm aí o seu lugar (e suas possibilidades de deslocamento), sua função (e suas possibilidades de mutação funcional). O discurso não é o lugar da irrupção da subjetividade pura; é um espaço de posições e funcionamentos diferenciados para os sujeitos (2010, p. 8).

Assim, os caminhos e ferramentas metodológicas utilizadas nesta pesquisa são decorrentes do campo discursivo no qual estamos imersas e a partir do qual assumimos determinadas posições de sujeito, de modo que, ao analisar os elementos presentes nas comunidades que discutem o tema das cirurgias plásticas e as postagens dos homens nos fóruns, não buscamos interpretar o que foi dito ou "desvelar" o que estava oculto. Nossas análises pautaram-se no entendimento de que o que foi dito situa-se dentro de campos de poder, que habilitam o que pode ser enunciado nestes contextos, sendo resultantes de processos de construção social.

Entendemos, assim como Corazza, que as nossas pesquisas devem ir além do estudo das práticas legitimadas pelos/as autores/as, sendo importante que "nos façamos responsáveis pelas práticas de pesquisa que utilizamos, sejam aquelas adotadas como ponto de partida, sejam as que, a partir dessas, vimos inventando" (2007, p. 104). Portanto, ainda que nossas práticas de pesquisa estejam ancoradas em campos teóricos que nos atravessam e nos (as)sujeitam, a singularidade da investigação faz com que tomemos outros caminhos e inventemos nossas próprias práticas. É este caminho fabricado e singular que apresentamos nos artigos que seguem.

5 COMUNIDADES: ARTIGOS DE ANÁLISES

Nesta seção, apresentamos os 3 (três) artigos produzidos a partir dos movimentos de análise que empreendemos ao longo da pesquisa, mantendo as diretrizes de publicação especificadas pelos periódicos para os quais foram direcionados.

O primeiro artigo, intitulado **Masculinidades e feminilidades no *Orkut*: quem fala e o que se diz em comunidades de cirurgia plástica**, foi publicado na **Revista Encuentros Latinoamericanos**, do Centro de Estudios Interdisciplinarios Latinoamericanos, da Universidad de la Republica (Montevideo, Uruguai).

O segundo, que recebeu o título de **Masculinidades remodeladas: cirurgias plásticas na rede social *Orkut***, foi enviado para a **Revista Estudos Feministas**, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de Florianópolis - SC.

O terceiro artigo, intitulado **O corpo masculino na sociedade de consumo: narrativas sobre cirurgia plástica estética**, será submetido à **Revista Cadernos Pagu**, do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), de Campinas - SP.

5.1 MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NO *ORKUT*: QUEM FALA E O QUE SE DIZ EM COMUNIDADES DE CIRURGIA PLÁSTICA²⁵

Raquel Pereira Quadrado

Paula Regina Costa Ribeiro

5.1.1 ABSTRACT

We live our subjectivity in a social context in which language and culture give meaning to the experience we have of ourselves and where we assume different positions as individuals. These multiple positions are connected with each other and compose us as we become challenged from different situations, institutions, social groupings and interactions, which through meaning-making practices construct us, working as a wide symbolic field, in which and through which we give meaning to our lives, producing our subjectivities. Among the meaning-making practices that are acting in the construction of the subjects, we selected, in this research, the internet, through the *Orkut* social network, since the number of users of these technologies is growing every year. Furthermore, the knowledge of contemporary technoscience - IT, telecommunications and biotechnology - imbricated in power relations, have contributed to making bodies and subjectivities of the beginning of this century. In this article, we sought to analyze the discursive formations found in twenty-two communities that address the topic of plastic surgery, presented in this social network, and which have men as its owners. The research is anchored in the Cultural Studies field, in its post-structuralist strands, and also on some tools of Michel Foucault. We analyzed the statements present in selected communities, using as search data some elements from the main interface, such as name, image used for identification, description text that presents the objectives, number of participants, etc.. From our analysis, we considered that the different ways of addressing present in these communities carry statements of some speeches that historically have been linked to hegemonic masculinity and femininity, such as science as a male zone and beauty as a female attribute. These statements create conditions of possibilities for a greater participation of men or women in certain communities, and not others. The *Orkut*, understood as a place that enables learning, entertainment and communication, teaches about bodies and plastic surgery. The data shared in these communities are subjective practices that produce effects on bodies and individuals who interact on them, giving their position.

Keywords: subjectivity; Orkut; plastic surgery.

²⁵ Artigo publicado na Revista Encuentros Latinoamericanos, sección Estudios de Género, v. 12-13, p. e1-e30, 2011. Disponível em <http://enclat.fhuce.edu.uy/index.php?option=com_content&view=article&id=22&Itemid=20>. O artigo segue as normas de formatação estabelecidas pela Revista, conforme Anexo A.

5.1.2 RESUMEN

Vivimos nuestra subjetividad en un contexto social en que el lenguaje y la cultura dan significado a la experiencia que tenemos de nosotros mismos y donde asumimos diversas posiciones de sujeto. Esas múltiples posiciones se encuentran superpuestas unas a las otras y nos constituyen, al tiempo en que vamos siendo interpelados desde diferentes situaciones, instituciones, grupos sociales e interacciones, que a través de prácticas de significación nos van constituyendo, funcionando como un amplio dominio simbólico, en el cual y a través del cual damos sentido a nuestras vidas produciendo nuestras subjetividades. Entre las prácticas de significación que actúan en la producción de los sujetos, seleccionamos, en esa investigación, la internet, sobre todo la red social *Orkut*, una vez que el número de usuarios/as de esas tecnologías ha crecido significativamente a cada año. Además, los saberes de la tecnociencia contemporánea – informática, telecomunicaciones y biotecnologías – imbricados en relaciones de poder han contribuido en la formación de cuerpos y de las subjetividades desde el comienzo de este siglo. Así, buscamos en este artículo, analizar las formaciones discursivas existentes en veintidós comunidades que abordan la temática de las cirugías plásticas, existentes en esa red social, y en las que hombres son los dueños. La investigación está fundamentada en el campo teórico de los Estudios Culturales, en sus vertientes post-estructuralistas y, también, en algunas herramientas de Michel Foucault. Fueron analizadas enunciaciones presentes en las comunidades elegidas, convirtiéndose como datos de pesquisa algunos elementos presentados en su interfaz principal, como: nombre, imagen usada para identificación, texto de descripción en que se presentan los objetivos, número de participantes, etc. Desde los análisis, consideramos que las diferentes formas de direccionamiento presentes en las comunidades rescatan enunciaciones de algunos discursos que históricamente han sido vehiculados a las masculinidades y feminidades hegemónicas, tales como la ciencia entendida como un espacio masculino y la belleza como un atributo femenino. Esos enunciaciones crean condiciones de posibilidades para que una mayor participación de hombres y mujeres se establezca en determinadas comunidades y no en otras. El *Orkut*, entendido como lugar que posibilita aprendizajes, entretenimiento y comunicación, enseña sobre los cuerpos y las cirugías plásticas. Los datos compartidos en las comunidades constituyen prácticas de subjetivación que producen efectos en los cuerpos y en los sujetos que en ellas interactúan, posicionando los mismos.

Palabras clave: subjetividades; *Orkut*; cirugías plásticas.

5.1.3 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as formações discursivas²⁶ presentes em comunidades da rede social *Orkut* que discutem a temática cirurgia plástica e que possuem homens como donos²⁷. Dessa forma, damos prosseguimento aos estudos que temos realizado que buscam investigar as práticas de subjetivação presentes nessa rede social relacionadas às cirurgias plásticas²⁸. Para tanto, estamos nos utilizando do campo dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas e de algumas ferramentas foucaultianas, entendendo que vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual assumimos diversas posições de sujeito, como por exemplo, mulher, mãe, esposa, amiga, negra, professora, entre outras.

Essas múltiplas posições encontram-se imbricadas umas às outras e constituem os sujeitos, na medida em que eles são interpelados a partir de diferentes situações, instituições, agrupamentos sociais e interações, e que através de práticas de significação vão constituindo-os, funcionando como um amplo domínio simbólico, no qual e através do qual eles dão sentido às suas vidas, produzindo suas subjetividades (WOODWARD, 2005).

Dentre as diversas práticas de significação que engendram os sujeitos, nesta pesquisa, elegemos a rede social *Orkut* por entendermos que as tecnologias digitais, de modo especial, as redes sociais disponíveis na internet, têm se destacado, uma vez que o número de usuários/as dessas tecnologias vem crescendo a cada ano. De acordo com Sibilia (2002), os saberes da tecnociência contemporânea – informática, telecomunicações e biotecnologias – imbricados em relações de poder, vêm contribuindo “fortemente” para fabricar os corpos, os gêneros e as subjetividades do começo deste século. Nesse contexto, cuidar do corpo, mantendo-o bonito, jovem e saudável, constitui-se como uma forma de cuidar de si, de modo que cada indivíduo torna-se o gestor do seu próprio corpo e, para isso, pode-se utilizar de diversas técnicas corporais, e, entre elas, as cirurgias plásticas.

O Brasil, segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica²⁹, ocupa o segundo lugar no *ranking* mundial de cirurgias plásticas, ficando abaixo apenas do número de cirurgias realizadas nos Estados Unidos. Esses dados indicam que os/as brasileiros/as têm buscado cada vez mais esse tipo de procedimento e, sendo o *Orkut* uma rede social em que se compartilham interesses e informações, inúmeras comunidades são constituídas com o propósito de discutir essa temática. Essas comunidades constituem lugares em que se (re)produzem significados sobre os corpos belos, saudáveis e jovens, em que os usuários/as discutem dúvidas e experiências, buscando a *possibilidade de aprendizagem, entretenimento e comunicação que o Orkut oferece* (COUTO e ROCHA, 2010, p.12). A partir de comunidades que discutem essa temática, constituímos o *corpus* de análise desta pesquisa.

Na primeira parte deste artigo, trazemos o campo teórico a partir do qual produzimos os nossos estudos e análises, apresentando os pressupostos dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas, bem como algumas proposições de Michel Foucault. Em seguida, apresentamos o *Orkut* e as comunidades com as quais trabalhamos, o caminho

²⁶ Estamos entendendo formações discursivas a partir de concepções foucaultianas. Esse conceito será discutido na página 7 deste artigo.

²⁷ No *Orkut*, chama-se de dono/a o usuário/a que cria a comunidade, escolhendo o que será postado na sua descrição, a imagem de exibição, a categoria em que esta será enquadrada – Moda e Beleza, Pessoas, Escolas e Cursos, Música, Empresas, Animais e Bichos de Estimação, Saúde, Bem-estar e *Fitness*, entre outras – e os critérios de participação.

²⁸ Pesquisa desenvolvida para a produção de tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Associação Ampla FURG-UFRGS-UFSM.

²⁹ Dados acessados a partir do *site* oficial da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, disponível em <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php>. Acesso em 12/10/2010.

percorrido para a produção dos dados e as análises feitas. Por fim, tecemos algumas considerações sobre os entendimentos que construímos ao longo deste processo de pesquisa.

5.1.4 TECENDO REDES DE SIGNIFICADOS

5.1.4.1 Os Estudos Culturais e algumas ferramentas foucaultianas

No contexto desta pesquisa, utilizamos contribuições dos Estudos Culturais, na suas vertentes pós-estruturalistas, analisando os fenômenos em sua dimensão cultural.

Os Estudos Culturais constituem um campo de teorização e investigação bastante heterogêneo, de caráter interdisciplinar (ou antidisciplinar), que centra suas análises em fenômenos culturais, ou seja, analisa a dimensão cultural existente nas práticas sociais. Nessa perspectiva de estudos, torna-se importante discutir o conceito de cultura. Segundo Silva, a cultura pode ser compreendida como

forma global de vida ou como experiência vivida de um grupo social [...] campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação (2002, p. 133).

Nesse sentido, a cultura é constituída por uma rede de significados que fazem parte do modo de vida de cada grupo social, definindo como esses grupos devem ser. A cultura é, ao mesmo tempo, determinada pelas instâncias sociais e determinante delas. Esse campo cultural encontra-se imbricado em relações de poder, pois é nele e através dele que os significados são definidos, marcados e fixados, num jogo através do qual cada grupo tenta impor os seus significados sociais aos demais grupos. Estamos entendendo poder como [...] *um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado* (FOUCAULT, 2004, p. 248). Nesse sentido, o poder não está centrado em um ponto e não é algo que se detém; o poder é difuso, capilar e assimétrico, é algo que se exerce em relação, nas diversas práticas sociais.

Os Estudos Culturais entendem as práticas culturais como produtoras de significados, buscando a desconstrução dos binarismos e das diferenciações entre alta e baixa cultura, ou entre cultura acadêmica e cultura popular. Esse campo de estudos opõe-se às noções elitistas de cultura, em favor de abordagens que a consideram como descrições de modos de vida, articulando produção de significados, constituição de identidades e relações de poder. As análises feitas nesses estudos não têm pretensão de imparcialidade ou neutralidade (SILVA, 2002), ao contrário, são marcadas pela intencionalidade e pela parcialidade, tendo um forte caráter político e social.

Em suas vertentes pós-estruturalistas, os Estudos Culturais preocupam-se com práticas de significação, teorizando sobre a importância da linguagem como processo de significação. Segundo Peters (2000), o pós-estruturalismo é um movimento de pensamento que questiona a constituição do sujeito, percebendo-o em relação com diferentes sistemas e estruturas, e não deve ser usado para dar ideia de singularidade ou homogeneidade. Nesse contexto, os significados não são fixos, nem pré-existentes, eles são fluidos, variantes, múltiplos, sendo

construídos social e culturalmente e estando diretamente relacionados ao contexto dessa produção. Nessa perspectiva, a linguagem constitui o mundo e os objetos à medida que fala sobre eles. Segundo Hall:

É através do uso que fazemos das coisas e o que dizemos, pensamos e sentimos acerca destas - como as representamos - que damos significado. Em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos conosco. Em parte damos significado às coisas através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano (1997, p. 3).

Assim, os significados são produzidos e circulam através das práticas sociais, dentro de uma mesma cultura e entre culturas distintas, valendo-se de meios variados que promovem esse intercâmbio, tais como os programas de TV, as músicas, as revistas, os jornais, as comunidades da rede *Orkut*, entre outros. Esses significados regulam nossas práticas e condutas, atuando *na construção da identidade e na delimitação da diferença, na produção e consumo, bem como na regulação das condutas sociais* (id., ib.). O autor destaca que dentro de uma mesma cultura os indivíduos partilham códigos culturais, de modo que os significados que atribuem às imagens, sentimentos, expressões corporais, sons, entre outras formas de linguagem são semelhantes. Assim é através da linguagem que os significados são produzidos. Segundo Ogiba, [...] *realidade e homens/mulheres são constituídos/as pela e na linguagem e não o contrário. Por conseguinte, é o lugar no qual o sujeito se constitui e onde deixa as marcas desse processo* (1995, p. 234). Para a autora, a linguagem produz discursos polissêmicos que constituem o social e, uma vez que os sentidos são socialmente produzidos, eles podem, também, ser ressignificados a partir da linguagem. Dentro de uma mesma cultura, há sempre diferentes discursos circulando, buscando impor seus significados aos demais indivíduos. Esses discursos, articulados às relações de poder, produzem conhecimentos, tipos de pensamentos, regulando, assim, as condutas e posicionando os sujeitos.

Para desenvolvermos este estudo, buscamos algumas contribuições de Michel Foucault. A produção do sujeito é uma das ferramentas que tomamos para pensar esta pesquisa. Ao longo de sua produção, Foucault preocupou-se com a constituição do sujeito, tomando como eixo a questão de Nietzsche: como nos tornamos aquilo que somos? Nessa perspectiva, a ideia de um sujeito transcendental, unificado, autônomo e com uma essência perene não existe; existem, sim, diferentes formas de subjetividade, situadas e contingentes.

Dentre os processos que contribuem para a constituição do sujeito, destacamos os processos de subjetivação³⁰, entendidos como [...] *as práticas que, dentro da nossa cultura, fazem do homem um sujeito, ou seja, aquelas que constituem o indivíduo moderno, sendo ele um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída como própria* (FONSECA, 2003, p. 25) e que ele reconhece como sua. Entendemos que as postagens compartilhadas nas comunidades do *Orkut* constituem práticas de subjetivação que produzem efeitos na constituição dos sujeitos que nelas interagem.

Nessas comunidades, circulam discursos sobre os corpos e tais discursos produzem formas de ser, padrões de beleza e marcadores identitários, posicionando os sujeitos nos diversos contextos sociais. Assim, o conceito de discurso é outra ferramenta foucaultiana importante para esse estudo. Segundo Foucault

[...] os 'discursos', tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras [...] gostaria de mostrar, por meio

³⁰ Ao discutir a constituição do sujeito, Foucault destaca que esse é produzido a partir de práticas de objetivação e de subjetivação (DREYFUS e RABINOW, 1995).

de exemplos precisos, que, analisando o próprio discurso vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não regime canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. “As palavras e as coisas” é o título – sério – de um problema; é o título – irônico – do trabalho que lhe modifica a forma, lhe desloca os dados e revela, afinal de contas, uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais do que utilizar esses signos para designar coisas. É esse “mais” que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (2008, p. 54-55). [grifos do autor]

Nesse sentido, os discursos sobre os corpos, nas comunidades analisadas, instituem modos de ser e posições de sujeito, nesse tempo, nessa cultura. Ao analisar os dados presentes nas comunidades do *Orkut*, procuramos esse “mais” de que fala Foucault, buscando visibilizar os enunciados presentes para descrevê-los e articulá-los em formações discursivas, a partir de suas regularidades e também de suas dispersões. De acordo com o autor

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (2008, p. 31).

Estamos entendendo enunciado como a unidade elementar do discurso capaz de ser isolada e entrar em um jogo de relações com outras unidades semelhantes (FOUCAULT, 2008). Os enunciados articulam-se em unidades de sentido, constituindo as formações discursivas.

Essa formação é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação [...] uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder se mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha que se modificar (2008, p. 49-50).

Assim, a fim de investigar as práticas de subjetivação presentes nessa rede social relacionadas às cirurgias plásticas, buscamos como questão de pesquisa problematizar que condições de possibilidade contribuíram para a emergência de determinadas enunciações (e não de outras) nas diversas comunidades que discutem os corpos pelo viés das cirurgias plásticas.

Os corpos, nesse contexto, estão sendo pensados a partir de uma perspectiva foucaultiana, como *superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização* (FOUCAULT, 2004, p. 22). Assim, nos corpos se inscrevem as marcas dos acontecimentos, de modo que não existe um único corpo, enquanto essência biológica e universal, mas corpos em *perpétua pulverização*, sendo constantemente reinventados e ressignificados nos diversos contextos socioculturais.

Entendemos os corpos como produções híbridas – biológicas, históricas e culturais – que estão constantemente sendo modificadas e (re)significadas em função das diversas formas com que eles têm sido pensados, narrados, interpretados e vividos, ao longo do tempo, pelas diferentes culturas. Para Goellner:

[...] um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (2007, p. 29).

Nesse sentido, os corpos são produções biossociais, constituídas na e pela linguagem, que, ao nomear e supostamente descrever esses corpos, interpela-os, atuando na sua produção. Através da linguagem, veicula-se significados sobre os corpos masculinos, jovens, saudáveis, belos, da moda, descuidados, negligenciados, doentes, entre outros. Pensar o corpo dessa forma implica em [...] *perceber sua provisoriade e as infinitas possibilidades de modificá-lo, aperfeiçoá-lo, significá-lo e ressignificá-lo* (FIGUEIRA, 2007, p. 126). Implica, também, no reconhecimento de que os marcadores sociais, tais como etnia, sexo, gênero, classe social e faixa etária atuam na produção desses corpos, posicionando-os. Esses marcadores inscrevem-se nos corpos que, na contemporaneidade, podem ser modificados a partir de inúmeras possibilidades: roupas, acessórios, cosméticos, academias, tatuagens, *piercings*, próteses, cirurgias plásticas, entre outras, modificando, ao mesmo tempo, os modos como nos percebemos como sujeitos.

Nesta pesquisa, os marcadores de gênero têm maior visibilidade, de modo que o conceito de gênero torna-se fundamental para este estudo. Entendemos os gêneros como construções sócio-culturais e linguísticas, relativas às diversas formas de viver a masculinidade e a feminilidade, bem como aos significados atribuídos a homens e mulheres em cada cultura. Não são as características biológicas que determinam os significados de ser mulher ou de ser homem, e sim as formas como essas características são valorizadas em cada sociedade, em determinado momento histórico, que acabam por constituir os gêneros (LOURO, 2004, 2007, SCOTT, 1995). Assim, é no campo social que se constroem e se reproduzem as relações entre os sujeitos, de modo que, as justificativas para as desigualdades entre homens e mulheres devem ser buscadas na história, na estrutura social, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas como as masculinidades e as feminilidades são (re)significadas.

Os padrões atuais veiculados na mídia “determinam” que os corpos masculinos e femininos devem ser magros/as, “sarados/as”, jovens e bronzeados/as, e esse corpo idealizado vem associado a discursos de beleza, saúde e felicidade. Por outro lado, estar gordo/a, ter celulite, ser flácido/a são marcas que apontam para quem não está de acordo com os padrões, marcas que conferem aos sujeitos características “indesejáveis”, associadas a sofrimento,

doença e infelicidade. Nesse sentido, Foucault destaca que [...] encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (2004, p. 147) [grifo do autor]. Há uma incitação à produção desse corpo e ao cuidado de si.

O cuidado de si, de acordo com Foucault, diz respeito à constituição do sujeito como sujeito de seus atos, de modo que [...] se é chamado a se tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se e promover a própria salvação. (2007, p. 48). Nesse contexto, é preciso conhecer-se a si mesmo para cuidar de si. O cuidado de si não é só um princípio, é uma prática constante. Na Antiguidade, estava ligado a ideais ascéticos cristãos e à filosofia antiga, não sendo entendido como um preceito filosófico, mas como um preceito de vida, uma forma de vida. Cuidar de si requer um trabalho sobre si mesmo, um conjunto de práticas – técnicas de si – que envolvem regras de conduta, auto-conhecimento, vigilância (FOUCAULT, 1997, 2004b). *Trata-se de ocupar-se de si, por si mesmo. Deve-se ser, para si mesmo e ao longo de toda a sua existência, seu próprio objeto* (id., 1997, 123). De acordo com o autor, o cuidado de si foi, gradativamente, tomando a forma de uma cultura de si, envolvendo não só o princípio de que se deve ocupar-se consigo mesmo, mas

[...] também tomou a forma de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas, em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações individuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber (2007, p. 50).

Esse saber sobre o sujeito e seu corpo foi, ao longo do tempo, instituindo posições de sujeito e produzindo significados de pertencimento e exclusão no que diz respeito aos corpos. Esses significados vêm sendo produzidos por discursos de diversas pedagogias culturais que instituem modos de ser, vestir, falar, agir e consumir. Dentre esses discursos, destacamos os que circulam na sociedade de consumo que, ao atribuir significados a bens, produtos e serviços, os tornam símbolos de distinção e comunicação social.

Vivemos em uma sociedade fortemente marcada por uma cultura de consumo⁵, na qual a apropriação dos bens deixou de ser apenas uma forma de satisfação das necessidades básicas para tornar-se um modo de afirmação, de construção de um estilo de vida e da própria identidade que vem se constituindo através do consumo, em função daquilo que se possui ou que se pode vir a possuir. Essa cultura gera “necessidades” cada vez maiores nos indivíduos. De acordo com Santos:

[...] ao lermos uma revista, ao assistirmos a um filme ou ao comprarmos uma roupa, não realizamos atitudes passivas, em que desempenhamos nossa vontade livremente – não somos livres nem espontâneos –, ao contrário, somos constituídos pelo que vemos, lemos, vestimos, falamos (2002, p. 105).

As relações de consumo são, portanto, processos sociais e correlacionais bastante complexos, em que os significados atribuídos aos produtos são móveis e determinados pelas diferentes culturas. No entanto, os indivíduos pertencentes a um determinado grupo ou classe

⁵ Featherstone (1995) diz que a expressão cultura de consumo designa a cultura da sociedade de consumo e está baseada na suposição de que o movimento em direção ao consumo de massa esteve associado a uma reorganização geral da produção simbólica, das experiências e das práticas cotidianas.

social compartilham significados e se reconhecem pelos produtos que consomem, pelos lugares que frequentam, pelos serviços que utilizam. Nesse sentido, o consumo é uma prática cultural que organiza e regula nossas condutas, tendo efeitos sobre os corpos, inscrevendo-os, instituindo modos de ser e estabelecendo padrões de beleza, de “normalidade” e de pertencimento. No e através do consumo, ensina-se significados sobre os corpos e tais significados articulam-se a outras significações, instituindo posições de sujeito. Tais significados estão presentes em diversos artefatos culturais, entre os quais elegemos, para realizar essa pesquisa, a rede *Orkut*, uma vez que esta vem se expandindo entre os usuários de internet.

5.1.4.2 Corpos virtuais

A internet é uma tecnologia digital que possibilita outras formas de relação e outros espaços de sociabilidade. As inúmeras possibilidades de utilização que a mesma oferece interpelam os indivíduos para que assumam distintas e variadas posições de sujeito, inventadas e, muitas vezes, sem correspondência com as formas pelas quais eles/as se identificam, nem tampouco com a materialidade de seus corpos. As interações que acontecem nas comunidades do *Orkut* funcionam como mecanismos de subjetivação e produzem efeitos sobre os corpos.

Nesse sentido, Saraiva destaca que

[...] a invisibilidade do corpo, ou o que se poderia chamar de volatilidade do corpo no ciberespaço, não impede que os discursos que circulam na rede se inscrevam sobre o mesmo. Os efeitos da produção discursiva do corpo através da internet estão inextricavelmente ligados com a materialidade corporal (2007, p.54)

No ciberespaço os corpos virtualizam-se, mas as interações que esses corpos virtuais estabelecem, os discursos que os interpelam, produzem efeitos sobre eles. Segundo Lévy, *[...] é virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular (2007, p. 46) [grifo do autor]*. Assim, ao navegarem pela internet, os corpos desterritorializam-se, rompem fronteiras temporais e espaciais, desprendem-se do aqui e agora, mas isso não significa que o virtual não exista, ou que não seja real: o virtual não se opõe ao real, mas ao atual (2007, 2007b). Para o autor, o virtual é o que existe em potência e não em ato, *[...] é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (2007b, p. 16)*. Nesse sentido, o virtual constitui-se como uma fonte indefinida de atualizações.

Na rede *Orkut*, circulam corpos virtuais em comunidades virtuais, organizadas a partir de redes de afinidades, por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Nessas comunidades

[...] os membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente” essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontram membros móveis [...] ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de

pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia (LÉVY, 2007b, p. 20). [grifo do autor]

A virtualidade, marcada pela “não-presença”, pela dissolução da geografia e da temporalidade, possibilita que esses corpos sejam reinventados infinitas vezes, constituindo um leque de posições de sujeito possíveis de serem ocupadas. Nesse sentido, as comunidades são “rótulos” que escolhemos para dizer quem somos: [...] *a questão central é o que ela diz sobre nós aos outros que visitam nossa página; o conjunto das comunidades a que pertencemos (praticamente sem limite de número – 10, 20, 30...) mapeia esta identidade digital* (SILVEIRA, 2006, p. 147). Assim, o *Orkut* se constitui como um lugar bastante propício para a exposição dos sujeitos, atuando como uma [...] *vitrine virtual que oferece uma infinidade de ‘peças’ para se vestir uma identidade [...] constituindo um território enigmático e fascinante de invenção e exibição de subjetividades e identidades* (ibid.) [grifo da autora]. As comunidades que escolhemos, mais do que expressar desejos e afinidades, nos constituem.

Ao participarem das comunidades virtuais, os sujeitos estabelecem redes de interações e significados e essas redes conectam-se a outras redes, seja através dos *links* disponibilizados em cada página, seja pelas redes de amigos/as que remetem a outros/as amigos/as, e assim por diante. Segundo Lévy, [...] *hoje nos associamos virtualmente num só corpo com os que participam das mesmas redes técnicas e médicas. Cada corpo individual torna-se parte integrante de um imenso hipercorpo híbrido e mundializado* (2007, p. 31).

A *internet* constitui, então, uma imensa rede virtual. Essa rede possibilita aos sujeitos se reinventarem infinitas vezes, com grande liberdade. No entanto, de acordo com Saraiva

[...] podemos problematizar essa liberdade. Se entendermos a construção das identidades virtuais como estratégias de inclusão, não somos “quem queremos”, mas nos representamos por narrativas que acreditamos adequadas e atraentes (ou, em alguns casos, identidades que entendemos como desafiadoras e agressivas). Essa liberdade de nos representarmos está emaranhada em redes de saber-poder que nos autorizam a inventar determinadas narrativas e fazem com que rejeitemos outras (2007, p. 72). [grifo da autora]

Nesse sentido, entendemos que as formas de organização presentes no *Orkut* estão ancoradas nos significados e valores da sociedade contemporânea, tais como o apelo ao consumo, à efemeridade, à fluidez, o culto à popularidade e ao sucesso pessoal, o culto ao corpo dito belo, ou seja, magro e/ou sarado (ibid.). Sendo assim, ao proceder suas escolhas – de que comunidades participar, que fotos exibir no seu álbum, como se descrever no seu perfil, o que colocar nos fóruns... – os sujeitos não estão exercendo sua vontade livremente, mas estão produzindo as histórias que consideram “adequadas e atraentes”, a partir das “verdades” dessa sociedade.

Nesse sentido, o *Orkut* constitui-se como um espaço de sociabilidade e subjetivação sobre o qual nos debruçamos neste trabalho.

5.1.5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

5.1.5.1 O *Orkut* e a produção dos dados

O *Orkut* é uma rede de relacionamentos filiada ao *Google*³¹, um dos *sites* de buscas mais conhecido no mundo todo. Essa rede foi projetada por um engenheiro da empresa *google*, o turco *Orkut Büyükkökten*, em janeiro de 2004, com o objetivo de ajudar seus membros a estabelecer novas amizades e a manter relacionamentos. Para participar dessa rede, o/a usuário/a precisa cadastrar-se preenchendo um perfil que contém desde informações básicas de acesso (*login* e senha, por exemplo), até informações pessoais (idade, endereço, características físicas, interesse em relacionamentos, coisas que gosta e não gosta, o que tem no seu quarto, par perfeito...), profissionais (titulação, profissão, local em que trabalha, interesses profissionais...) e sociais (etnia, religião, orientação sexual, estilo, atividades, paixões, esportes...). O cadastro também possibilita a publicação de um álbum de fotografias digitais, cujo acesso é liberado de acordo com a vontade do/a dono/o do perfil, podendo ser visto por todos/as os/as usuários do *Orkut* ou apenas por amigos/as ou grupos de amigos/as.

O Brasil é o país que tem o maior número de usuários: 50,60% do total. Além disso, o *Orkut* é o terceiro endereço mais acessado no país³², ficando atrás apenas do *Google*, que é o líder mundial de acessos, e do *YouTube*³³. Esses dados instigaram-nos, ainda mais, a investigar as formações discursivas sobre as cirurgias plásticas que estão presentes nessa rede social.

No contexto desta pesquisa, estamos tomando como dados para análise diversos elementos presentes nas comunidades - os textos que as descrevem, as imagens usadas para sua identificação, as categorias em que se inscrevem, quem são os donos/as dessas comunidades e o nº de participantes de cada gênero – por entendermos que esses constituem enunciações que podem ser articulados em unidades de sentido (FOUCAULT, 2008).

O *Orkut* conta com um sistema de busca do qual nos valem para procurar as comunidades que foram investigadas no contexto desta pesquisa. Buscamos comunidades relacionadas às cirurgias plásticas, utilizando, como palavra-chave, o termo *plástica*. Como resultado, obtivemos mais de 1.000 (mil). Fizemos um recorte, selecionando as comunidades listadas nas 10 (dez) primeiras páginas dos resultados da busca, ficando, então, com 74 (setenta e quatro). Em seguida, realizamos um mapeamento das comunidades selecionadas, buscando os seguintes dados: nome da comunidade; dono/a (pessoa que criou a comunidade e que se identifica com seu nome pessoal ou com um *nick name*³⁴), categoria (classificação a partir do que o *Orkut* propõe, podendo ser saúde, bem-estar e *fitness*, moda e beleza, escolas e cursos, entre outros), descrição (parágrafo que apresenta a comunidade e seus objetivos), número total de participantes (membros da comunidade), número de homens e de mulheres.

5.1.5.2 Mulheres e cirurgias plásticas: a participação feminina nas comunidades do *Orkut*

³¹ www.google.com.br

³² Segundo dados obtidos em <http://www.alexa.com/topsites/>, acessado em 04/04/2011.

³³ Site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Disponível em: www.youtube.com.

³⁴ Apelido ou pseudônimo usado como identificação em *sites* de relacionamentos, jogos, *chats*, etc.

Os dados da pesquisa foram organizados em uma tabela³⁵, como a que apresentamos abaixo – (Tabela 1). Inicialmente, analisamos todas as comunidades selecionadas, constatando que a maioria dos/as participantes era constituída por mulheres.

TABELA 1 – Comunidades sobre cirurgia plástica com o maior número de participantes.

COMUNIDADE E DONO/A	CATEGORIA	DESCRIÇÃO	PART.	H	M
JÁ FIZ CIRURGIA PLÁSTICA Gaby*	Pessoas	Para vc que já se rendeu aos avanços da medicina e hj se arrepende somente por não ter feito antes! ...ou até mesmo para vc que quer fazer, mas ainda tem receios, dúvidas... Vamos compartilhar nossas experiências! LEMBRE-SE! **apenas um bom profissional poderá e deverá esclarecer todas as suas dúvidas. O intuito da comunidade é ajuda-lo, mas não deixe de consultar um médico.	5 5.768	1 11,3%	88,7%
Cirurgia Plástica Gleisi Rose	Saúde, Bem-estar e Fitness	Essa comunidade tem o objetivo de trocar experiências e esclarecer dúvidas a respeito de CIRURGIA PLÁSTICA e todas as suas sub-especialidades. Nosso objetivo é fazer bons amigos, e sempre, ajudar e incentivar a todos, como uma família. Todos são bem vindos. Os PROFISSIONAIS que se prestarem a tirar dúvidas nessa comunidade deverão ser especialistas da SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. Para os demais, médicos ou não, deverá constar como troca de experiências, mas não ter cunho médico-profissional Não serão permitidos tópicos de propagandas. Por favor, respeite nosso tema principal!	5 5.786	7 1 12,7%	87,3%
Plástica pós-gastroplastia Cristiane Damasceno	Saúde, Bem-estar e Fitness	“Saúde plena é o bem-estar físico e psicológico do ser humano” Você fez a cirurgia de redução da obesidade??? Ainda vai fazer??? Então com certeza vc tem essa preocupação... Ficarei com pele??? Estrias??? Flacidez???Então vc está na comunidade certa!!! Vamos trocar informações e experiências. SEJA MUITO BEM VINDO!!!	3.681	9,1%	90,9%
Cirurgia Plástica = Felicidade Paloma Aviz	Saúde, Bem-estar e Fitness	Esta página destina-se a colher depoimentos de pessoas que recuperaram sua auto-estima pela cirurgia plástica. Com isto espero mostrar um outro lado da cirurgia plástica que é pouco divulgado. Compartilhe sua alegria conosco!! Conte sua história. Se tiver dúvidas aproveite e pergunte.	1.958	10%	90%

³⁵ A tabela apresentada constitui um recorte daquela que construímos a fim de tabular os dados das 74 (setenta e quatro) comunidades analisadas. Os textos foram transcritos literalmente.

A tabela 1 apresenta as 4 (quatro) comunidades analisadas que têm o maior número de participantes. A análise desses dados mostra que o gênero feminino tem participado mais das comunidades que discutem a temática de cirurgia plástica do que o gênero masculino, o que nos remete a pensarmos no investimento que se faz sobre o corpo, sobretudo o feminino, a fim de que o mesmo corresponda a padrões hegemônicos de beleza.

Numa sociedade em que a beleza tornou-se um imperativo, sobretudo para as mulheres, as meninas aprendem desde muito cedo os cuidados que devem ter com o corpo e a aparência: [...] *elas frequentam cada vez mais cedo as academias de ginástica, se submetem a cirurgias plásticas, fazem dietas, estabelecem pactos (ficar dois meses sem tomar refrigerantes, por exemplo), tudo em nome da beleza* (FELIPE, 2007, p. 55). Os corpos femininos são alvo de campanhas publicitárias veiculadas nas diversas mídias que apresentam corpos magros, rijos e jovens como padrões corporais a serem seguidos, aliados a conceitos de felicidade, saúde e bem-estar. Nesse contexto, cada mulher deve responsabilizar-se pelo seu corpo, na busca do que Del Priori (2004) chama de ética feminina, de modo que aquelas que não se encaixam no modelo dito ideal, fracassam em relação ao próprio corpo. De acordo com a autora, [...] *a história das mulheres passa pela história de seus corpos* (2004, p. 256). Assim, pode-se dizer que a partir do final do século XX, vemos crescer um narcisismo coletivo, uma crescente incitação a se exibir os corpos, especialmente os femininos. Acentua-se, então, a “obrigação” de ser bela, jovem e saudável: *A identidade corporal feminina está sendo condicionada à tríade beleza-juventude-saúde. Leia-se: a mulher deve explicitar a beleza do corpo por sua juventude, sua juventude por sua saúde, sua saúde por sua beleza* (id., p. 265). Além disso, as imagens que circulam nos anúncios publicitários, nas novelas, nos filmes e nas diversas mídias produzem teias de sentidos sobre os corpos femininos, articulando-se a uma rede de mecanismos e estratégias que agem sobre esses corpos: [...] *argumentos publicitários, produtos de beleza e medicina vulgarizados nas revistas são os mecanismos sutis, mas extremamente repressivos que agem sobre o corpo feminino* (id., p. 266). Nesse contexto, a beleza é algo a ser construído e, para tanto, é preciso que haja um investimento sobre o corpo, determinação e práticas do cuidado de si. As cirurgias plásticas constituem, nesse contexto, um recurso muito valorizado para se alcançar esse corpo idealizado, como podemos ver na descrição da comunidade JÁ FIZ CIRURGIA PLÁSTICA (Fig. 1), apresentada anteriormente na tabela:

Fig. 1 – Interface da comunidade Já Fiz Cirurgia Plástica.
Fonte: www.orkut.com.br



A descrição de cada comunidade, bem como a escolha da imagem que a identifica – nesse caso, um corpo que parece ser feminino, com a mão na cintura e algumas linhas marcadas no abdômen – é feita pelo/a seu/sua dono/a, ou seja, a pessoa que a criou. Essa comunidade foi criada por uma mulher que se identifica como Gabi* que, ao descrevê-la, apresenta as cirurgias plásticas como um *avanço da medicina*, vinculando-as a um campo de saber - o saber médico - que lhe confere poder (FOUCAULT, 2004) para recriar e esculpir os corpos. As plásticas são apresentadas como algo que muitos/as buscam e que traz satisfação para aqueles/as que já alcançaram, pois quem já fez *se arrepende somente por não ter feito antes*. Também abre a possibilidade de discussão e de *compartilhar experiências*, a fim de que aqueles/as que *ainda tem receios, dúvidas* [grifo nosso] possa esclarecê-los e desfrutar de tudo o que a medicina pode oferecer com relação à remodelagem corporal. Esse discurso que fala sobre os sujeitos, sobre os seus corpos, que convoca ao diálogo e à participação nessa comunidade, tem efeito principalmente sobre as mulheres, uma vez que dentre os/as mais de 5.700 (cinco mil e setecentos) membros, a participação feminina é superior a 88%. De acordo com Cabeda (2004), ao longo da história do corpo e das mulheres, os sacrifícios para modelar o corpo de acordo com os “padrões” da época sempre estiveram presentes, desde o uso dos espartilhos que pretendiam esconder as “imperfeições” corporais comprimindo fígado, rins e dificultando a respiração, até as intervenções estéticas: [...] *tornar-se bela por meio de um programa de intervenções estéticas, das mais simples às mais invasivas (como as cirurgias plásticas), tornou-se o projeto existencial prioritário para um grande número de mulheres, garantia de auto-estima e felicidade* (CABEDA, 2004, p. 321). E esse tornar-se bela passa por um auto-cuidado, pela responsabilidade pessoal acerca da sua aparência e seu físico. Nesse sentido, Sibilia destaca:

No contexto contemporâneo, “cuidar de si” deixou de remeter à preservação de costumes e valores burgueses, com sua preocupação constante no que tange ao enriquecimento da alma, aos sentimentos e às qualidades morais, para canalizar suas cerimônias em direção ao cuidado do corpo físico (2009, p. 34). [grifo da autora]

Esse “cuidar de si” envolve um conjunto de práticas e técnicas corporais, das quais as cirurgias plásticas fazem parte.

Além disso, das 74 (setenta e quatro) comunidades analisadas, 68 (sessenta e oito) apresentam mais de 50% de participação feminina e todas apresentam, no mínimo, 30% de mulheres entre seus membros, mostrando que o investimento sobre o corpo das mulheres é mais intenso do que sobre o corpo dos homens e, de acordo com Sant’Anna, [...] *a insistência em associar a feminilidade à beleza não é nova. A ideia de que a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino, atravessa os séculos e as culturas* (2005, p. 121). Sobre o corpo feminino se estabelece uma rede de discursos que incitam o auto-cuidado, de modo que cada mulher é responsável pela sua aparência e pelo cuidado de si.

Embora os discursos de beleza ainda estejam muito vinculadas ao gênero feminino, vemos que esses discursos já vêm produzindo efeitos também nos homens, pois segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas - SBCP, os homens vêm aderindo cada vez mais aos procedimentos cirúrgicos estéticos, sendo que nos últimos cinco anos cresceu de 5% para 30% o número de homens que buscam cirurgias plásticas (de 650 mil cirurgias feitas no ano passado, 119 mil foram em homens)³⁶. O presidente da SBCP, Sebastião Guerra (2010), destaca que *o mundo competitivo, a mídia, impondo padrões e a busca da autoestima, são os principais fatores que fazem homens realizarem cirurgias*. Tal afirmação nos dá

³⁶ Dados obtidos no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, disponível em <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php>, acesso em 12/10/2010.

indícios de que cada vez mais a ideia do cuidado de si envolvendo um conjunto de técnicas e procedimentos que visam os cuidados e a produção do corpo físico vem interpelando também os homens.

Instigadas por essas informações, optamos por deslocar o foco de análise das feminilidades – categoria com a qual geralmente se tem trabalhado – buscando investigar a participação masculina nas comunidades que discutem as cirurgias plásticas.

5.1.5.3 Maculindades e cirurgias plásticas: olhares sobre as comunidades que têm homens como donos

Após esse olhar sobre as comunidades selecionadas para análise, procuramos, na tabela construída, aquelas que tinham homens como donos, entendendo que esses, ao criarem as suas comunidades, estabeleceram quais seriam os seus objetivos e o foco das discussões que se estabeleceriam naquele espaço. Obtivemos, dessa forma, 22 (vinte e duas) comunidades, sendo que em 5 (cinco) a maioria de participantes é constituída por homens e em 17 (dezesete), a maioria é constituída por mulheres.

Inicialmente, analisamos as categorias em que essas comunidades estão enquadradas:

- Saúde, bem-estar e *fitness*: 13 (treze).
- Escolas e cursos: 3 (três).
- Moda e beleza: 2 (duas).
- Alunos e escolas: 1 (uma).
- História e ciência: 1 (uma).
- Atividades: 1 (uma).
- Outras: 1 (uma).

Percebe-se, conforme os dados acima, que os discursos que vinculam as cirurgias plásticas à saúde, bem-estar e *fitness* destacam-se. Das 13 (treze) comunidades que se colocam nessa categoria, 10 (dez) abordam o tema sob o ponto de vista médico, estando vinculadas a clínicas ou hospitais, faculdades de medicina e/ou cirurgia plástica, ou sendo direcionadas a profissionais da área, como vemos nos excertos que seguem³⁷:

*Essa Comunidade é destinada para os **Residentes e Ex-Residentes de Cirurgia Plástica**, que desejem trocar informações inerentes a esta **especialidade**.(C2)*

*Comunidade destinada a todos **médicos, residentes, estagiários e amantes da cirurgia plástica**, que já tiveram algum contato com o **Hospital Cristo Redentor**, uma verdadeira **escola sobre cirurgia plástica**. (C8)*

*Comunidade aberta a todos aqueles admiram, conhecem ou tem interesse na **disciplina de Cirurgia Plástica da Santa Casa de São Paulo**. (C9)*

*comunidade destinada a informações sobre cirurgia plástica. a escolha do **cirurgião plástico** é uma decisão muito importante, por isto, você deve sempre escolher um **cirurgião especializado em cirurgia plástica**. consulte sempre se o seu **médico é associado da sbcp**.(C12) [grifos nossos]*

³⁷ Nos excertos apresentados, usamos a letra C (de comunidade) acompanhada de um número para identificar as comunidades analisadas. Os excertos apresentados correspondem a transcrições literais.

Esse discurso médico também se faz presente nas comunidades que se incluem nas categorias Escolas e cursos, Alunos e escolas, História e Ciência, Atividades e Outros, como podemos ver a seguir:

Comunidade da Disciplina de Cirurgia Plástica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.(C3)

Comunidade para residentes; alunos; ex-alunos; amigos; e admiradores do Serviço de Cirurgia Plástica Linneu Mattos Silveira PUC-SP/Sorocaba. (C5)

Para os otorrinolaringologistas interessados em cirurgia plastica e medicina estética da face.(C6) [grifos nossos]

Nota-se, também, que o mesmo discurso está presente em todas as comunidades que têm homens como maioria dos participantes, bem como naquelas em que a participação masculina é maior – considerando uma participação igual ou superior a 30%, o que corresponde a 14 (quatorze) comunidades.

Tais dados nos instigaram a pensar nas condições de possibilidades que fizeram com que a participação dos homens fosse maior nessas comunidades e não em outras, como as que foram apresentadas na tabela 1, por exemplo, em que a participação masculina ficou em torno de 9% a 12%. Entendemos que a maior participação dos homens nas comunidades em que o discurso médico se faz presente está relacionada aos modos de endereçamento presentes em tais comunidades.

Modo de endereçamento (ELLSWORTH, 2001) é uma expressão dos estudos do cinema e que vem sendo utilizada no campo da pesquisa em educação. A noção de endereçamento diz respeito à relação entre o texto de um filme ou, nesta pesquisa, de uma comunidade do *Orkut* e o seu/sua espectador/a ou usuário/a participante. Essa relação faz com que um filme ou uma comunidade seja produzida de uma determinada forma, partindo da questão: quem esta comunidade pensa que você é? O modo de endereçamento, nesse contexto, refere-se a algo que está no texto da comunidade e que produz efeitos nos/as seus/suas potenciais usuários/as participantes, atuando [...] *como um evento que ocorre em algum lugar entre o social e o individual* (id., p. 13). A autora destaca que o entendimento do modo de endereçamento como um evento possibilita pensá-lo dentro do campo da educação e dos Estudos Culturais.

Nesse sentido, entendemos que os modos de endereçamento dessas comunidades interpelam os homens, convocando-os e “autorizando-os” à participação. Diversas enunciações presentes atuam na construção desse endereçamento: o nome das comunidades, a sua descrição, a sua imagem de exibição e o fato de terem um homem como dono³⁸.

Com relação aos nomes das comunidades, por exemplo, já se percebe, em várias, a demarcação do campo médico: *Cirurgia Plástica Ginecológica* (C1); *Residentes Cirurgia Plástica* (C2); *Ética na Cirurgia Plástica* (C4); *Cirurgia Plástica SantaCasaSP* (C9); *Liga da Cirurgia Plástica – UFG* (C10); *Cirurgia Plástica HSE/RJ* (C11). Elementos presentes nesses nomes – *Ginecológica*, *Residentes*, *Ética*, *SantaCasa*, *HSE/RJ* – fazem a demarcação simbólica do campo médico como aquele a partir do qual se discute a temática plástica nessas comunidades.

³⁸ Entre as 74 (setenta e quatro) comunidades inicialmente selecionadas para análise, constatamos que naquelas que tinham uma mulher como dona a participação masculina ficou em torno de 13%.

Também nas descrições feitas pelos donos pode-se ver esses elementos [grifos nossos]:

*Comunidade destinada a **divulgar técnicas** e promoção da perfeita imagem íntima da mulher. Livre a todo público! Duvidas, **consultas**, casos! (C1)*

*[...]criada aos **Cirurgiões Plásticos** que tem como princípio a **ética** em sua **profissão**, o respeito ao **paciente** e é contra a banalização da **especialidade**.(C4)*

*PARA SER ADD COMO MEMBRO VC DEVERÁ ESTA **LIGADO A ODONTOLOGIA** E TER O PERFIL **PROFISSIONAL PREENCHIDO** (C7)*

*Comunidade destinada aos **Residentes e Ex-Residentes** em Cirurgia Plástica do **Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro**. (C11)*

*Questões sobre cirurgia plástica para **profissionais da área**. (C14) [grifos nossos]*

As descrições apresentam elementos que fazem parte do discurso médico – *consultas, pacientes, especialidade, residentes, hospital...* – e que, articulados a outros elementos presentes nas comunidades em questão, vão constituindo o endereçamento para os homens. Esses dados apontam para alguns significados presentes na nossa sociedade: a ciência – aqui representada pela medicina, na sua especialidade de cirurgia plástica – como masculina e como uma “verdade” que fala sobre os corpos dos sujeitos, que fala sobre sua *saúde e bem-estar*. Nessas comunidades, os homens podem participar e falar, visto que não se discute as plásticas do ponto de vista da *Moda e beleza*, mas da *saúde e bem-estar* a partir da medicina, com profissionais da área. Segundo Oliveira, [...] *desde cedo foi possível verificar uma imbricação entre os ideais de racionalidade juntamente com os postulados científicos e o ideal moderno de masculinidade* (p. 2004, p. 55). O autor destaca que, historicamente, o pensamento lógico-matemático, bem como os saberes necessários às ciências naturais e todo o raciocínio científico, foram relacionados às masculinidades e, [...] *desse modo, a mente científica par excellence ficava identificada com o masculino* (id., p. 58).

Nas descrições das comunidades, demarca-se quem pode participar e os lugares de que se fala: são os médicos, residentes, alunos, professores, pós-graduandos... Demarca-se quem está habilitado a falar e de que lugar se fala. Segundo Foucault, [...] *o status do médico compreende critérios de competência e de saber; instituições, sistemas, normas pedagógicas; condições legais que dão direito – não sem antes lhe fixar limites – à prática e à experimentação do saber* (2008, p.56). Fala-se, portanto, a partir de um lugar privilegiado e instituído como o lugar do “discurso verdadeiro”, que é o [...] *discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido* (id., 2004b, p. 15). E esse sujeito de direito, autorizado a falar é, nesse contexto, um homem, apontando para um imbricamento entre a ciência e as masculinidades, entendendo que essa relação não é um processo natural, mas que foi historicamente construída e que ainda vem sendo reforçada de muitas formas na sociedade contemporânea.

De acordo com Chassot (2009), não só a ciência, mas grande parte da produção intelectual é masculina. O autor destaca que no século XIX e também na primeira metade do século XX, algumas mulheres publicavam seus trabalhos científicos utilizando pseudônimos masculinos ou utilizando apenas o sobrenome, a fim de que suas produções fossem publicadas e tivessem credibilidade visto que as mulheres não tinham voz na ciência. O campo científico não era visto como uma profissão apropriada para as mulheres e isso acontecia em diversos outros campos, tais como a política, as artes, os esportes, entre outros. Se olharmos para a

história da ciência, veremos que poucas são as mulheres que encontramos e, nesse sentido, Chassot (id.) faz referência a uma lista – *The One Hundred*³⁹ – publicada em 1996, que contém os 100 (cem) nomes que mais influenciaram a história da humanidade ao longo dos tempos, na visão de um amplo universo de respondentes. Integram a lista 98 (noventa e oito) homens, entre os quais muitos cientistas – Einstein, Pasteur, Galileu, Darwin, Copérnico, Lavoisier, Descartes, Thomas Edison, Fleming, Mendel, entre outros – e apenas 2 (duas) mulheres, Isabel, a católica e Elisabeth I, ambas rainhas. Mulheres que trouxeram contribuições importantes no campo da ciência ao longo da história – como Marie Curie, por exemplo, uma das poucas mulheres a receber um Prêmio Nobel na área científica – não foram citadas nessa lista. Ainda hoje continuamos demarcando de muitas formas quais são os lugares sociais dos homens e das mulheres e, por mais que algumas rupturas já tenham ocorrido, ainda há um predomínio masculino no campo científico.

Assim, ao se posicionarem como comunidades que discutem as cirurgias plásticas do ponto de vista dos médicos e residentes, tais comunidades posicionam os sujeitos participantes dentro de uma rede discursiva em que se articulam enunciações, como a da ciência enquanto um campo de saber historicamente constituído como masculino e produtor de verdades sobre os corpos e sobre os sujeitos; e a dos profissionais habilitados a falarem sobre a temática, uma vez que o campo de saber – a medicina – os legitima a falar sobre determinadas coisas, conferindo verdades aos seus ditos e instaurando discursividades, isso porque os articula em uma relação de poder-saber, como nos ensina Foucault (2003, 2004).

As imagens usadas para ilustrar as comunidades (Fig. 2) também constituem enunciações importantes que atuam na produção do endereçamento:

Fig. 2 – Imagens de identificação das comunidades.

Fonte: www.orkut.com.br



³⁹ A lista baseia-se na pesquisa do cientista Michael Hart, dos Estados Unidos e foi publicada no livro *The One Hundred*. London: Simon & Schuster, 1996 (CHASSOT, 2009).

As imagens usadas na identificação dessas comunidades também demarcam o campo no qual o dono e os/as participantes se posicionam, que é o campo da ciência e da medicina plástica, como é o caso das comunidades *Residentes Cirurgia Plástica* (C2), *Cirurgia Plástica HCR* (C8) e *Cirurgia Plástica – HSE/RJ* (C11), que ostentam a logomarca da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBCP que é o órgão oficial da Associação Médica Brasileira e do Conselho Federal de Medicina. Apenas os membros da SBCP podem utilizar a logomarca de modo que, ao ostentá-la na sua comunidade, visibilizam aos usuários do *Orkut* que possuem excelência e reconhecimento nesse campo, de modo que estão oficialmente autorizados a falarem sobre plásticas. A comunidade *Cirurgia Plástica PUC-SP* (C5) exibe um brasão com a palavra *Sapientia*, que do latim quer dizer sabedoria, conhecimento. Já a comunidade *Cirurgia Plástica Santa CasaSP* (C9), exibe uma foto do prédio do hospital, demarcando o seu pertencimento a uma instituição de saúde conhecida, enquanto que nas comunidades *Cirurgia Plástica FMUSP* (C3) e *Liga de Cirurgia Plástica – UFG* (C10), identifica-se um logotipo formado por imagens de corpos estilizados e o nome das instituições a que estão vinculadas, o que lhes confere legitimidade para falar de tal temática. As comunidades *Ética na cirurgia plástica* (C4) e *Cirurgia Plástica* (C14) apresentam bisturis, sendo um na mão de um médico – homem – usando avental e máscara, e o outro, procedendo um corte cirúrgico em um modelo semelhante aos que podem ser encontrados em livros de anatomia. As imagens apresentadas como ícones dessas comunidades constituem enunciações que contribuem para a demarcação do campo de discussão das cirurgias plásticas nesses espaços, posicionando os sujeitos participantes no campo profissional da ciência médica, em que se institui um campo do conhecimento que, segundo Louro (2004), é historicamente masculino.

De acordo com Chassot (2009), apesar de as mulheres estarem cada vez mais presentes nas diversas áreas da ciência, inclusive naquelas que tradicionalmente eram vistas como masculinas, em termos globais, o número de mulheres que se dedicam a esse campo ainda é significativamente menor do que o de homens. O autor aponta duas explicações para isso: uma de cunho histórico e outra de cunho biológico. Na perspectiva histórica, destaca que as concepções de uma ciência masculina foram sendo historicamente construídas, a partir de relações em que se instituiu os lugares sociais dos homens e das mulheres. Na perspectiva biológica, aponta para os significados dados às diferenças biológicas entre os sexos, especialmente vinculadas à maternidade e à paternidade. Gestação, cuidados pós-parto, amamentação, cuidados com o bebê e com a criança, todas essas atividades, historicamente atribuídas às mulheres, demandam muito tempo e cuidados. Apesar da criação da pílula anticoncepcional, no final do século XX, constituir um marco na história do feminismo, a maternidade ainda vem atuando para muitas mulheres como um demarcador dos seus lugares sociais. Chassot destaca que: *Não parece um despropósito afirmar-se que o fato de as mulheres serem as principais responsáveis por criar seus filhos as tirou/tira por muito tempo de suas pesquisas* (2009, p. 60). Entendemos, assim como o autor, que essas diferenciações foram sendo construídas e que os discursos biológicos contribuíram para legitimar essas diferenças. Nesse contexto, temos, ainda hoje, a medicina como um campo em que os homens são “naturalmente” posicionados e em que as mulheres precisam conquistar o seu lugar.

Dentre as comunidades selecionadas para análise e apresentadas na tabela 2, algumas rompem com a regularidade discursiva representada pelo discurso da área médica. São as comunidades *Vou fazer plástica no nariz!* (C15) e *Cirurgia Plástica - Eu Fiz!* (C20), ambas enquadradas na categoria *Moda e Beleza*. Nessas comunidades, a participação dos homens é baixa, comparando-se às comunidades analisadas até aqui: 24,2% na C15 e 7,3% na C20. Entendemos que esses índices de participação relacionam-se aos modos de endereçamento que, nesses casos, apresentam outras enunciações:

Essa comunidade, é para todos q vão ter um narizinho empinadinho!!! Apesar de nao terem um nariz feio !!! (C15)

Comunidade para discussão de assuntos sobre a Cirurgia Plástica Estética. Certa vez perguntaram ao Chico Xavier em 1972 se era pecado se fazer uma Cirurgia Plástica, ao que ele respondeu: - A Plástica Regeneradora, com orientação médica, é um fator a grandes estímulos psicológicos para que a alegria de viver não feneça em nossos corações e para que possamos trabalhar com mais interesse, com mais estímulos, no rendimento de nossa vida para o bem de todos. A Plástica Regeneradora é tão legítima como a Geriatria e a Gerontologia que chegaram no mundo pelas mãos da ciência para que depois dos 40 anos também saibamos passar o período de madureza com a saúde que possamos desfrutar; pois que não devemos ambicionar o suicídio prematuro através da inércia e do descaso pela nossa apresentação pessoal. Seria o caso de perguntarmos à rosa ou ao lírio por que é que eles são tão belos, ou a luz por que ela brilha tanto. (C20) [grifos nossos]

Nas suas descrições, essas comunidades trazem discursos que remetem à beleza – *narizinho empinadinho, não terem um nariz feio, belos* – e a outros elementos que tradicionalmente são associados às mulheres, como a afetividade – *corações, alegria de viver, bem de todos*. Essas comunidades se abrem a *todos* que de alguma forma partilham o desejo de ter um *narizinho empinadinho* ou de buscar uma plástica regeneradora para resgatar a *alegria de viver*, melhorando aspectos da nossa vida para o *bem de todos*. Vemos, nesse contexto, que o discurso da beleza interpela de forma diferenciada mulheres e homens. Ao longo do tempo, a aversão pelas aparências consideradas feias acentua-se, no entanto, historicamente, o embelezamento tem sido relacionado às práticas femininas do cuidado de si, desde o uso dos “remédios” para beleza, que no início do século XX prometiam “curar” a feiúra combatendo os “defeitos” femininos, até as contemporâneas cirurgias plásticas estéticas (SANT’ANNA, 2005). Nesse contexto, a autora destaca que

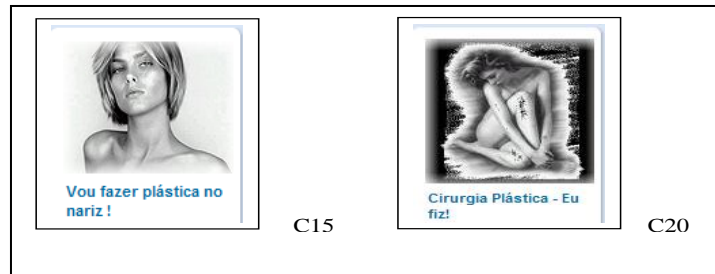
[...] se atualmente o embelezamento representa mais do que acabar com a feiúra, se ele integra a esta promessa aquela de fazer a mulher se encontrar com ela mesma, resistir à compra dos cosméticos ou, ainda, às aulas de ginástica, aos regimes, às cirurgias, etc, significa sobretudo, resistir a proporcionar para si mesma um prazer suplementar. E, muitas vezes, uma tal renúncia representa uma experiência intolerável (2005, p. 137)

Além disso, vemos, nesses excertos, enunciações que remetem ao discurso que ao longo do tempo foi constituindo a feminilidade hegemônica, vinculando significados como sensibilidade, romantismo, emoção, delicadeza, intuição, amor e cuidados estéticos a características femininas (SABAT, 1998). Ao falarmos em feminilidade hegemônica, não estamos assumindo que existe uma única forma de ser e viver a feminilidade, mas estamos entendendo que contingências históricas foram constituindo determinadas formas de se posicionar o feminino.

As imagens utilizadas para identificação (Fig.3) dessas comunidades também trazem indícios de enunciações que atuam na produção desses outros modos de endereçamento:

Fig 3 - Imagens de identificação das comunidades C15 e C20.

Fonte: www.orkut.com.br



Ao apresentarem imagens de mulheres dentro dos padrões de beleza considerados desejáveis, reforça-se o pertencimento dessas comunidades à categoria *Moda e Beleza*, instituindo o campo a partir do qual se dão as discussões nesses espaços. Articuladas a outros enunciações presentes nessas comunidades, as imagens contribuem para a demarcação do discurso da beleza, da moda e esses discursos vêm interpelando muito mais as mulheres do que os homens ao longo da história, apesar de algumas rupturas nesse sentido já terem ocorrido. Vemos indícios disso nos índices de participação masculina que, nessas comunidades, é mais baixo.

Também evidenciamos outros modos de endereçamento em outras comunidades que tiveram pouca participação dos homens – entre 6% e 15% –, como é o caso de *Cirurgia Plástica – Brasília* (C18), *Dr.Wandemberg Barbosa Plástica* (C19), *LOUCOS POR CIRURGIA PLÁSTICA* (C21) e *Eu tenho medo de plástica* (C22). A análise da descrição das comunidades nos dá alguns indícios disso:

Comunidade voltada para as pessoas que desejam discutir e se informar sobre cirurgia plástica em Brasília. (C18)

Todos aqueles que procuram fazer PLÁSTICA com um ótimo cirurgião ou que procuram um CANCEROLOGISTA; os que fizeram plástica com o Dr. Wandemberg; faça parte desta comunidade afinal ele é o máximo e o melhor em cirurgia plástica. Medico atencioso; detalhista; humano [...](C19)

PESSOAS QUE NECESSITAM DE CIRURGIA PLÁSTICA POR ALGUM MOTIVO DE EXTREMA NECESSIDADE, OU POR UMA SIMPLES VAIDADE. INDEPENDENTE DO MOTIVO CADA QUAL TEM UM DESEJO REAL SEJA ELE QUAL FOR. OU PESSOAS QUE JÁ TENHAM FEITO. ACEITO DEPOIMENTOS DE SUAS EXPERIÊNCIAS. (C21)

Este fórum convoca a todas as pessoas que desejam fazer uma cirurgia plástica e tem medo de fazê-la ou que tem dúvidas sobre o melhor tratamento a seguir. Nosso objetivo não é fazer uma consulta médica virtual mas sim ajudar a entender melhor cada tratamento, ter melhores critérios para escolher um ou outro procedimento e sobretudo ajudar a perder esse medo ao desconhecido com uma conversa franca e um papo descontraído. Este fórum é dirigido pelo Dr.

Carlos Augusto de Curitiba, membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, com vasta experiência na área de Cirurgia Estética - Reparadora e Bioplastia." Toda pessoa tem o direito de se sentir bem consigo mesma, para sua própria satisfação e prazer de quem está em volta" (C22) [grifos nossos]

Nas descrições dessas comunidades, vemos enunciações que convocam os sujeitos para participarem, não mais o médico ou residente, mas *todas as pessoas* que *desejam fazer* uma cirurgia plástica, seja por *necessidade* ou por *simples vaidade*, abrindo espaço para troca de *experiências, depoimentos*, para *discutir e se informar*, esclarecer *dúvidas*, superar o *medo*, ter uma *conversa franca* e um *papo descontraído*. O endereçamento, nesse contexto, é para o sujeito “comum”, consumidor desse serviço, que deseja moldar seu corpo de acordo com determinados padrões, denotando o cuidado de si voltado a esse corpo físico (SIBILIA, 2009).

Apesar de fazerem referência a médicos, as comunidades C19 e C22 trazem um outro viés de discussão, uma colocando-se como admiradora do trabalho do cirurgião (C19), pois ele é *médico atencioso, detalhista e humano*, e a outra, trazendo o médico como um consultor, como a “voz autorizada” a falar para *todas as pessoas* – as que não são médicas – sobre a sua especialidade, tirando *dúvidas*, ajudando-as a *entender* e fazerem suas *escolhas*. Nota-se que, em ambos os casos, temos homens como médicos, demarcando, mais uma vez, a relação entre ciência – nesse caso, a medicina – e masculinidade.

Tais enunciações articulam-se de modo a constituir o que Larrosa (2002) chamou de práticas pedagógicas, ou seja, práticas que possibilitam algum tipo de relação reflexiva consigo mesmo. De acordo com o autor, tais práticas *constroem e medeiam a relação do sujeito consigo mesmo* (p. 36), estando presente tanto nas relações que se dão entre professores/as e alunos/as na educação formal, quanto nas relações entre pais/mães e filhos/as, entre os/as participantes de reuniões de um grupo religioso ou político, ou, no caso dessas comunidades, entre os seus membros e os/as especialistas que se propõem a discutir a temática das cirurgias plásticas. Nesse contexto

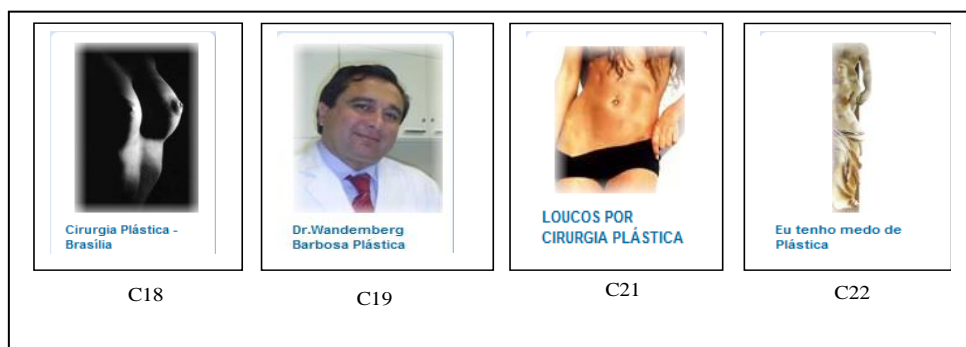
[...] os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes; não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir (id., p. 54-55).

Ao narrar suas dúvidas, medos e expectativas sobre as plásticas, esses sujeitos reelaboram a experiência que têm de si, produzem verdades que constituem e medeiam a relação consigo.

Além disso, as imagens usadas para identificação dessas comunidades (Fig.4) apresentam enunciações que se articulam aos que já foram apresentados, constituindo, também, práticas pedagógicas que contribuem para a experiência de si:

Fig. 4 - Imagens de identificação das comunidades C18, C19, C21 e C22.

Fonte: www.orkut.com.br



A comunidade C19 traz a fotografia do médico para o qual a comunidade foi feita como forma de divulgação e reconhecimento pelo seu trabalho. A foto exhibe o profissional de jaleco e gravata, num ambiente branco que remete a um hospital ou consultório, posicionando o homem como o profissional habilitado a falar, legitimado pelo campo de saber da medicina. Aliada a outras enunciações presentes na descrição – *ele é o máximo e o melhor em cirurgia plástica; ótimo cirurgião* – constitui discursos que instituem as mulheres como as pacientes, as admiradoras do seu trabalho, aquelas que serão beneficiadas por esse saber legitimado a partir do qual esse médico pode falar. Além disso, ao destacar características como *atencioso, detalhista e humano*, apresenta enunciações de um discurso sobre a afetividade, o cuidado e o zelo, significados que vêm interpelando, sobretudo as mulheres, que aprendem desde muito cedo a valorizar a gentileza e a docilidade. Consideramos que a pequena proporção de homens nessa comunidade está relacionada a essas formas de endereçamento, visto que os/as seus/suas participantes, ao ingressarem nesse grupo, assumem a admiração por esse profissional e, ao longo do tempo, diversos mecanismos sociais contribuiram para a produção de homens controlados, ponderados e capazes de controlar a manifestação de emoções (LOURO, 2007).

As outras três comunidades – C18, C21 e C22 – exibem corpos femininos, sendo que duas apresentam fotografias e a terceira apresenta uma imagem da Vênus de Milo, deusa grega do amor, do sexo e da beleza física. Todos são corpos que correspondem aos padrões de beleza instituídos na nossa cultura, demarcando o campo discursivo a partir do qual as discussões são pontuadas nessas comunidades: o da beleza. Embora as quatro comunidades estejam categorizadas como *Saúde, Bem-estar e fitness*, é de outra saúde e bem-estar que se fala nesse contexto, e não mais a saúde da área médica, como nas comunidades anteriormente analisadas. A saúde, aqui, é vinculada diretamente aos discursos de beleza, instituindo que ser belo é um “reflexo” das suas boas condições de saúde. Cuidar da sua aparência física, nesse contexto, é cuidar da sua saúde e alcançar o bem-estar. De acordo com Cabeda (2004), os discursos que articulam a tríade juventude-beleza-saúde interpelam, de modo especial, as mulheres e, para buscar o alcance dessa tríade, dispõe-se de todo um aparato da indústria de cosméticos e de serviços no campo da medicina estética. Nesse sentido, Edmonds destaca que [...] *a cirurgia plástica parece tornar indefinidas as fronteiras entre higiene, medicina e beleza, historicamente, na verdade, estas linhas têm sido fluidas, redefinindo-se em épocas diferentes de acordo com a mudança dos ideais de feminilidade.* (2002, p. 213). Assim, em momentos históricos diferentes tivemos distintas formas de relação entre saúde e beleza, desde o entendimento de “feiúra” como doença até o de beleza como saúde. Nessas comunidades, vemos operar toda uma discursividade que coloca as cirurgias plásticas como uma prática corporal que confere o tipo de beleza que é entendido como efeito da saúde, de modo que se busca modelar as aparências corporais, tornado-se belo/a para, então, tornar-se saudável.

A análise das 22 (comunidades) sobre cirurgias plásticas que têm homens como donos possibilita-nos dizer que existem distintos modos de endereçamento aí presentes, produzindo efeitos diferentes em homens e mulheres. Tais endereçamentos são constituídos por enunciações presentes em discursos como o da área médica, o da beleza e o da saúde, produzindo significados sociais e posicionando os sujeitos nos diversos contextos.

5.1.6 MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NAS COMUNIDADES DE CIRURGIAS PLÁSTICAS NO *ORKUT*: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As comunidades do *Orkut* analisadas no contexto desta pesquisa são representativas no campo de análise da temática em questão, visto que selecionamos aquelas que têm homens como donos e também que o número total de participantes é maior. É importante considerarmos que todas essas comunidades foram criadas por homens que, ao estabelecerem os seus objetivos e focos de discussão, produziram modos de endereçamento de acordo com os sujeitos que pretendem “convocar” à participação, ou seja, de acordo com quem eles pensam que esses sujeitos são.

Vimos que a maior participação masculina ocorre nas comunidades em que o viés da discussão se dá a partir do discurso médico. Nessas, são chamados/as à participação médicos/as, residentes, profissionais e estudantes da área da cirurgia plástica, utilizando-se de algumas enunciações presentes no nome das comunidades, na sua descrição e na sua imagem de exibição, que acabam por posicioná-las no campo da ciência médica, criando as condições de possibilidades para que determinados sujeitos – os homens – possam participar. O uso do nome das instituições hospitalares e acadêmicas, as imagens que remetem à Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica ou que trazem elementos da prática médica, expressões que fazem parte do vocabulário médico, entre outras enunciações que compõem o endereçamento nessas comunidades, articulam-se a discursos que, historicamente, foram construindo a ciência, aqui representada pela medicina especializada em cirurgia plástica, como masculina e como lugar legitimado para se falar, produzindo verdades e instaurando discursividades.

As comunidades que trazem outros modos de endereçamento, com enunciações que se articulam a discursos de beleza e que “convocam” todos os sujeitos que se interessam pelo assunto ou que desejam fazer cirurgia plástica, e não mais os/as profissionais da área, apresentam uma participação masculina menor. Tais comunidades vinculam as plásticas a significados como moda e beleza, estabelecendo relações entre a boa aparência física, a saúde e o bem-estar, significados que vêm sendo, ao longo dos tempos, vinculados às feminilidades. Afetividade, religiosidade, cuidados com o corpo e com a aparência são características relacionadas às feminilidades hegemônicas e que estão presentes nos modos de endereçamento dessas comunidades, produzindo condições de possibilidades para que a participação das mulheres seja superior a dos homens.

Entendemos que os gêneros são produzidos de forma relacional, ou seja, só se pode entender a masculinidade no contexto de uma determinada cultura quando comparada à feminilidade nesse mesmo contexto, de modo que os aspectos vinculados à produção de uma estão diretamente vinculados à construção da outra (SCHARAGRODSKY, 2007). Assim, os significados vinculados às feminilidades e às masculinidades hegemônicas que foram encontrados nessa pesquisa – como a preocupação com a beleza como algo que constitui o feminino e a ciência como um campo de saber masculino – não são “naturais”, mas foram historicamente construídos em intrincadas redes de poder na trama social e que ainda estão presentes sob muitas formas na sociedade contemporânea, engendrando o que se entende por masculino e feminino.

Tais significados estão presentes nas comunidades analisadas, constituindo modos de endereçamento – quem o dono da comunidade pensa que você é – e instituindo posições de sujeito. Ao entrar nessas comunidades, os sujeitos assumem as posições que lhes são socialmente atribuídas. Apesar disso, precisamos considerar que há uma tensão nos modos de endereçamento (ELLSWORTH, 2001), ocasionada pela diferença entre quem o dono da comunidade pensa que o sujeito é e quem o sujeito pensa que é. Isso faz com que se entre nas

comunidades por múltiplos lugares, que se relacionam com as redes de significações que cada sujeito dispõe para interagir nos diversos contextos.

O *Orkut*, enquanto lugar que possibilita aprendizagem, entretenimento e comunicação, ensina sobre os corpos, as cirurgias plásticas e os gêneros. As postagens compartilhadas nas comunidades constituem práticas de subjetivação que produzem efeitos nos corpos e nos sujeitos que nelas interagem, posicionando-os.

As discussões aqui apresentadas acerca dos posicionamentos sociais dos gêneros não trazem o entendimento de que existe uma única forma de ser homem ou mulher, baseada na homogeneidade. Entendemos que existe uma multiplicidade de posições de sujeito possíveis de serem ocupadas e que, ainda que nessas comunidades tenhamos encontrado enunciações que se articulam a discursos hegemônicos sobre as masculinidades e as feminilidades, sabemos que aí também estão presentes as rupturas, os corpos que escapam e que se posicionam em outros lugares.

5.1.7 REFERÊNCIAS

CABEDA, Sonia. “O corpo da cirurgia plástica: um olhar sobre a subjetividade feminina na contemporaneidade”. In: STREY, Marlene e CABEDA, Sonia (Org.). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 315-346.

CHASSOT, Attico. *A ciência é masculina?* 4 ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2009.

COUTO, Edvaldo e ROCHA, Telma. “Apresentação: a vida no Orkut”. In: _____ (Org.). *A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 11-12.

DEL PRIORI, Mary. “Corpo a corpo com as mulheres: as transformações do corpo feminino no Brasil”. In: STREY, Marlene e CABEDA, Sonia (Org.). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 255-266.

DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EDMONDS, Alexander. “No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro”. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record: 2002. p. 189-262.

ELLSWORTH, Elizabeth. “Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também”. In: SILVA, Tomaz. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica: 2001. p. 7-76.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FELIPE, Jane. “Erotização dos corpos infantis”. In: LOURO, Guacira, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 53-65.

FIGUEIRA, Márcia Luiza. “A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos”. In: LOURO, Guacira, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 124-135.

FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. 15 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. *Microfísica do poder*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. “A Ética do cuidado de si como prática de liberdade”. In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. (Ditos e Escritos. Vol. V). p. 264-287.

_____. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Vol. 3. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GOELLNER, Silvana. “A produção cultural do corpo”. In: LOURO, Guacira, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p.28-40.

GUERRA, Sebastião. *Busca por cirurgias plásticas cresce 30% nos últimos anos*. SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=248:busca-por-cirurgias-plasticas-cresce-30-nos-ultimos-anos&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87> Acesso em 12/10/2010.

HALL, Stuart.. “The work of representation”. In: _____ (Org.). *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: SILVA, Tomaz (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-86.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2 ed. São Paulo, Ed. 34, 2007.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo, Ed. 34, 2007b.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OGIBA, Sonia. “A produção do conhecimento didático e o pós-estruturalismo: potencialidades analíticas”. In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.) *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 231-244.

OLIVEIRA, Pedro. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SABAT, Ruth. *Entre signos e imagens: gênero e sexualidade na pedagogia da mídia*. 1998. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANT’ANNA, Denise. “Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil”. In: _____ (Org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-140.

SANTOS, Luiz Henrique. “Incorporando ‘outras’ representações culturais de corpo na sala de aula”. In: OLIVEIRA, D. (Org.). *Ciências na sala de aula*. 4 ed. Cadernos de Educação Básica, vol. 2. Porto Alegre: Mediação, 2002. p.97-112.

SARAIVA, Karla. “A fabricação dos corpos nos chats”. In: WORTMANN, Maria Lúcia *et al* (Org.). *Ensaio em Estudos Culturais, educação e ciência: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. p. 53-76.

SCHARAGRODSKY, Pablo. “Masculinidades em acción: machos, maricas, subversivos y cómplices. El caso de La educación Física argentina”. In: RIBEIRO, Paula [et Al] (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 18-30.

SCOTT, Joan. “Gênero uma categoria útil de análise”. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, jul.-dez., 1995, p. 71-100.

SIBILIA, Paula. “O corpo modelado como imagem: o sacrifício da carne pela pureza digital”. In: RIBEIRO, Paula, SILVA, Méri e GOELLNER, Silvana (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009. p. 33-42.

_____. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVEIRA, Rosa Hessel. “Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o Orkut”. In: SOMMER, Luis Henrique e BUJES, Maria Isabel. *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas, Ed. da ULBRA, 2006. p. 137-150.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.

5.2 MASCULINIDADES REMODELADAS: CIRURGIAS PLÁSTICAS NO SITE DE REDE SOCIAL *ORKUT*⁴⁰

5.2.1 RESUMO

Dentre as diversas instâncias sociais que atuam na produção dos sujeitos, (re)produzindo significados sobre as masculinidades e as possibilidades de remodelagem corporal na contemporaneidade, a internet, através de suas redes sociais, vem se destacando. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar a rede de enunciações presente nos fóruns de comunidades do site de rede social *Orkut* que discutem as cirurgias plásticas, tendo como base as postagens dos homens que relataram terem realizado algum procedimento estético. No processo de análise, foram utilizadas algumas ferramentas da análise do discurso, a partir das perspectivas foucaultianas. Dentre os participantes dos fóruns analisados, o resultado das cirurgias constitui o principal foco das discussões, dando indícios de que as plásticas estéticas constituem uma estratégia de bioascese que vêm ganhando destaque entre os homens.

Palavras-chave: corpos; masculinidades; cirurgias plásticas; bioascese.

5.2.2 ABSTRACT

Among the various social organizations working in the production of subjects, the Internet, through its social networks, has been outstanding, (re)producing meanings about masculinities and the possibilities of contemporary body reshaping. In this regard, this article aims to analyze the network of statements present in community forums of Orkut social network site that discuss plastic surgery, based on the posts of men who reported having performed any cosmetic procedure. In the process of analysis, we used some tools of discourse analysis from Foucauldian perspectives. Among the analyzed forum statements, the outcome of surgeries is the main focus of the discussions, giving evidence that cosmetic surgeries constitute a bio-ascetics strategy that is gaining prominence among men.

Keywords: body; masculinities; plastic surgery; bio-ascetics.

⁴⁰ Artigo enviado para a Revista Estudos Feministas - UFSC e apresentado de acordo com as normas de publicação estabelecidas pelo periódico, conforme consta no Anexo B.

5.2.3 MASCULINIDADES REMODELADAS: CIRURGIAS PLÁSTICAS NO SITE DE REDE SOCIAL *ORKUT*

Vivemos um período em que as noções de espaço e tempo estão sendo reconfiguradas, de modo que as informações percorrem o mundo todo em questão de segundos. A notícia de um fato ocorrido na África, por exemplo, chega ao Brasil quase que instantaneamente, através do imenso aparato tecnológico e digital do mundo contemporâneo. Esse borramento de fronteiras geográficas e temporais tem contribuído para a reconfiguração das relações entre os sujeitos, que passam a estabelecer laços e vínculos através da tela do computador, via internet.

Nesse contexto, de acordo com Sibilia⁴¹ “[...] germinam novas práticas de difícil qualificação, inscritas no nascente âmbito da comunicação mediada por computador. São rituais bastante variados, que brotam em todos os cantos do mundo e não cessam de ganhar novos adeptos dia após dia.” Tais práticas e rituais acabam por contribuir para a constituição de novas subjetividades, uma vez que instituem outros modos de ser e de estar no mundo.

As subjetividades vão sendo engendradas desde o nascimento, na medida em que os sujeitos encontram-se imersos em práticas de significação que, entendidas a partir de ferramentas foucaultianas, constituem modos de subjetivação e dizem respeito às práticas que tornam os sujeitos objetos de saber, objetos de poder e objetos de si mesmos. Ao serem objetivados (tornarem-se objetos), os indivíduos vão se tornando sujeitos e objetivando os outros. Nesse sentido, os sujeitos constituem-se a partir de processos de objetivação e subjetivação que não são independentes uns dos outros, mas que atuam de forma articulada.

No mundo contemporâneo, há uma incitação à exteriorização e à visibilidade da vida de cada sujeito, de modo que ocorre “um deslocamento daquela subjetividade ‘interiorizada’ em direção a novas formas de autoconstrução”⁴². Assim, visibiliza-se o cotidiano, os acontecimentos ordinários e expõe-se a intimidade para o mundo, dando origem a “outras

⁴¹ SIBILIA, Paula. 2008, p. 12.

⁴² SIBILIA, 2008, p. 23.

formas de consolidar a própria experiência e outros modos de autotematização, outros regimes de constituição do *eu* e outras formas de se relacionar com o mundo e com os demais sujeitos”⁴³. Essa exteriorização da subjetividade ganha centralidade nas diversas mídias, o que podemos constatar com a proliferação de programas do tipo *reality show*, exibidos tanto nos canais de TV aberta quanto nos de TV por assinatura, e também na internet, através dos inúmeros vídeos postados no *YouTube*⁴⁴, nos álbuns de fotografias pessoais exibidos nas diversos sites de redes sociais como *Orkut*⁴⁵ e *Facebook*⁴⁶, nos relatos de experiências e vivências cotidianas encontrados nos *blogs*⁴⁷, *fatologs*⁴⁸, entre outros meios que possibilitam publicizar a vida privada. Além disso, de acordo com Sibilía⁴⁹, “a subjetividade não é algo vagamente imaterial que reside ‘dentro’ de *você* [...]. Assim como toda subjetividade é necessariamente *embodied*, encarnada em um corpo, ela também é sempre *embedded*, embebida em uma cultura subjetiva”. Na cultura contemporânea, marcada pelo culto ao corpo, enfatiza-se a aparência como aquilo que diz sobre quem o sujeito é, ou seja, somos aquilo que parecemos ao olhar dos outros. Conforme Ortega⁵⁰:

Hoje, sou o que aparento e estou, portanto, exposto ao olhar do outro, sem lugar para me esconder, me refugiar; estou totalmente a mercê do outro, já que o que existe (o corpo que é também o *self*) está à mostra. Somos vulneráveis ao olhar do outro, mas ao mesmo tempo precisamos de seu olhar, precisamos ser percebidos, senão não existimos.

De acordo com o autor, ocorre o processo de somatização da subjetividade, em que o corpo ganha centralidade na experiência de si, na forma como alguém se reconhece como sujeito e como é reconhecido pelos outros. Há um deslocamento nos ideais ascéticos do

⁴³ *Ibid.*, p. 78.

⁴⁴ Site que possibilita a postagem e divulgação de vídeos, a partir de um cadastro feito *on line*. Disponível em www.youtube.com.br

⁴⁵ Disponível em www.orkut.com.br

⁴⁶ Disponível em www.facebook.com

⁴⁷ Tipos de diários digitais publicados na web.

⁴⁸ Espécies de *blogs* em que as fotos predominam, ou seja, *sites* que possibilitam a publicação de fotos, que podem ser vistas e comentadas por todos.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 23.

⁵⁰ ORTEGA, Francisco. 2008, p. 44.

cuidado de si, em que o objetivo deixa de ser a submissão do corpo a fim de preservar valores morais e alcançar um elevado estado de espiritualidade, e passa a ter como alvo o corpo físico, num processo que Ortega⁵¹ chama de ascese corporal ou bioascese: “[...] agora o eu só existe para cuidar do corpo, estando a seu serviço”.

No processo de somatização das subjetividades, visibilizam-se marcadores sociais que instituem determinadas posições de sujeito, como, por exemplo, os gêneros, que vão sendo inscritos nos corpos, configurando masculinidades e feminilidades. Os gêneros são entendidos, a partir das abordagens pós-estruturalistas, como produções socioculturais e linguísticas implicadas na forma com que as características biológicas relacionadas à distinção sexual vão sendo significadas, valorizadas e compreendidas no contexto de cada cultura⁵². Assim, os sujeitos se constituem masculinos ou femininos a partir das vivências e interações que estabelecem ao longo de sua vida nas diversas instâncias e práticas sociais, em meio a relações de poder⁵³.

Nesta pesquisa, deslocamos o foco de análise das feminilidades – categoria com a qual os estudos de gênero geralmente têm se ocupado – para as masculinidades, uma vez que os discursos sobre beleza vêm interpelando também os homens, que buscam inúmeras técnicas e intervenções para a produção do corpo, dentre as quais as cirurgias plásticas estéticas têm se destacado.

Os estudos sobre as masculinidades são relativamente recentes, tendo suas primeiras publicações ocorrido no final dos anos 80, sendo que um maior adensamento teórico só começa a surgir a partir da segunda metade dos anos 90. Esse campo foi se constituindo a partir de alguns pressupostos:

⁵¹ Ibid., p. 43.

⁵² LOURO, Guacira. 2004, 2007. SCOTT, Joan. 1995.

⁵³ O poder é entendido, a partir de Foucault (1995, 2004), como relacional, capilar e assimétrico, como algo que provém de toda parte e que se exerce, e não como algo localizado em determinadas estruturas e que se detém. O poder é produtivo, uma vez que produz saberes que são constituídos a partir de relações de poder.

1. a organização social das masculinidades em suas “inscrições e reproduções” locais e globais; 2. a compreensão do modo como os homens entendem e expressam “identidades de gênero”; 3. as masculinidades como produtos de interações sociais dos homens com outros homens e com mulheres, ou seja, as masculinidades como expressões da dimensão relacional de gênero (que apontam expressões, desafios e desigualdades); 4. a dimensão institucional das masculinidades, ou seja, o modo como as masculinidades são construídas em (e por) relações e dispositivos institucionais.⁵⁴

Neste sentido, entendemos as masculinidades a partir dos pressupostos 3 e 4, ou seja, como relacionais, constituídas na interação dos homens entre si e com as mulheres, nos diversos contextos socioculturais dos quais o sujeito participa, sendo produções que se dão em meio a regimes de saber e poder que instituem verdades sobre os sujeitos. De acordo com Seffner⁵⁵, as masculinidades são posições de sujeito e, como tais, são fluidas, oscilantes, provisórias e mutáveis, sujeitas a alterações ao longo da vida na medida em que vão sendo construídas nas relações sociais. Como construções, estão em constante fluxo e movimento, de forma que não existe uma única masculinidade, e sim múltiplas, reconfiguradas a todo instante em meio aos diversos nós da rede social.

Os marcadores sociais que posicionam os sujeitos como masculinos adquirem visibilidade nos corpos, que não se configuram como meros elementos anátomo-fisiológicos, uma vez que “[...] a materialidade humana, ao corporificar os diversos processos sociais de dominação e sujeição exercidos na trama social, configura-se naquilo que nomeamos o corpo”⁵⁶. Assim, os corpos são produções híbridas (biológicas e culturais) que se constituem nas práticas sociais a partir de diversos discursos – científico, religioso, midiático, entre outros. Tais discursos⁵⁷ articulam-se numa rede de estratégias⁵⁸ que produzem marcas e regulações, instituindo regimes de verdade sobre os sujeitos e seus corpos. Segundo César⁵⁹:

⁵⁴ MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. 2008, p. 810.

⁵⁵ SEFFNER, Fernando. 2003.

⁵⁶ SOUZA, Nádia. 2007, p. 20.

⁵⁷ Entendemos os discursos como práticas que produzem os objetos de que falam (FOUCAULT, 2008).

⁵⁸ Nesta pesquisa, estamos tomando estratégia como o conjunto dos meios que possibilitam a manutenção e/ou o funcionamento de dispositivos de poder (FOUCAULT, 1995).

⁵⁹ CÉSAR, Maria Rita. 2009, p. 269.

[...] os regimes de verdade contemporâneos permanecem imersos em uma cultura somática, em vista da qual os corpos ganham visibilidade e inteligibilidade em função de sua materialidade física mais primária, como o volume, a forma e a superfície. Nessa perspectiva somática, o alvo das estratégias de controle e de produção subjetiva é ainda o corpo, como também já o era na modernidade disciplinar. No entanto, o corpo contemporâneo é ainda mais plástico e maleável, pois a ele se destina um número quase infinito de intervenções visando produzi-lo como mais jovem, mais magro, mais flexível, mais leve, mais ágil, mais versátil e mais rápido.

Dentre as múltiplas intervenções corporais possíveis de serem realizadas na contemporaneidade, as cirurgias plásticas vêm se destacando. De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas⁶⁰ – SBCP – o Brasil é o segundo país que mais realiza esse tipo de cirurgia, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. As cirurgias mais procuradas são as de natureza estética, ou seja, aquelas realizadas com o objetivo de modificar algum aspecto da aparência corporal que seja considerado 'feio', 'constrangedor' ou que cause desagrado ao sujeito. Este tipo de procedimento não tem relação com a melhoria de aspectos relacionados à saúde do provável paciente, como acontece com as cirurgias plásticas reparadoras, mas com a produção de uma aparência corporal que expresse o que cada um tem de melhor, que exteriorize, a partir dessa anatomia remodelada, as múltiplas remodelagens do eu e a produção de si mesmo. Para Le Breton, ao modificar sua aparência corporal através da cirurgia estética, o indivíduo modifica aspectos de si mesmo, “recorrendo a uma operação simbólica imediata”⁶¹ que ocasiona mudanças significativas nas suas formas de se relacionar com o mundo.

Durante muito tempo, os imperativos da beleza foram mais associados às mulheres, de modo que havia todo um investimento no corpo feminino a fim de que esse fosse belo, esbelto, fonte de satisfação – por ser/estar bonita – e prazer pessoal⁶². No entanto, atualmente, os corpos masculinos também vêm sendo alvo desses imperativos, havendo todo um

⁶⁰ Dados disponíveis no site da Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas – SBCP, disponível em www.cirurgioplastica.org.br

⁶¹ LE BRETON, David. 2007, p. 47.

⁶² SANT’ANNA, Denise. 2004, 2005.

investimento para que sejam reinventados e redescobertos: “[...] a redescoberta do corpo masculino deu-se também pela adoção de atitudes e posturas até então consideradas unicamente apropriadas ao universo feminino”⁶³. As cirurgias plásticas estéticas, nesse contexto, constituem uma importante estratégia de reinvenção do corpo que vem ganhando cada vez mais adeptos, especialmente entre os homens, visto que nos últimos cinco anos aumentou de 5% para 30% o percentual de homens que buscam esse tipo de procedimento no Brasil (SBCP, 2011).

Num tempo em que há uma crescente incitação a visibilidade, as práticas de remodelagem corporal, assim como diversos outros aspectos da vida privada, deixam de ser algo que se faz em sigilo e passam a ser publicizadas. Agora já não basta reinventar-se e produzir uma versão “mais aprimorada” de si mesmo; é preciso contar a todos e mostrar ao mundo o “novo eu”. Para tanto, vale lançar mão de diversas ferramentas, dentre as quais destaca-se a internet, de modo especial o site de rede social *Orkut*. Nesse contexto, buscamos, com essa pesquisa, analisar a rede de enunciações presente nos fóruns de comunidades do *Orkut* que discutem as cirurgias plásticas, tendo como base as postagens dos homens que relataram terem realizado algum procedimento estético.

5.2.4 DELINEANDO O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO: O SITE DE REDE SOCIAL *ORKUT*

Dentre as diversas instâncias sociais que atuam na produção dos sujeitos, (re)produzindo significados sobre as masculinidades e as possibilidades de remodelagem corporal na contemporaneidade, a internet vem se destacando. No Brasil, de acordo com dados do IBOPE Nielsen Online⁶⁴, no segundo semestre de 2011, o acesso à internet abrangeu 77,8 milhões de pessoas, sendo que o maior crescimento deu-se no uso domiciliar, que teve

⁶³ Ibid., 2004, p. 127.

⁶⁴ IBOPE Nielsen Online, 2011.

uma expansão de 14,4% em relação a agosto de 2010. Dentre os usos mais frequentes que se faz da internet, o acesso aos sites de redes sociais – como *Facebook*, *Orkut* e *Twitter*, por exemplo – atinge 87% dos usuários, o que indica o grande alcance que esses sites vêm tendo no cotidiano das pessoas. Além disso, os dados apontam que no mês de agosto deste ano a média de tempo de conexão dos usuários brasileiros nos sites de redes sociais foi de 7 horas e 14 minutos, o que consolida o Brasil como um dos países com maior acesso a esse tipo de site. Sobre essas novas formas de se relacionar e interagir, Sibilía⁶⁵ diz que “a rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades: em seus meandros nascem formas inovadoras de ser e estar no mundo”.

O *Orkut* constitui-se como o segundo maior *site* social no Brasil, com um alcance de 64%, o que corresponde a 29 milhões de usuários⁶⁶. A partir do momento em que cria um perfil e uma conta no *site*, o sujeito é incitado a participar das comunidades existentes ou a criar outras, a fim de compartilhar *hobbies* e interesses, bem como estabelecer laços com amigos 'mais íntimos e chegados'. Essa promessa de intimidade e estabelecimento de laços de interesse possibilita a discussão e a exteriorização de aspectos da vida privada dos integrantes das comunidades. Assim, as comunidades sobre cirurgia plástica no *Orkut* constituem espaços em que os participantes podem interagir e compartilhar experiências, dúvidas e ansiedades, buscando a segurança, a compreensão e os conselhos de quem partilha dos mesmos interesses e desejos que os seus. De acordo com Bauman⁶⁷, comunidade remete a pertencimento, conforto, segurança e aconchego, o que pressupõe certa delimitação e estabelecimento de fronteiras. No entanto, com o advento da informática:

[...] a fronteira entre o “dentro” e o “fora” das comunidades não pode mais ser estabelecida e muito menos mantida. De agora em diante, toda a

⁶⁵ SIBILIA, 2008, p. 27.

⁶⁶ De acordo com dados do IBOPE Online, disponível em http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=caldb&docid=C2A2CAE41B62E75E83257907000EC04F. Acessado em 03/out./2011.

⁶⁷ BAUMAN, Zygmunt. 2003.

homogeneidade deve ser “pinçada” de uma massa confusa e variada por via de seleção, separação e exclusão; toda unidade precisa ser *construída*; o acordo “artificialmente produzido” é a única forma disponível de unidade.⁶⁸

Nesse sentido, vemos nas comunidades virtuais a flexibilização do pertencimento e o borramento das fronteiras que mantinham os participantes protegidos e aconchegados no seu interior. Esses grupos formam-se pela proximidade de interesses e não mais pela proximidade geográfica, como acontecia nas relações presenciais. Ao escolhermos uma comunidade, estamos praticando o exercício da experiência de si, ou seja, colocando em funcionamento o que Foucault chamou de tecnologia de si: “[...] reflexão sobre modos de vida, sobre as escolhas de existência, sobre o modo de regular a sua conduta, de se fixar a si mesmo fins e meios [...]”⁶⁹. Assim, ao procedermos a essas escolhas, estamos nos constituindo como sujeitos.

No contexto desta pesquisa, foram analisadas as postagens dos homens nos fóruns de dezessete (17) comunidades sobre cirurgia plástica estética no *Orkut*. Embora tenhamos encontrado homens como participantes de praticamente todas as comunidades que constituíram o *corpus* de análise, essas dezessete (17) foram selecionadas dentre mais de cem (100) resultantes de uma busca no *site* a partir da palavra-chave plástica, por serem as que apresentavam a participação masculina nos fóruns que discutiam esse tipo de procedimento estético.

Neste artigo, direcionamos o foco de análise para as postagens que se referem a homens que já fizeram algum procedimento cirúrgico estético e que relatam sua experiência ou aconselham outros sujeitos que manifestam o desejo de submeter-se à remodelagem corporal. Nos fóruns analisados, constatamos que os procedimentos cirúrgicos mais procurados pelos homens participantes dessas comunidades são, respectivamente, a rinoplastia (nariz) – 61%; lipoaspiração e abdominoplastia – 13%; otoplastia (especialmente

⁶⁸ *Ibid.*, p. 19.

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. 1997, p. 112

para correção de orelhas “de abano”) – 5%; implante capilar – 5%; e cirurgia de olhos, principalmente a blefaroplastia (para correção das pálpebras caídas) – 4%. Tais dados vão ao encontro do que a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica - SBCP - aponta como os tipos de intervenções mais procurados pelos homens, sendo, respectivamente, rinoplastia, lipoaspiração e blefaroplastia⁷⁰. Além dessas, que são as mais recorrentes, também apareceram nas comunidades analisadas relatos de cirurgias para correção de ginecomastia (desenvolvimento excessivo das mamas), dermoplastia (para remoção do excesso de pele decorrente de processos de intenso emagrecimento), bem como procedimentos para remodelação dos lábios, queixo e implante de silicone masculino no tórax, a fim de modelar os músculos peitorais.

Tais dados apontam para a intensificação das práticas de si que, no mundo contemporâneo, constituem o que Ortega⁷¹ chamou de bioascese:

As modernas ascèses corporais, as bioascèses, reproduzem no foco subjetivo as regras da biossociabilidade, enfatizando os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais, das bioidentidades. Trata-se da formação de um sujeito que se autocontrola, auto-vigia e auto-governa. Uma característica fundamental dessa atividade é a auto-peritagem. O eu que “se pericia” tem no corpo e no ato de se periciar a fonte básica de sua identidade.

A aparência corporal deve falar sobre o sujeito, expressar quem ele é, exteriorizar a sua subjetividade e, para tanto, a autovigilância e o autocontrole tornam-se princípios a serem seguidos e adotados por todos a fim de que possam buscar e atingir a perfeição corporal. Nesse contexto, uma boa aparência é vista como resultado de uma vontade forte e de um autogoverno eficiente, enquanto o insucesso na busca do corpo idealizado é visto como fraqueza. O sujeito que se autogoverna, como perito de si mesmo, lança mão de diversas práticas de bioascese, dentre as quais as cirurgias plásticas estéticas vêm se destacando. A partir dessas intervenções, pode-se moldar o corpo de acordo com a vontade de cada um, a

⁷⁰ Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, 2011.

⁷¹ ORTEGA, 2008, p. 31-32.

fim de adequá-lo a expectativas e normas sociais, possibilitando que o sujeito fabrique modelos de si, que podem ser modificados a cada nova intervenção.

Nas comunidades analisadas, encontramos dezenas de relatos de homens que realizaram tais procedimentos estéticos. Amparados pela aparente segurança encontrada nesses grupos que partilham interesses em comum, teceram narrativas sobre suas experiências, compartilhando dúvidas e anseios com os outros participantes.

Durante a pesquisa, selecionamos todas as postagens realizadas pelos homens que afirmaram terem realizado cirurgia plástica e organizamos essas postagens em dois grupos, nos quais analisamos a rede de enunciações presentes: o primeiro grupo abrange as postagens que apontam para os significados que o período pós-operatório teve para os participantes; o segundo, refere-se às postagens que discutem a satisfação ou insatisfação com os resultados das cirurgias.

Na análise dos dados, utilizamos algumas ferramentas da análise do discurso, a partir dos pressupostos de Michel Foucault. A partir dessa perspectiva, entendemos os discursos como práticas que constituem os objetos de que falam, sendo que essas práticas mantêm correlação com outras práticas, sendo submetidas a determinadas regras, condições e suscetíveis a transformações⁷². O discurso tem o enunciado como unidade elementar:

[...] o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso.⁷³

Os enunciados articulam-se em unidades de sentido, a partir das correlações que estabelecem com outros enunciados, constituindo formações discursivas. Assim, ao analisar os dois grupos de postagens dos fóruns das comunidades que constituíram o *corpus* desta

⁷² FOUCAULT, 2008, 2010.

⁷³ FOUCAULT, 2008, p. 90.

pesquisa, buscamos a rede de enunciações presentes, suas condições de existência e emergência, bem como as condições de possibilidade que fizeram com que determinadas enunciações se fizessem presentes.

5.2.5 CIRURGIAS PLÁSTICAS ESTÉTICAS: O QUE É DITO SOBRE O PÓS-OPERATÓRIO

Um dos temas recorrentes em grande parte das postagens nos fóruns das comunidades analisadas refere-se ao período pós-operatório, em que os recém operados expressam suas dúvidas e ansiedades com relação aos resultados, como podemos ver nos trechos abaixo⁷⁴, referentes a cirurgias de nariz (rinoplastia)⁷⁵:

*[P.]⁷⁶ ola gente
bom pessual eu fiz a minha semana passa dia 25/07
realmente n senti dor nenhuma e nem tenho corte, apenas o incomodo do 1 dia com os
tampoes e mais nada... so que estou com os olhos ainda um pco roxos hj fazem 5 dias q
eu fiz eu tiro o curativo na prox quarta! e estou com olhos com um pco de sangue e em
volta um pco amarelo vcs como estao ?
e alguem sabe de alguma dica pra adianta a retirada desses roxos ?
de qlq forma se vcs puderem me mandem informacoes nao descrevendo mtu pessoal pq
minha familia n sabe so pais e namorada
de qlq forma obrigado a todos
te mais*

Neste depoimento, vemos que, no aconchego da comunidade que partilha do seu interesse, P. sente-se seguro para “confessar” aos amigos virtuais aquilo que nem mesmo a família sabe: que realizou uma cirurgia plástica, como se sentiu, seus medos e anseios. Vemos, nesse contexto, o quanto as relações virtuais vêm se sobrepondo à “vida real”, até porque as relações virtuais possibilitam deletar, excluir e remover *spams* sempre que algo ou

⁷⁴ Optamos por manter as transcrições de forma literal, sem fazer as correções linguísticas, por entendermos que desta forma preservamos a ideia original dos autores. Além disso, devido às limitações no número de páginas indicadas para o artigo, não apresentamos o conjunto de todas as postagens das dezessete (17) comunidades analisadas, tendo selecionado algumas que são representativas da rede de enunciações presentes no *corpus* de análise.

⁷⁵ Grande parte dos excertos apresentados neste artigo referem-se à rinoplastia, uma vez que cerca de 61% das postagens dos homens nos fóruns das comunidades analisadas referiam-se a esse tipo de cirurgia estética.

⁷⁶ Nas postagens destacadas, usamos a letra inicial do nome dos participantes dos fóruns.

alguém se tornar inconveniente⁷⁷. Não há estabelecimento de laços profundos, de modo que as relações podem ter a duração de instantes, sendo superficiais e descartáveis. Além disso, ele expressa as suas dúvidas com relação à rinoplastia recém realizada, demonstrando sua preocupação em relação ao aspecto do rosto. A preocupação marcante é com a aparência e não com possíveis consequências, dores ou complicações pós-cirúrgicas, denotando o quanto é importante para ele ostentar um rosto belo e sem marcas, o mais rápido possível. Esse mesmo discurso está presente em diversas postagens, como as que vemos abaixo:

[T.] pow, eu afinei a ponta do meu, mas ta fodah, ja faz 4 semanas de cirurgia, continua grandao, sera por causa do inxaço? o medico falou q leva 5 meses pra desinchar... keru saber sobre vcs, o de vcs ficou inxado muito tempo? ou mesmo inxado dava pra perceber q estava mais fina a ponta? Abraço

[V.] pow, ate agora quase nao vi mudança no meu, tipo, o medico falou q afinou a ponta do meu nariz, mas to grilado com isso, a ponta continua redondona, grande, nao to curtindo muito nao, sera q é pq esta inxado? tem tres meses q fiz a cirurgia, sera q vai diminuir mais a ponta? espero q sim, espero q fike afilada... me ajudem, estou nervoso, ehauae, sera q vai ficar fina?

Percebe-se, nessas postagens, que uma das principais preocupações no período pós-operatório refere-se ao resultado da rinoplastia, com a expectativa de que o nariz desinche e fique pequeno e afilado, especialmente na ponta. Vemos, nesse contexto, que a cirurgia foi realizada com o intuito de modelar o nariz de acordo com um padrão estético considerado bonito e desejável na sociedade contemporânea. Essa preocupação remonta às origens da cirurgia plástica que, de acordo com Gilman⁷⁸, encontra-se associada aos procedimentos realizados há mais de cem anos para correção de lesões no nariz, ocasionadas pela sífilis e modificações com o objetivo de disfarçar ou “corrigir” traços étnico-raciais em negros e judeus, por exemplo, buscando modelá-los segundo um padrão caucasiano, típico de descendente de europeu, que até hoje vem sendo vinculado nas diversas mídias como o modelo de beleza a ser seguido e desejado. Assim, interpelados pelos discursos que enfatizam que só é feio quem quer, uma vez que a beleza pode ser comprada e produzida com precisão

⁷⁷ (BAUMAN, 2011).

⁷⁸ GILMAN, Sander. 1999.

cirúrgica⁷⁹, esses sujeitos buscam construir uma aparência corporal que seja a expressão do seu autocuidado e do investimento que têm feito em si mesmos. Nesse contexto, o pós-operatório constitui-se como um período de dúvidas e incertezas com relação aos resultados, pois um nariz 'inchado', 'grande' ou com uma ponta que não tenha ficado suficientemente afilada, pode representar o fracasso nessa produção de si. É preciso que as mudanças sejam visíveis, que se veja o investimento que foi feito para a aquisição desse 'novo' nariz remodelado.

Em outras postagens, referentes ao período pós-operatório das rinoplastias, vemos enunciações que articulam a aparência, especialmente o tamanho e formato do nariz, com a masculinidade, como é o caso da postagem que segue:

[F.] Fiz a rinoplastia há 5 dias. [...]

Não senti dor. Apenas no primeiro dia do pós-operatório eu fiquei mal por causa da anestesia. As 5 noites foram péssimas pois não estava respirando. O próprio inchaço do nariz interrompe as vias respiratórias. Agora melhorou um pouco. Resultados: Estou inseguro. As vezes bate um desespero. O desenho da ponta do nariz está horrível. Parece que tem uma bola de basquete entre as narinas. Tá feio mesmo. Se tiver que voltar pra mesa de cirurgia, apesar de todos os incômodos, eu farei de novo. O médico havia dito que se afinasse a ponta do nariz, ficaria com cara de viado. Não estou com cara de viado, estou com cara de batata. O nariz já era batatado e apontava para baixo. Agora o nariz está muito mais batatado mas fica apontado para cima. Ridículo. Daqui a 3 dias, retornarei ao médico e discutiremos tudo isso. Não sei qual é o limite entre esperar o "desinchaço" e uma "cirurgia mal-feita". O médico cobrou R\$ 3.500,00 e é Professor Doutor da Unifesp especialista em otorrinolaringologia com diversas teses defendidas, ou seja, é um puta de um profissional gabaritado. Mas na primeira consulta informou-me que o valor já estava incluso possíveis retornos ao centro cirúrgico. Q saco !!! eu não esperava por isso. Breve, mais notícias....

Nessa narrativa, vemos que F., assim como os demais sujeitos que fizeram esse tipo de cirurgia, desejava afinar a ponta do nariz que, segundo ele, era *batatado*. O desagrado com o resultado obtido é marcante e enfatizado em diversos trechos, como: *Parece que tem uma bola de basquete entre as narinas; Tá feio mesmo; estou com cara de batata; Ridículo*; entre outros. Segundo ele, o médico afirmou que um nariz fino deixá-lo-ia com *cara de viado*, demarcando que a masculinidade está associada a determinados aspectos da aparência

79 COUTO, Edvaldo. 2004.

corporal, neste caso, o nariz. Nesse contexto, um nariz mais afilado ostentaria marcadores femininos, associados a traços finos e delicados, enquanto um nariz maior estaria associado à virilidade. Sobre os significados culturalmente atribuídos ao nariz, Antonio⁸⁰ aponta que os romanos associavam o nariz à virilidade e masculinidade, salientando que existem características similares entre a genitália masculina e o nariz.

Além disso, nessa narrativa, vemos enunciações relacionadas ao período pós-operatório, em que F. afirma não ter sentido dor, apenas *ficou mal por causa da anestesia*, apresentando dificuldade para respirar decorrente do inchaço na região do nariz. No entanto, esses incômodos tornam-se pequenos e pouco significativos diante daquilo que é o motivo dessa postagem no fórum da comunidade: o descontentamento com os resultados. Ao reclamar da aparência do nariz, enfatiza a formação do médico que realizou o procedimento cirúrgico: *Professor Doutor, especialista, diversas teses defendidas, profissional gabaritado*, deixando claro que não fez uma escolha de forma deliberada ou impensada, mas que procurou alguém com reconhecimento acadêmico e profissional a fim de remodelar sua aparência. De acordo com Foucault⁸¹, “o *status* do médico compreende critérios de competência e de saber”, que mantêm relações com as instituições, com outros indivíduos que também estão em determinadas posições que lhes conferem *status*, estando em posição de reconhecer e legitimar seu saber, sua prática e competência. Assim, o profissional escolhido por F. foi alguém legitimado e em posição institucionalmente reconhecida para realizar tais procedimentos, tendo seu saber e seu *status* atestados pelos títulos que ostenta. Diante disso, a decepção pelo resultado desapontador da cirurgia é ainda maior, pois a escolha não foi decorrente de uma ação impensada, mas sim de uma cuidadosa pesquisa sobre o currículo desse médico.

⁸⁰ ANTONIO, Andrea. 2008

⁸¹ FOUCAULT, 2008, p. 56.

As dúvidas e ansiedades com relação aos resultados no período pós-operatório são tema recorrente em todos os tipos de cirurgias plásticas discutidas nas comunidades analisadas, e não apenas nas de rinoplastia. A postagem abaixo traz o relato de um homem que já realizou diversos tipos de procedimentos e que expressa suas dúvidas:

[F.A.] Oi.....entao!!!!

Ja fiz lipo e plastica ha algum tempo, mas como nao mudei o umbigo de lugar na epoca, minha cicatriz ficou muito em cima, agora dia 14-11-2010, me submeti a outra cirurgia, fiz lipo da cintura pra cima e abdominoplastia, aparentemente ficou show, o umbigo esta bunito, porem ainda nao cicatrizou total, os roxos da lipo estao sumindo, mas o inxaso da barriga continua, e ainda vaza muito sangue do corte, mas meu medico nao colocou dreno, entao acho que por isso que ainda vaza, amanha estarei indo ao medico para tirar os pontos da barriga, e vou questiona-lo a respeito do dreno e ver o pq ainda estou tao inxado.....queria saber se alguem fez tb e nao colocou o dreno, e como foi a recuperacao..... aguardo respostas

Nesse depoimento, F.A. expressa sua inquietação com o inchaço, o que é recorrente nos diversos tipos de cirurgias que foram discutidas nas comunidades analisadas. Os hematomas (*os roxos da lipo*) também são mencionados, mas o aspecto inchado é o que realmente incomoda. Espera-se que, após esse tipo de cirurgia, o abdômen resulte liso, bonito, sem nenhum volume que possa comprometer uma aparência magra, livre de gorduras indesejáveis. Segundo Fischler⁸², a lipofobia – aversão à gordura – é uma das características marcantes do mundo contemporâneo. Há uma obsessão pela magreza e buscá-la a qualquer custo é a meta de grande parte dos sujeitos. As lipoaspirações e abdominoplastias surgem, nesse contexto, como importantes e sedutoras aliadas, na medida em que carregam promessas de livrar-se da gordura indesejada rapidamente, quase que de forma 'mágica': entra-se gordo na sala de cirurgia e de lá se sai livre daquilo que comprometia a sua imagem. Diante disso, continuar inchado após algum tempo da cirurgia gera ansiedade e medo de que o procedimento tenha sido fracassado e de que a promessa de um 'novo eu', remodelado a partir dos padrões socialmente esperados, não cumpra o prometido.

⁸² FISCHLER, Claude. 2005.

Nas diversas comunidades analisadas, a principal preocupação no período pós-operatório referia-se aos resultados, de modo que as dúvidas e ansiedades estavam relacionadas, em sua maioria, à aparência que resultaria do procedimento, e não a possíveis complicações ou efeitos colaterais.

O segundo grupo de postagens, que apresentamos a seguir, aponta para a satisfação ou insatisfação com os resultados, após o período pós-operatório.

5.2.6 SATISFAÇÃO OU INSATISFAÇÃO: O QUE É DITO SOBRE OS RESULTADOS DAS CIRURGIAS

Outro tema recorrente nas discussões nos fóruns analisados diz respeito aos resultados e à satisfação obtida após a cirurgia, o que pode ser exemplificado nos depoimentos abaixo:

*[A.C.] fiz nah orelha.. deu um resultado otimoooo
adorei eh que eu tinha as orelhas meio de abanos...rsrs...kkk
mas o resultado foi espetacular...*

[V.E.] Eu fiz implantes de torax masculino 230 ml. Ficou simplesmente melhor do que eu poderia imaginar.

[M.] Lipoaspiração
Fiz lipo a 75 dias o resultado foi surpreendente, ficou ótimo

[P.A.] Bom eu fiz a minha [rinoplastia] faz 31 dias e foi cortado o musculo sim ate pq eu dava risada e meu nariz fazia uma seta pra baixo era pessimo ai eu vi mta diferenca sim pq o nariz nao cai mais qdo do risada e foi tudo normal foi bem como eu esperava to mtu satisfeito. bj

[F.L.] eu fiz e estou muito satisfeito
retirar aquelas gordurinhas a mais é necessario,todo mundo merece..é um investimento em voce,pra mim valeu.

[F.J.] To feliz!!!!
*Depois de algumas duvidas, estou ficando muito satisfeito com minha cirurgia.....hj estou inxado ainda, porem minha barriga esta ate para dentro, eu sentado nunca tive essa barriga, ta showwww, nao dobra nada, a barriga esta retaa..... acho q quando desinxar tudo, vai ficar perfect.....hauhauhauh
isso ainda pq estou andando meio curvado, enfim.....estou muito felizzzz!!!!!!*

[F.J.] hauhauhauhuhuaaaa

eh cada dia fico mais feliz.....esta ficando show mesmo.....

logo vou fazer um album da cirurgia, estou registrando toda semana.....

tenho que estar orgulhoso de mim, pois perdi 50 kg neh....entao tenho q me

cuidar.....agora é só correr para o abraço...hauhauhuhua bjos

Vemos, nesses depoimentos, que o resultado das cirurgias foi considerado *ótimo*, *surpreendente*, *perfect*, *melhor do que eu poderia imaginar*, entre outros adjetivos e comentários que são utilizados para expressar a satisfação com o novo visual. Essa satisfação vem associada ao bem-estar e à felicidade, pois a maioria dos recém operados ressalta o quanto se sente feliz com os resultados. As falas destacadas trazem enunciações do discurso de beleza da sociedade contemporânea, associando a aparência remodelada à felicidade e satisfação, uma vez que a remodelagem faz com que cada um se torne belo, 'corrigindo' os 'defeitos' e 'imperfeições' que comprometiam a aparência e, conseqüentemente, sua felicidade. Nesse contexto, a cirurgia plástica é considerada como um investimento feito em si mesmo, importante e necessário para que o sujeito modele o seu corpo de acordo com determinados padrões que lhe possibilitarão maior autoestima, felicidade e aceitação social. De acordo com Le Breton⁸³, “a cirurgia estética não é a metamorfose banal de uma característica física no rosto ou no corpo; ela opera, em primeiro lugar, no imaginário e exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo”. Desse modo, ao modificar aspectos físicos, altera, também, os modos de relacionamento entre os sujeitos.

Os depoimentos também trazem enunciações que se articulam aos discursos da espetacularização dos corpos, o que é possível evidenciar em expressões como *espetacular*, *está ficando show* e *vou fazer um álbum da cirurgia*. Tais expressões apontam para o fenômeno da publicização de si e dos corpos que estamos vivenciando na sociedade contemporânea, em que não basta ser belo, magro, ter um corpo de acordo com os padrões vigentes, se isto não for visto por todos, se o resultado do investimento incessante que se faz sobre si mesmo não for visibilizado a fim de que possa ser admirado e, até mesmo, invejado.

⁸³ LE BRETON, 2007, p. 29.

Nesse contexto, Sibilia⁸⁴ destaca que “tanto o *eu* quanto seus enunciados são heterogêneos: para além de qualquer ilusão de identidade, eles sempre estarão habitados pela alteridade. Toda comunicação requer a existência do outro, do mundo, do alheio, do não-*eu* [...]”. Assim, não basta ter sua anatomia remodelada e o 'novo eu' cirurgicamente esculpido, pois no mundo contemporâneo, o sujeito só existe a partir do momento em que se encontra sob o olhar do outro. A aceitação social passa pela avaliação do valor de cada pessoa, em função de critérios como beleza, juventude, força, rigidez, longevidade, entre outros, que denotam o autocontrole e o autogoverno eficientes⁸⁵.

Entre os homens que discutiram os resultados das cirurgias realizadas, alguns relatam já terem se submetido a diversos tipos de procedimentos, destacando sua satisfação e, em alguns casos, o desejo de submeterem-se a outros:

[L.] *Eu gostei muito dos resultados.*

Bom eu já fiz no nariz e quatro lipo e os resultados foram melhores que os esperados. Eu recomendo sim cirurgia plástica. Abraço.

[J.N.] *rsrsrs fiz já algumass coisas rs*

Ano passado fiz lipoescultura, abdominoplastia, cirurgia de contorno nas costas, dermoplastia rsrs Essa semana fiz lipo nas costas e correção das cicatrizes... Amo e acho que todos devem fazer se acreditam ter algo a mudar... As duas primeiras semanas são fodas, mas depois que vc tira os pontos... Ai já era.. é só curtir e manter.. .

O uso de expressões como *os resultados foram melhores que os esperados, eu recomendo, amo e acho que todos devem fazer* apontam para a satisfação com as intervenções realizadas, especialmente no que diz respeito aos resultados alcançados. Lipoescultura, abdominoplastia, rinoplastia, lipoaspiração, dermoplastia, são algumas das muitas possibilidades existentes para esculpir a beleza, com precisão cirúrgica, buscando atingir a 'perfeição' corporal. De acordo com Couto⁸⁶:

Tornou-se imperativo ter um corpo camaleônico, sujeito ininterruptamente às transformações aceleradas. As imagens promocionais do corpo mutante,

⁸⁴ SIBILIA, 2008, p. 32.

⁸⁵ (ORTEGA, 2008)

⁸⁶ COUTO, 2004, p. 135.

em toda parte, evocam os muitos modos em que esse objeto pode ser manipulado e agenciado, em nome de uma perfeição sempre distante e, talvez por isso mesmo, cada vez mais desejada.

Essa 'perfeição' desejada parece estar ao alcance de todos, sendo recomendada por quem já viveu a experiência de ter seu corpo remodelado. Além disso, dá indicações do investimento que cada sujeito faz sobre si mesmo, a fim de se autogovernar e autoproduzir. Através da crescente maleabilidade das formas físicas, abrem-se infinitas possibilidades de fabricação de si mesmo⁸⁷.

A discussão sobre a satisfação com os resultados das cirurgias também apresenta enunciações do discurso de beleza da sociedade contemporânea que associam a felicidade e a beleza à juventude e ao vigor, como podemos ver nos exemplos abaixo:

[J.S.] minha primeira de muitas rsrsr
foi blefaroplastia ou plástica de pálpebras fiz com 25 anos tinha um olhar de 60 com sono o dia todo isso é coisa de família, tive resultados que simplesmente adorei cicatriz quase invsível e um olhar mais jovem após perder mais peso farei outras sim! hehehe

[R.] fiz e faco denovo
*Comecei com as palpebras, depois em redor da boca, o pescoco e assim vamos.
 Fiz liposcultura tambem rs rs.
 O resultado nao ta mal, to longe de aparentar os meus 51 aninhos rsrs.
 As pessoas pensam que nao fiz nem 40 ainda, valeu o investimento*

Vemos, nessas duas narrativas, a ênfase no rejuvenescimento resultante das cirurgias, tanto no caso de J.S. que, aos 25 anos, tinha *um olhar de 60*, o que, segundo ele, era *coisa de família*, quanto no caso de R., de 51 anos, de quem as pessoas pensam não ter feito *nem 40 ainda*. Ser e parecer jovem constituem, na sociedade contemporânea, valores fundamentais para a autoestima e aceitação social. Nesse contexto, cada indivíduo, como gestor do seu próprio corpo, deve eliminar os traços, características e qualquer marcador que aponte sinais de envelhecimento. Segundo Courtine⁸⁸:

⁸⁷ Ibid.

⁸⁸ COURTINE, Jean-Jacques. 2005, p. 86

[...] jogging, aeróbica, regimes de baixa caloria ou ainda o desenvolvimento sem precedentes das cirurgias plásticas... – todas essas técnicas de gerenciamento do corpo que florescem no decorrer da década de 80, são sustentadas por uma obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo.

Seja por questões genéticas que conferem um olhar de pessoa mais velha, como aponta J.S., seja pelo avanço da idade, como é o caso de R., sinais de envelhecimento precisam ser apagados da superfície corporal, de modo que a pele torne-se lisa, rija e com aparência jovem. Nesse sentido, Soares destaca que “não se cuida do corpo apenas para manter a saúde, mas para estar alerta e pronto, com vontade de agir sobre si mesmo, concorrer sempre e vencer cada vez mais, sendo eternamente jovem”⁸⁹. Ao tornar visível uma aparência jovem, exterioriza-se uma subjetividade também rejuvenescida, uma vez que, ao modificar a aparência física, pressupõe-se que se modifiquem, do mesmo modo, aspectos da subjetividade.

Nem todos os homens que discutiram os resultados das cirurgias plásticas nos fóruns analisados mostraram-se satisfeitos. Também encontramos, embora em menor número, relatos que expressam a não satisfação e até mesmo o arrependimento por ter feito a cirurgia:

[J.E.] Realizei minha rinoplastia e nao estou satisfeito com o resultado. Ao retornar na consulta o médico me informou que preciso esperar cinco meses para realizar o retoque. É realmente todo esse tempo que tenho que aguardar? E o retoque adianta alguma coisa? Obrigada se puderem me ajudar

[J.I.] olá dr. C., eu fiz uma rinoplastia à um ano e quatro meses, mas não gostei do resultado, inclusive uma narina ficou maior que a outra, e até hj sinto uma sensibilidade no local, é normal? eu gostaria de fazer um retoque, gostaria de saber se o procedimento cirurgico é o mesmo ou é mais simples ? tomei anestesia geral será que a rinoplastia não pode ser feita com a anestesia local e sedação, inclusive pensei em fazer bioplastia mas não sei se é aconselhável no meu caso.

As duas postagens acima expressam a insatisfação com a aparência resultante do procedimento cirúrgico realizado, manifestando o desejo de ambos os sujeitos de

⁸⁹ SOARES, Carmen. 2008, p. 81.

submeterem-se a uma cirurgia de *retoque*, assim que possível. Modificar aquilo que ficou 'mal feito', apagar do rosto os traços de um investimento mal sucedido: isso é o que eles buscam. Para Couto⁹⁰: “Essa modificação crescente por meio de técnicas cirúrgicas revela que o corpo não é um destino, mas uma escolha; não é uma herança, mas um projeto. Concebido como opção, tudo nele é mutável, está sujeito a transformações, não cessa de metamorfosear”. Através das cirurgias plásticas, pode-se projetar o que se quer parecer e o que se quer ser, uma vez que praticamente tudo pode ser modificado. A frustração de J.E. e J.I. reside no fato de que o investimento feito e o projeto idealizado, não tiveram o resultado esperado. Um novo projeto deve ser pensado a fim de 'corrigir' o problema, buscando “um meio de transformação de si e de criação de uma obra de arte que se identifica à forma física do próprio sujeito”⁹¹. É preciso consertar, retocar, modelar, tantas vezes quantas se fizerem necessárias a fim de que o resultado corresponda às expectativas dos sujeitos, que poderão expor-se, sem constrangimentos, ao olhar dos outros.

5.2.7 MASCULINIDADES REMODELADAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As análises realizadas dão indícios de que os regimes de sociabilidade e de ocupação do tempo, advindos das novas formas de comunicação e interação entre os sujeitos – como o site de rede social *Orkut*, nesta pesquisa – constituem práticas que vêm produzindo outros modos de subjetivação na contemporaneidade. Tais práticas têm produzido uma incitação à visibilidade da vida de cada sujeito, promovendo um deslocamento da subjetividade interiorizada em direção ao que Ortega⁹² chamou de “somatização da subjetividade”, ou seja, sua exteriorização, num processo em que o corpo passa a ser central na experiência de si.

⁹⁰ COUTO, 2004, p. 145.

⁹¹ LE BRETON, 2007, p. 47.

⁹² ORTEGA, 2008.

No processo de somatização das subjetividades, inúmeros marcadores - dentre eles, os de masculinidade - inscrevem-se nos corpos, posicionando os sujeitos nos diversos contextos sociais. No contexto dessa pesquisa, vimos que as vivências interacionais masculinas, como as que se deram nos fóruns das comunidades analisadas, possibilitam a (re)produção dos significados de masculinidade que se inscrevem nos corpos, nas percepções, nas posturas e participam dos processos de subjetivação⁹³. Ao interagirem nesse site, os participantes não apenas compartilharam suas experiências, dúvidas, satisfações e insatisfações, mas também foram (re)produzindo os significados de ser homem no contexto dessa cultura: sujeito que investe na produção do corpo e na aparência física, que exerce o autocuidado, que se autogoverna, que compartilha aspectos da sua vida privada nos sites de redes sociais, que visibiliza os resultados do investimento feito em si mesmo, que se preocupa em corresponder aos padrões de beleza da sociedade contemporânea, que sofre diante da possibilidade de fracassar no investimento que fez na produção de si.

Na sociedade contemporânea, os sujeitos são avaliados de acordo com a aparência, com o quanto ostentam o investimento que fazem em si mesmos, sempre orientados pelo olhar do outro, afinal, como nos fala Bauman⁹⁴, “na era da informação, a invisibilidade é equivalente à morte”. Embora o investimento na aparência e no cuidado com o corpo, ao longo da história, tenha sido associado principalmente às mulheres, vemos que um deslocamento têm ocorrido em direção aos homens, como os dados dessa pesquisa mostraram. As cirurgias plásticas, como possibilidade de remodelagem corporal de acordo com padrões considerados esteticamente desejáveis, vêm sendo buscadas também pelos homens, cada vez mais. Apesar disso, não encontramos, nas diversas mídias, como revistas de saúde e beleza, por exemplo, muitas reportagens que abordem essa temática com enfoque no público masculino, o que nos leva a pensar nas condições de possibilidade que fizeram com

⁹³ OLIVEIRA, Pedro. 2004.

⁹⁴ BAUMAN, 2008, p. 21.

que tal tema fosse discutido nos fóruns do site analisado e praticamente silenciado em outros espaços. Aconchegados na segurança da comunidade que partilha de seus interesses, os homens participantes sentem-se à vontade para 'confessarem' suas práticas, partilharem suas experiências, medos e anseios. Além disso, a fluidez das relações virtuais possibilita um rápido 'descarte' das relações estabelecidas, de modo que é possível permanecer naquele grupo durante o tempo que for conveniente e depois desaparecer, sem deixar rastros.

Nas postagens analisadas, vemos que as cirurgias plásticas vêm se consolidando como uma prática masculina, tanto quanto feminina, o que possibilita a remodelagem corporal a fim de que o corpo corresponda a padrões estéticos considerados desejáveis. As discussões entre os homens que já fizeram algum tipo de procedimento estético referem-se basicamente aos resultados, abordando a preocupação sobre como ficará a aparência após o período pós-operatório e a satisfação ou não com os resultados após esse período. Encontramos, nesse contexto, algumas enunciações, tais como: só é feio quem quer; beleza pode ser comprada e esculpida cirurgicamente; ser belo significa ter uma aparência jovem, ter um nariz afilado e um corpo 'livre' de excessos de gordura; investir na produção de si mesmo é um direito e também uma obrigação; o investimento no corpo (autocuidado) precisa ser exposto ao olhar dos outros. Tais enunciações articulam-se ao discurso de beleza e autocuidado da sociedade contemporânea, que associa a beleza à felicidade e ao bemestar, considerando-a como uma responsabilidade individual, resultante de um autogoverno eficiente. Nesse sentido, os resultados constituem a maior fonte de preocupações dentre os homens que realizaram o procedimento estético, visto que sua nova aparência deve mostrar o sucesso do investimento feito, bem como a exteriorização de uma subjetividade 'aprimorada' segundo os padrões considerados socialmente desejáveis. Assim, ao procedermos as análises, vimos que, entre os participantes dessas comunidades, o processo de somatização da subjetividade de que nos fala

Ortega⁹⁵ vem ganhando destaque, de modo que o corpo adquire centralidade na experiência de si, na forma como os sujeitos se percebem e são reconhecidos pelos outros.

As cirurgias plásticas estéticas constituem, nesse contexto, uma estratégia de reinvenção do corpo, uma prática de bioascese⁹⁶, uma vez que possibilitam operar sobre um corpo plástico e maleável a fim de que este exteriorize e expresse o que o sujeito deseja parecer e ser. O corpo reinventado precisa ser visto e, para tanto, é necessário que se visibilize os resultados das práticas de bioascese. As comunidades do *Orkut* que discutem as cirurgias plásticas estéticas constituem um campo bastante propício para isso. Ao compartilharem suas experiências com relação aos procedimentos estéticos realizados, esses homens visibilizaram os investimentos feitos em si mesmos, submetendo-se ao olhar dos outros, condição indispensável para a existência como sujeito⁹⁷.

Ao interagirem nos fóruns das comunidades do *Orkut*, os sujeitos não estão apenas partilhando suas vivências, mas também estão construindo ativamente significados sobre as cirurgias plásticas e a experiência de se submeterem a esses procedimentos, sobre seus corpos e suas masculinidades, afinal, de acordo com Sibilía⁹⁸,

a experiência vital de cada sujeito é um relato que só pode ser pensado e estruturado como tal se for dissecado na linguagem [...] esse relato não *representa* simplesmente a história que se tem vivido: ele a *apresenta*. E, de alguma maneira, também a *realiza*, concede-lhe consistência e sentido, delinea seus contornos e a constitui.

Ao partilharem suas experiências de remodelagem corporal com outros homens, esses sujeitos estão (re)construindo suas experiências e contribuindo para a constituição e reprodução de modelos de conduta e de comportamentos que vão sendo legitimados como 'tipicamente' masculinos, inscrevendo-se em seus corpos, produzindo efeitos nas formas com

⁹⁵ ORTEGA, 2008.

⁹⁶ Ibid.

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ SIBILIA, 2008, p. 32.

que se percebem e se relacionam com os outros, produzindo outras posições de sujeito e outras masculinidades.

5.2.8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, Andrea Tochio. *Corpo e estética: um estudo antropológico da cirurgia plástica*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. "(Des)educando os corpos: volumes, comidas, desejos e a nova pedagogia alimentar". In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo. *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 269- 280.

COURTINE, Jean-Jacques. "Os Stakhanovistas do Narciso: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo". In: SANT'ANNA, Denise. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 81-114.

COUTO, Edvaldo. "Corpos interditados: notas sobre anatomias depreciadas". In: STREY, Marlene e CABEDA, Sonia. *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 133-148.

FISCHLER, Claude. "Obeso benigno, obeso maligno". In: SANT'ANNA, Denise. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 69-80.

FOUCAULT, Michel. "O sujeito e o poder". In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *Microfísica do poder*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. "Resposta a uma questão". In: *Ditos e Escritos IV: Repensar a política*. [Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 1-24.

GILMAN, Sander. *Make the body beautiful: a cultural history aesthetic surgery*. United Kingdom: Princeton University Press, 1999.

IBOPE Nielsen Online. *Total de pessoas com acesso à internet atinge 77,8 milhões*. Disponível em <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=caldb&docid=C2A2CAE41B62E75E83257907000EC04F> Acesso em 03 de outubro de 2011.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. "Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidade". *Revista Estudos Feministas*, v.16, n. 3, p. 809-840, setembro-dezembro/2008.

OLIVEIRA, Pedro. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SANT'ANNA, Denise. "Cultos e enigmas do corpo na história". In: STREY, Marlene e CABEDA, Sonia (Org.). *Corpos e Subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 107-132.

_____. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SCOTT, Joan. "Gênero uma categoria útil de análise". *Educação & Realidade*, v.20, n.2, p. 71-100, 1995.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOARES, Carmen. Cartografias de Foucault. 2008. "A educação do corpo e o trabalho das aparências: o domínio do olhar". In: ALBURQUE JÚNIOR, Durval; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 69-82.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. Disponível em <<http://www2.cirurgioplastica.org.br/index.php>>. Acesso em 12 de dezembro de 2011.

SOUZA, Nádia. "Fases da vida': discursos biológicos, religiosos, midiáticos... " In: WORTMANN, Maria Lúcia *et al* (Org.). *Ensaio em Estudos Culturais, educação e ciência*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 19-34.

5.3 O CORPO MASCULINO NA SOCIEDADE DE CONSUMO: NARRATIVAS SOBRE CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA⁹⁹

Raquel Pereira Quadrado
Paula Regina Costa Ribeiro

5.3.1 Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a rede de enunciações presentes nas narrativas de homens que explicitam o desejo de submeterem-se a uma cirurgia plástica estética, em fóruns de comunidades da rede social *Orkut*, que discutem esta temática. Para proceder as análises, lançamos mão de algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana, de modo especial dos conceitos de enunciado e de discurso. As análises apontam para a emergência de enunciações que instituem que a beleza pode ser comprada e esculpida nos corpos por meio de práticas bioascéticas, como as cirurgias plásticas.

Palavras-chave: corpos; masculinidades; consumo; bioascese.

5.3.2 Abstract

THE MALE BODY IN CONSUMER SOCIETY: SPEECHES ON AESTHETIC PLASTIC SURGERY

This article aims to analyze the network of utterances present in men's speeches that explicit the desire of undergoing a cosmetic surgery in community forums of the Orkut social network, which discuss this issue. To conduct the analysis, we used some Foucauldian discourse analysis tools, especially the concepts of statement and speech. The analysis point to the emergence of enunciations establishing that beauty can be bought and sculpted in bodies through practices of bioasceticism such as plastic surgery.

Keywords: body, masculinity, consumerism, bioasceticism.

⁹⁹ O artigo será enviado para a Revista Cadernos Pagu - UNICAMP, sendo que sua apresentação nesta tese encontra-se de acordo com as normas de publicação estabelecidas pelo periódico, conforme consta no Anexo C.

5.3.3 Introdução

Na sociedade contemporânea, há uma crescente incitação à visibilidade do corpo, que deve ser a expressão daquilo que "realmente" somos. Com isso, vem ocorrendo um processo de somatização da subjetividade (ORTEGA, 2008), ou seja, um deslocamento na produção das subjetividades, que deixam de ser interiorizadas, para se exibirem ao nível da pele, exteriorizadas na superfície corporal.

Nessa cultura de culto ao corpo, os sujeitos são convocados a tornarem-se peritos e *experts* de si mesmos, sendo responsáveis por produzirem e modelarem sua aparência, convertendo-a em “emblema de si [...] escrita altamente reinventada, embasada por um imperativo de se transformar, de se modelar, de se colocar no mundo” (Le Breton, 2007: 31). Para proceder tal modelagem corporal, múltiplas opções encontram-se ‘disponíveis’ no mercado de consumo: uso de cosméticos e suplementos alimentares, prática de musculação, pilates, massagens modeladoras, drenagens linfáticas, intervenções cirúrgicas estéticas, entre outras, que trazem a promessa de aprimorar o corpo e potencializar suas capacidades. De acordo com Soares (2008: 75):

A conquista de uma dada aparência parece fazer parte do triunfo de práticas consumistas e alimenta idéias *totalitárias de perfeição corporal*. Os jogos de sedução e a perversidade desse mundo de superfícies em que se vive, orquestrado pela publicidade, tanto de produtos, quanto de atos cotidianos, incitam a consumir não apenas coisas, produtos, mas, sobretudo, desejos que internalizam uma certa obsessão pelo *si mesmo*, por “estar bem” com seu corpo e, acima disso, com sua aparência.

As cirurgias plásticas estéticas constituem, nesse contexto, uma prática corporal que possibilita a fabricação das aparências a fim de que essas expressem o processo de construção do eu e de transformação de si, supondo-se que ao modificar aspectos físicos, modifica-se, também, o próprio sujeito. Tais práticas estão vinculadas aos princípios da sociedade de consumidores, onde tudo, inclusive o corpo, é transformado em mercadoria e os sujeitos são incitados a remodelarem a si mesmos “como produtos que são capazes de obter atenção e atrair *demanda de fregueses*” (Bauman, 2008: 13). As mídias digitais, de modo especial a internet, despontam nesse cenário como importantes vitrines em que as mercadorias são visibilizadas e negociadas.

Diante disso, buscamos, neste artigo, analisar a rede de enunciações presentes nas narrativas de homens que explicitam o desejo de submeterem-se a uma cirurgia plástica estética, em fóruns de comunidades da rede social *Orkut*, que discutem esta temática.

Focamos nossas análises nos homens, por entendermos que, embora o corpo feminino tenha sido o alvo preferencial das estratégias de regulação da sociedade de consumo, o corpo masculino não escapa e também vem sendo foco dos discursos que instituem a beleza e o autocuidado como princípios sociais importantes para que o indivíduo seja reconhecido como sujeito.

5.3.4 OS CORPOS NA SOCIEDADE DE CONSUMIDORES

Os corpos são artefatos biossociais, uma vez que são produzidos a partir da imbricação entre a biologia, a cultura, a história e o meio social. Pensá-los como uma produção híbrida não implica em recusa ou negação da materialidade biológica que os constitui, mas sim no entendimento de que sobre essa materialidade se inscrevem discursos que o marcam, regulam e posicionam nos diversos contextos socioculturais.

Para Goellner (2008: 246):

Corpos são gestualidades conformadas e transgressoras cuja pedagogia atravessa tempos e culturas fazendo pulsar diferentes rituais e simbologias. Revelam o tempo onde foram educados e produzidos, reconstróem passados da mesma maneira com que projetam o futuro. Os corpos dizem do presente!

Além disso, os corpos são historicamente produzidos, sendo reinventados e modificados a todo momento, em função das múltiplas intervenções e opções que o mundo contemporâneo oferece e têm seus significados partilhados dentro de um determinado contexto histórico e cultural.

Segundo Foucault (2004: 27):

Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis da fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constróem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências.

De acordo com o autor, a valorização do corpo belo, as práticas de exercícios físicos, a incitação à nudez, etc., denotam o investimento do corpo pelo poder e “ [...] isso conduz ao desejo do seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio” (Foucault, 2004: 146). O poder, nesse contexto, é entendido como relacional, capilar e assimétrico, como algo que provém de toda parte e que se exerce e não como algo localizado em determinadas estruturas e que se detém. O poder é produtivo, uma vez que produz saberes que são constituídos a partir de relações de poder: “É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico” (Ibid., p. 149). Esses saberes instituem campos de

poder, uma vez que posicionam os sujeitos "de saber", como os médicos e os cientistas, por exemplo, em lugares de poder, autorizando-os a falarem, prescreverem e investirem sobre os corpos. Há, nesse contexto, uma correlação entre saber/poder que opera sobre os corpos, nomeando-os, classificando-os, descrevendo-os e instituindo os lugares sociais que devem ocupar (Foucault, 2003, 2004).

Na sociedade contemporânea, qualquer que seja o lugar social ocupado, as relações entre os sujeitos e seus corpos dão-se à semelhança e de acordo com os padrões das relações de consumo. De acordo com Bauman (2008: 20), “[...] a ‘subjetividade’ do ‘sujeito’, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável”, ou seja, para tornar-se sujeito, é necessário converter-se em mercadoria. O autor aponta que na sociedade de consumidores, a aptidão (*fitness*) surge como o princípio que orienta os cuidados com o corpo, ao contrário do que ocorria na sociedade de produtores, em que a saúde era o foco principal. Enquanto a saúde refere-se à capacidade de ter um bom desempenho físico e psicológico nas suas atividades laborais, atendendo as demandas e expectativas sociais, a aptidão diz respeito à flexibilidade do corpo e seu potencial de expansão. Para Bauman (2001: 92):

“Aptidão” significa estar pronto a enfrentar o não-usual, o não-rotineiro, o extraordinário – e acima de tudo o novo e o surpreendente. Quase se poderia dizer que, se a saúde diz respeito a “seguir as normas”, a aptidão diz respeito a quebrar todas as normas e superar todos os padrões.

Uma vez que nunca se está suficientemente apto, a busca incessante por níveis cada vez mais elevados de aptidão mobiliza os sujeitos, que se colocam em permanente estado de autovigilância, submetendo-se a autoexames minuciosos a fim de detectar fragilidades e pontos em que é preciso realizar um maior investimento. Para tanto, é preciso agir, lançando mão de um conjunto de práticas e estratégias que aproximem esse sujeito dos níveis de aptidão desejados:

Exercitar os demônios interiores requer atitude positiva e muita ação – e não a retirada e o silêncio. Como quase toda a ação numa sociedade de consumidores, esta custa caro; requer diversos mecanismos e ferramentas especiais que só o mercado de consumo pode oferecer. A atitude “meu corpo é uma fortaleza sitiada” não leva ao ascetismo, à abstinência ou à renúncia; significa consumir mais [...] Há, em suma, razões mais que suficientes para “ir às compras” (Bauman, 2002: 95).

Assim, o corpo é transformado em mercadoria, de modo que se pode fabricar a aparência desejada, a fim de que ela expresse o autocuidado e a conquista de novos níveis de

aptidão. Nesse mercado das aparências, proliferam clínicas de cirurgias plásticas, que oferecem inúmeras possibilidades de intervenções e modelos corporais que podem ser comprados, de acordo com os interesses, necessidades e possibilidades do cliente. As intervenções estéticas, cada vez mais comuns, vêm-se tornando sonhos de consumo de muitos sujeitos, que veem, nessa prática, uma possibilidade de autogoverno eficiente, a fim de "gerir seu próprio corpo como se gerem outros patrimônios do qual o corpo se diferencia cada vez menos. O corpo tornou-se um empreendimento a ser administrado da melhor maneira possível no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética" (Le Breton, 2007: 31-32).

Administrar o próprio corpo, lançar mão de toda a tecnologia disponível no mercado do *design* corporal e remodelar as aparências através de intervenções cirúrgicas estéticas, constituem práticas importantes e necessárias para tornar-se uma mercadoria vendável. De acordo com Bauman (2008: 92), "numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas", mas para ter valor como mercadoria, é preciso ser visto, desejado, ser alvo do olhar dos outros. Nesse contexto, as redes sociais constituem, na contemporaneidade, importantes espaços de reconfiguração dos laços de sociabilidade, que possibilitam a visibilização dos sujeitos e seus corpos, atuando como vitrines para o *marketing* de si mesmo, bem como instâncias em que os sujeitos - na posição de consumidores e mercadorias - fazem suas escolhas, explicitam seus anseios e necessidades e esclarecem suas dúvidas a fim de escolherem entre as inúmeras opções disponíveis no mercado com mais convicção.

Diante disto, ao direcionar nosso olhar para as práticas que vêm operando sobre os corpos neste começo do século XXI, especialmente as cirurgias plásticas estéticas, elegemos como campo de investigação o *Orkut*, uma rede social de grande alcance e com significativa participação no Brasil, pois entendemos que a mesma oportuniza a visibilização dos sujeitos/mercadorias, bem como carrega a fluidez e efemeridade dos laços entre os sujeitos, outra característica da contemporaneidade e da sociedade de consumidores.

5.3.5 DELINEANDO O CAMPO E O CAMINHO INVESTIGATIVO

As redes sociais vêm-se constituindo como um fenômeno mundial que possibilita a reconfiguração das relações de sociabilidade, uma vez que favorecem os intercâmbios e permitem que os sujeitos estabeleçam relações com outros sujeitos, em qualquer parte do mundo, independentemente de sua localização geográfica. De acordo com os dados do IBOPE Nielsen Online (2011), o Brasil é o país com maior participação em redes sociais, sendo que

cerca de 87% dos internautas acessam esse tipo de *site*, o que representa 39,3 milhões de pessoas. Dentre as redes sociais com maior projeção no país, destaca-se o *Orkut* que, durante muitos anos, foi a rede mais acessada entre os brasileiros, sendo, ainda hoje, a segunda rede com maior número de usuários.

O *Orkut* é uma rede social com características peculiares, pois permite a constituição de comunidades para discutir determinados temas, de modo que os usuários podem participar desses grupos de acordo com seus interesses no assunto em questão. Os participantes podem propor tópicos de discussão, que funcionam como fóruns onde se estabelecem conversações assíncronas¹⁰⁰.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, investigamos as comunidades que discutem as cirurgias plásticas, procedendo a busca no site utilizando a palavra-chave **plástica**, o que resultou em mais de 1.000 (mil) comunidades. Optamos, então, por fazer um recorte, selecionando aquelas que apareceram nas 10 (dez) primeiras páginas dos resultados, ficando, então, com 74 (setenta e quatro) comunidades. Vimos que, em 68 (sessenta e oito) dessas comunidades, as mulheres constituem mais de 50% do número total de participantes. Além disso, em todas as comunidades tem-se, no mínimo, 30% de participação feminina, mostrando o quanto, ao longo dos anos, a feminilidade tem sido associada à beleza. Entendemos que as representações de beleza ainda estão, na sociedade contemporânea, relacionadas ao gênero feminino; no entanto, os homens também vêm sendo interpelados pelos discursos que instituem os cuidados com o corpo e com a aparência como práticas importantes para a produção de si. Assim, nesta pesquisa, deslocamos o foco das análises em direção aos homens que participam dos fóruns das comunidades que discutem cirurgias plásticas. Ao fazer este deslocamento, buscamos lançar nosso olhar sobre aquilo que rompe com a regularidade discursiva, ou seja, sobre as discontinuidades de que nos fala Foucault (2008). Isto implica em olhar além da aparente unidade discursiva, além das continuidades, buscando a singularidade dos enunciados e suas condições de emergência, analisando o jogo de suas aparências e de sua dispersão.

Ao analisar as 74 (setenta e quatro) comunidades que constituem o *corpus* desta pesquisa, constatamos que, em apenas 17 (dezesete), havia participação masculina nas discussões dos fóruns, com número de postagens significativamente menor do que as participações femininas. Todas as postagens dos homens foram selecionadas, sendo que, neste

¹⁰⁰ Conversações assíncronas são aquelas que não ocorrem de forma simultânea, de modo que os sujeitos que interagem não estão conectados ao mesmo tempo e a mensagem enviada por uma pessoa é recebida e respondida posteriormente pela outra.

artigo, analisamos a rede de enunciações presente nas postagens daqueles que expressam o desejo de submeterem-se a algum tipo de intervenção cirúrgica estética.

Para analisar o material selecionado, lançamos mão de algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana, de modo especial dos conceitos de enunciado e de discurso. De acordo com Foucault (2008: 98):

O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).

Ao analisar as postagens dos homens nas comunidades do *Orkut*, não tivemos como propósito interpretar o que foi dito ou discutir qual foi a intenção do sujeito que fez os comentários, nem se houve resposta ou reação ao que foi falado; buscamos, sim, analisar as condições de existência e de emergência de determinadas enunciações nas falas desses sujeitos, nessas comunidades específicas, bem como "o que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado - e precisamente esse enunciado (e não outro) em circunstâncias bem determinadas" (Foucault, 2008: 94).

Os enunciados constituem a unidade elementar dos discursos, que são práticas que constituem os objetos de que falamos, sendo irreduzíveis aos atos linguísticos e regidos por um conjunto de regras que acabam por instituir modos de ver, pensar e agir no mundo (Foucault, 2008; Veiga-Neto, 2003). Segundo Foucault (2008), os discursos são conjuntos de enunciados que mantêm o mesmo sistema de formação, e é preciso tratá-los como séries regulares e distintas de acontecimentos, que não são imateriais e produzem-se "como efeito de e em uma dispersão material [...] dispersando o sujeito numa pluralidade de posições e de funções possíveis" (Id., 2004a: 57). Como acontecimentos, os discursos não estão localizados em um lugar específico, mas encontram-se dispersos na teia social, marcando as formas de ser e pensar de cada cultura, em cada época, instituindo posições de sujeito e atuando na produção de subjetividades (Veiga-Neto, 2003).

A partir dessas ferramentas foucaultianas, procedemos à apreciação das postagens dos homens que participaram dos fóruns das comunidades selecionadas, buscando analisar a rede de enunciações presentes.

5.3.6 O QUE DIZEM OS HOMENS SOBRE CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA NAS COMUNIDADES DO *ORKUT*

A análise das postagens dos homens que expressaram o desejo de fazerem algum tipo de cirurgia plástica estética mostram que as discussões nos fóruns dão-se a partir de dúvidas, que são compartilhadas na tentativa de obter respostas ou conselhos sobre as questões.

As dúvidas expressas nos fóruns foram agrupadas e organizadas, de acordo com o tema que discutem, em 4 (quatro) categorias¹⁰¹: 1. preço das cirurgias e indicações de clínicas; 2. resultados esperados; 3. possibilidade ou viabilidade de se submeter a determinado procedimento; 4. procedimentos cirúrgicos e período pós-operatório. Apresentamos, a seguir, algumas postagens representativas de cada categoria analisada.

5.3.6.1 "Quanto custa uma plástica?" Dúvidas sobre os preços das cirurgias e indicações de clínicas

As dúvidas e preocupações relacionadas ao preço dos procedimentos estéticos, associadas à indicações dos melhores locais para realizá-los, foram dominantes nos fóruns analisados, dos quais destacamos alguns comentários¹⁰²:

[B.O.]¹⁰³ quanto custa uma plastica? galera eu gostaria de reduzir um pouco o meu nariz e deixalo um pouquinho impinado, quantos +/- ficara ficaria o presso ? eu moro em louveira sao paulo e o unico lugar perto ki eu sei ki fas plastica é em jundiai na lerru stetica, sera ki posso confiar na lerru? obrigadu pela atencao!

*[E.] rinoplastia
alguem q seja do rj, sabe se existe alguma clinica q faça cirurgia plastica no nariz (rinoplastia) gratuítamente???? no rje tbem gostaria e saber se existe cirurgia rejuvenecedora ,q deixe uns 10 anos mais jovem facialmente , gratuita tbem. custa nada perguntar e esperar numa filinha de 20 anos ,pois acho q estetica tem prioridade menor.*

¹⁰¹ As categorias foram numeradas com base na maior incidência de postagens sobre cada tema, de modo que a categoria nº 1 foi a que apresentou o maior número de participações e a nº 4, o menor.

¹⁰² Optamos por manter as transcrições de forma literal, sem fazer as correções linguísticas, por entendermos que desta forma preservamos a ideia original dos autores. Além disso, devido às limitações no número de páginas indicadas para o artigo, não apresentamos o conjunto de todas as postagens das dezessete (17) comunidades analisadas, tendo selecionado algumas que são representativas da rede de enunciações presentes no *corpus* de análise.

¹⁰³ Nas postagens destacadas, identificamos os participantes por uma ou duas letras do seu nome, a fim de preservar suas identidades e demarcar que são diferentes sujeitos que tecem os comentários.

[A.] Ouvi dizer que existe um fio chamado "fio maravilha" (ou seria um outro nome, similar ou não?!) sendo usado atualmente. Alguém, por favor, poderia me informar o tel., nome, site, e-mail etc. desses profissionais? Tenho certeza que essa técnica iria ajudar em muito a quem quer arrebatar [o nariz] mas não conseguiu através da cirurgia convencional. Meu e-mail é [...] e meu tel. [...]

[D.A.] Ola Gostaria de saber qto q vcs pagaram para fazer a plastica no nariz...tenho vontade de fazer e sei q nao eh muito barato.. gostaria de saber tbm se eh vc q escolhe o jeito q vai ficar seu nariz ou o medico q ve o jeito q fica melhor com seu rosto??? obrigado!!!!

Nessas postagens, assim como em muitas das que foram analisadas, os participantes expressam suas dúvidas e buscam dicas e indicações sobre os melhores preços e locais onde 'comprar' um determinado *design* corporal. Questionamentos do tipo *quanto custa, quanto vocês pagaram* e *se existe alguma clínica que faça gratuitamente* dão indícios de que modelar o corpo e mudar a aparência, para que corresponda aos desejos de cada sujeito, é algo possível e ao alcance daqueles que podem pagar o preço da intervenção estética ou daqueles que conseguem o benefício de realizar a cirurgia gratuitamente. Vemos, nesse contexto, que as cirurgias plásticas são desejadas pelos sujeitos, independentemente de sua condição econômica, visto que mesmo aqueles que só poderiam submeter-se ao procedimento de forma gratuita, como é o caso de E., almejam a remodelagem corporal, nem que para isso tenham que esperar *numa fila de 20 anos*.

Remodelar o corpo tem um preço e, na sociedade de consumidores em que vivemos, em que tudo é transformado em mercadoria, "tão importante quanto consumir uma determinada marca de tênis, camiseta, carro ou eletrodoméstico, é consumir e exibir no corpo as marcas de hospitais, planos de saúde, clínicas, laboratórios, *spas*, médicos e terapeutas da hora" (Couto, 2006: 31). Assim, as aparências não escapam do imperativo do consumo e o corpo também é convertido em mercadoria, de modo que é possível fazer pesquisa de mercado para comparar preços e buscar, com outros consumidores, indicações sobre os melhores locais para a aquisição do 'modelo' desejado, como pode-se ver nas 4 (quatro) postagens selecionadas.

Além disso, de acordo com Couto (Ibid.):

Assim como qualquer objeto, tudo no hipermercado do corpo pode ser comprado a prazo, em suaves prestações. Serviços médicos e hospitalares, cirurgias e plásticas, anestésias e exames computadorizados de última geração, próteses, medicamentos e cosméticos podem ser pagos com cheques pré-datados, carnês, dezenas de parcelas em cartões de créditos, em consórcios que se popularizam e se multiplicam em toda a parte. Se todos podem se endividar - e o endividamento é a estratégia apresentada como via de acesso para a maioria - não existem mais desculpas para não se modificar

constantemente o corpo, comprar aparências e performances mais adequadas aos ideais momentâneos.

Nesse contexto, as postagens selecionadas trazem enunciações que se articulam aos discursos da sociedade de consumo, que instituem que tudo pode ser vendido a um certo preço e que qualquer pessoa pode comprar, uma vez que as condições de pagamento são flexíveis, sendo que o parcelamento e o endividamento constituem vias de acesso para a obtenção da aparência corporal desejada. Além disso, outras enunciações presentes nas falas selecionadas também se articulam aos discursos da sociedade de consumidores, como a possibilidade de escolha do 'modelo' de nariz, expressa por E. e também por B.O. e A. Escolher o modelo que melhor se adapta aos seus desejos e necessidades é uma prerrogativa da sociedade de consumidores, sendo direito do 'cliente' transmutar-se para atingir a forma que lhe for conveniente, conforme destaca Le Breton (2007: 29-30):

A cirurgia estética passa por um desenvolvimento considerável, aumentado por esse sentimento da maleabilidade do corpo. Sua transformação em objeto a ser modelado traduz-se de imediato nos catálogos que os cirurgiões dispõem nas salas de espera e que mostram aos clientes para propor uma intervenção precisa. Neles se vêem o rosto, ou o fragmento de corpo a ser modificado, e o resultado após efetuada a operação. Transmutação alquímica do objeto errado. Na gama das intervenções, o cliente escolhe a que proporcionará ao seu rosto ou ao seu corpo a forma que lhe convém.

Nesse contexto em que é possível escolher a aparência corporal, as intervenções cirúrgicas tornam-se necessárias e desejáveis. No entanto, as escolhas "possíveis", no caso desses homens, situam-se dentro de um campo delimitado, uma vez que suas falas apresentam enunciações dos discursos de beleza da sociedade contemporânea, que instituem que cada sujeito pode ter a aparência que quiser, desde que corresponda a atributos que sejam demarcadores do que é considerado belo, como juventude e nariz arrebitado¹⁰⁴. Esses modelos de beleza são veiculados, nas mais diversas mídias, como desejáveis, "não só para se olhar, mas também para se consumir, seja como objeto do desejo, seja, mais comumente, através dos diversos produtos e práticas que nos são apresentados para que atinjamos também um corpo como aquele" (Santos, 2007: 143). Por mais que se proclame o direito à individualidade e à singularidade, o que se vê nas discussões dos fóruns é a busca por um corpo que seja "adequado" a determinados padrões, ou seja, com aparência jovem e nariz arrebitado e fino, características valorizadas na sociedade contemporânea e proclamadas nas diversas mídias e instâncias sociais como sendo demarcadoras de beleza, felicidade e bem-estar.

¹⁰⁴ Grande parte dos excertos apresentados neste artigo referem-se à rinoplastia, uma vez que cerca de 61% das postagens dos homens nos fóruns das comunidades analisadas referiam-se a esse tipo de cirurgia estética.

5.3.6.2 "Você poderia me mostrar as fotos de antes e depois para eu comparar?" Dúvidas com relação aos resultados da cirurgia

Outra discussão frequente nos fóruns analisados refere-se às dúvidas e ansiedades com relação aos resultados da cirurgia, especialmente sobre como ficará a aparência após o processo de remodelagem, conforme podemos ver nas postagens a seguir:

[M.D.] eu gostaria de saber, se é agendi que escolhe o jeito que vai ficar? e se for, como é esse procedimento? é pq eu já tenho o jeito + ou - que eu quero... fiz no photoshop e gostei, mais dizem que os cirurgiões não fazem por fotos! isso é verdade?? é do jeito deles?? como foi o modo de vcs??? me contem com detalhes... tipo: eu mandei arrebitar, mandei afinar, mostrei fotos e tals... é pq eu estou louco pra fazer e queria tirar umas duvidas...

*[M.T.] Perfeitoooooooo *-**
Eu groooo !!! hsduahuahshashuahshhs mas tenho mto medo de agulhas e do resultado medo de fikar pior [meio impossivel]

[F.] Oi td bem? estou interessado em fazer a cirurgia de queixo tbm vc poderia me mostrar as fotos de antes e dps para eu comparar? ficaria agradecido! meu e-mail é [...] desculpe o incômodo

Nos trechos selecionados, vemos enunciações que instituem o corpo como um projeto, que pode ser redesenhado e redefinido com o auxílio do *photoshop* ou do *jeito dos cirurgiões*, como fala M.D. Pensar o corpo enquanto projeto implica no entendimento de que o mesmo constitui "*superfície de múltiplas experiências de transformação do visível*" (Soares, 2008: 77), podendo ser modelado de acordo com a vontade do cliente para ostentar a aparência desejada, que deve ser a expressão de cada sujeito, num processo que Ortega (2008) chamou de somatização da subjetividade, ou seja, a exteriorização da subjetividade, que passa a se exibir ao nível da pele. Nesse processo, o corpo ganha centralidade na experiência de si e na forma como cada um se reconhece como sujeito, procedendo-se um deslocamento nos antigos ideais ascéticos, que buscavam a submissão do corpo para a obtenção de valores morais que elevassem a espiritualidade. Na contemporaneidade, as cirurgias plásticas constituem importantes práticas de bioascese (Ibid.), que são práticas de cuidado de si voltadas ao corpo físico a fim de se buscar o autoaperfeiçoamento, uma vez que, na sociedade de consumo, os sujeitos são avaliados a partir de critérios como força, rigidez, beleza, juventude, entre outros. Tais práticas estão submetidas à lógica da fabricação, da autoprodução, uma vez que os sujeitos da bioascese constituem-se como *experts* e peritos de si mesmos. Assim, M.D. demonstra sua preocupação diante da possibilidade do cirurgião não aceitar o modelo de nariz

que ele projetou no *photoshop*, visto que a fotografia corresponde ao que ele deseja: um nariz arrebitado, fino, feito a partir de fotos dele mesmo.

Além disso, segundo Couto, no campo do *design* corporal "nada mais na anatomia é um destino. No corpo sem limites, tudo é escolha" (2006: 32). Se não há limites para as mudanças que se podem operar sobre esse corpo cada vez mais maleável e mutável, o processo de escolha torna-se um momento importante, que exige dos sujeitos, peritos de si mesmos, a análise das possibilidades a fim de que se possa pinçar, dentre as quase ilimitadas possibilidades, aquela que melhor se enquadre nos seus anseios e na ideia que cada um tem de si mesmo. Nesse sentido, os fóruns das comunidades analisadas funcionam como vitrines virtuais, em que se exibem as "mercadorias" adquiridas a fim de analisar as opções de mercado e avaliar a sua qualidade e o nível de satisfação dos consumidores. As postagens de M.T. e F. nos dão indícios disso. F. pede para ver as fotos do antes e depois da cirurgia plástica no queixo, a fim de que possa comparar os resultados e tomar suas decisões com relação à possível intervenção que pretende fazer. M.T. comenta as fotos do antes e depois exibidas no perfil de um outro participante que fez rinoplastia, manifestando o seu desejo em fazer o mesmo: *Perfeitoooooo *-* Eu qroooo !!!* Apesar de seu anunciado medo de agulhas, a ênfase está na vontade de ter um nariz como aquele, estabelecendo um tipo de relação que pode ser comparado ao de alguém que observa um produto recém comprado por outra pessoa - como um celular, um relógio, ou um casaco, por exemplo - e não vê a hora de ir às compras para adquirir um, também. M.T. ainda destaca seu medo com relação ao resultado: *medo de ficar pior [meio impossivel]*. O medo do resultado ser insatisfatório, embora ele destaque que isso seja difícil de acontecer, dando a entender que nenhum modelo poderia ser pior do que o nariz que ele tem, associa-se à busca por algo "melhor" e que resulte numa outra aparência. De acordo com Bauman (2008: 76), "o consumo é um investimento em tudo o que serve para o 'valor social' e a auto-estima do indivíduo". Assim, apesar dos seus receios, M.T. quer realizar a cirurgia e investir na sua aparência. Vemos, nesse contexto, a enunciação que institui que é possível comprar a aparência desejada, que se articula ao discurso da sociedade de consumo.

5.3.6.3 "Dá pra fazer?" Possibilidade de realização de determinados procedimentos cirúrgicos

Algumas discussões nos fóruns traziam dúvidas com relação à possibilidade de realização de procedimentos específicos, como o que vemos nos dois trechos abaixo:

[P.A.] MUDAR RADICALMENTE

Se alguém me puder esclarecer umas dúvidas, eu antecipadamente agradeço a ajuda de vocês. Olha só, apesar de eu ter a pele clara, meu traços são muito grosseiros, meu nariz é largo, somente de perfil é bonito, minha boca tem lábios enormes, meus olhos são "puxados", não tanto como orientais mas são.... é possível que eu me torne um tipo mais de acordo com os padrões de beleza da sociedade fazendo uma "redução" de lábios, afilamento do nariz tornando sua pontinha ligeiramente arrebitada e aumentar os olhos??? Bom, como já disse, espero a resposta de um profissional e/ou de alguém que embora leigo entenda bem do assunto....

[K.] Peito invertivo (peito com os bicos para dentro)

Oi, sou homem, tenho 20 anos e sou Brasileiro. Eu tenho uma dúvida: Eu desde que nasci, tenho os dois peitos invertidos, ou seja, eu tenho os dois bicos dos dois peitos voltados para dentro, e convivo com isso até hoje, mais isso já se tornou um incomodando para mim, por questão de estética, por exemplo, se eu vou na praia e fico sem camisa, eu chamo a atenção de algumas pessoas, por ter os dois peitos invertidos e isso acaba me incomodando pois eu sinto vergonha, além da questão estética, isso agora vem me incomodando de outra forma, de uns tempos para cá eu tenho sentido como se os bicos dos dois peitos estivesse sendo empurrado para dentro, ou seja, e como os dois bicos dos dois peitos estivessem sendo pressionados para dentro, tem vez que isso acontece, e chega até a doer e isso acontece com os dois bicos dos dois peitos. Por esses dois motivos principais, eu penso em fazer uma cirurgia. Minha dúvida é a seguinte: tem como eu fazer uma cirurgia em que se possam colocar os dois bicos dos dois peitos para fora, e que não deixe muita marca. Uma forma que eu penso de como deve ser essa cirurgia: Eu pensei em uma cirurgia em que faria um corte em forma de um círculo em volta do peito (próximo a região do bico do peito), e depois de feito esse corte em forma de um círculo em volta do peito (próximo a região do bico do peito), se pegaria o bico do peito solto em forma de círculo e o viraria para o lado de fora, depois de ter virado os dois bicos dos dois peitos para o lado de fora, se fecharia esse corte em forma de um círculo em volta do peito (próximo a região do bico do peito) dando ponto, ou através de cola, o ideal para mim seria fechar esse corte de uma forma que não deixasse muita marca. Eu também quero saber se os planos de saúde cobrem esse tipo de cirurgia, que eu pretendo fazer pelo os motivos citados antes, e se eu tiver que fazer no particular, quanto e que eu terei que pagar por essa cirurgia e se tem como eu fazer esse tipo de cirurgia pelo o SUS. Desde já eu agradeço pela a atenção.

Vemos, nesses dois trechos, o entendimento do corpo como superfície a ser moldada, como projeto a ser pensado e desenvolvido a fim de corresponder a determinados objetivos de natureza estética. De acordo com Couto (2004: 135), "a todo instante somos convidados a administrar a própria aparência, a superar e redesenhar formas físicas". Nesse sentido, P.A. anuncia, no início da sua postagem, que deseja uma *mudança radical*, destacando que *apesar de ter a pele clara*, alguns aspectos do seu rosto, aos quais ele refere-se como *traços grosseiros*, lhe desagradam: *nariz largo, lábios enormes, olhos puxados*, que correspondem a

traços comumente encontradas em negros (nariz e lábios) e orientais (olhos). Além disso, enfatiza seu desejo em tornar-se um *tipo mais de acordo com os padrões de beleza da sociedade* que, pela sua descrição, seria um tipo caucasiano, de nariz afilado e arrebitado, lábios finos e olhos maiores. É o padrão que ostenta traços típicos de descendência europeia, ainda difundido na sociedade contemporânea, através das diversas mídias, como modelo de beleza a ser seguido e desejado por todos. Neste sentido, Couto (2004: 142) afirma que "a subjetividade contemporânea parece estar intimamente associada [...] ao poder dos bisturis que acrescentam e/ou retiram pedaços para que o corpo astucioso atinja a forma desejada, possa se adequar a normas mutantes". Assim, P.A. espera redesenhar sua aparência, mas não a partir de qualquer modelo. A nova forma desejada deve ostentar os traços da beleza ditados pela sociedade contemporânea, de modo que as escolhas desse sujeito não são arbitrárias, nem expressões de uma vontade 'livre', pois, conforme destaca Goellner (2008: 246):

Estamos enredadas numa trama discursiva que produz 'verdades' sobre o que somos ou, ainda, o que julgamos ser. A todo o momento nos deparamos com discursos e práticas que investem nossos corpos, incitam nossos desejos, produzem nosso imaginário, movimentam, em cada uma de nós, de modo diverso e peculiar, assujeitamentos e resistências.

Assim, ao buscar remodelar-se para corresponder aos padrões hegemônicos, P.A. dá indícios de que vem sendo interpelado pelos discursos de beleza de sociedade contemporânea, assumindo-os como verdades que instituem como os sujeitos devem ser e produzindo movimentos de assujeitamento.

A segunda postagem apresentada, referente aos comentários de K., também traz enunciações dos discursos de beleza da sociedade de consumo, que instituem que o corpo pode ser remodelado e que se pode comprar a aparência desejada. K. expressa sua vontade em submeter-se à cirurgia por motivos estéticos, uma vez que tem *os dois bicos dos peitos voltados para dentro* desde que nasceu e isso é motivo de *incômodo, vergonha e constrangimento*, especialmente quando vai à praia e tira a camisa. Expressa, também, um segundo motivo para a realização do procedimento: recentemente vem sentindo uma pressão localizada na região e algumas vezes *chega até a doer*.

Apesar disso, a inquietação com a questão estética parece ser o ponto principal, reforçada várias vezes pelos comentários que expressam sua preocupação em não ficar com marcas após a cirurgia, como, por exemplo, *o ideal para mim seria fechar esse corte de uma forma que não deixasse muita marca*. Para Le Breton (2007: 29-30), a cirurgia plástica aponta o quanto o corpo vem sendo socialmente considerado como um importante "artefato da presença e vetor de uma identidade ostentada", de modo que a preocupação dos sujeitos está

em "modificar o olhar dos outros a fim de sentir-se plenamente". Assim, K. espera modificar o aspecto corporal que lhe causa constrangimento, a fim de poder exibir um corpo remodelado que seja a expressão de um eu aprimorado, uma vez que cuidar das aparências é operar na produção da subjetividade, é tornar-se mais apto e flexível (Bauman, 2001), pronto para enfrentar o "novo" e o olhar dos outros.

Além disso, K. concebe seu corpo como um projeto, como algo que pode ser moldado e modificado segundo um roteiro detalhado, o que se nota na descrição minuciosa que faz sobre o procedimento que vem planejando. De acordo com Cabeda (2004: 315), na contemporaneidade o corpo vem sendo entendido como:

“matéria-prima” ou como máquina imperfeita e frágil que pode ser reconstruída e tornada “perfeita” pela ciência/tecnologia [...] Trata-se de um projeto garantido por um tipo de discurso médico – o da cirurgia plástica – que a mídia faz circular e que tornou o Brasil o segundo país que mais realiza intervenções desse tipo.

Como tudo na sociedade de consumo, esse projeto também pode ter um preço. O consumo, nesse contexto, seria um investimento na sua aparência, no seu aprimoramento pessoal. K. questiona sobre a possibilidade de realizar a cirurgia através de planos de saúde ou pelo Sistema Único de Saúde - SUS, bem como o custo do procedimento se for realizado de modo *particular*. Vemos que o "imperativo do consumo não escapa das aparências" (2008: 77) e lança mão de estratégias como as cirurgias plásticas, a fim de se 'comprar' o modelo corporal que seja mais adequado aos desejos e necessidades de cada sujeito. Além disso, cada vez mais esse tipo de procedimento estético vem sendo buscado na rede pública de saúde, como no SUS, pois entende-se que, "na era do hiperconsumo, na era do cibercorpo, [as cirurgias plásticas] passaram a ser direitos inalienáveis de homens e mulheres comuns, de todas as idades e profissões" (Couto, 2006: 31).

5.3.6.4 "Vocês fizeram co anestesia geral ou local? Ficaré roxo?" Procedimentos cirúrgicos e período pós-operatório

A quarta categoria de análise agrupa as postagens que se referem às dúvidas sobre os procedimentos cirúrgicos, especialmente no que diz respeito ao tipo de anestesia utilizada, e ao período pós-operatório:

[P.V.] DÚVIDAS *Mentoplastia*¹⁰⁵

Tbm estou afim de fazer mento, então, onde vc fez e se foi anestesia geral? por favor me responda estou muito afim de fazer , bjs

[F.E.] *oi gente, to com uma cirurgia marcada pro dia 26/12. É o unico dia que consegui. Gostaria de saber algumas coisas,vou operar só o nariz, o olho ficará inchado tb? ficará roxo?será que existe chance de eu comemorar o ano novo (dia 31/12!) com amigos?doi muito? vcs fizeram com anestesia geral ou local?qual é melhor?vale a pena?to com medo! Abraços*

[M.O.] *Bom galera, farei minha cirurgia do nariz na semana que vem, estou bem ansioso mas tranquilo porque o cirurgiao me deixou super a vontade com o procedimento e ainda me sugeriu um implante no queixo o q deixara meu rosto muito + natural. Ele me explicou que demora em media 6 meses para se chegar num resultado final. Só tenho duvidas se terei muita dor e em quanto tempo eu poderei levar uma vida normal, tipo trabalhar e sair em festas com os amigos?*

Dentre as quatro categorias analisadas, esta foi a que reuniu o menor número de postagens, sendo que a maioria delas trazia a preocupação com o tipo de anestesia que seria utilizado na cirurgia, como vemos nos comentários de P.V. e F.E.: *foi anestesia geral? vcs fizeram com anestesia geral ou local?*. Outra preocupação recorrente referia-se à dor e ao desconforto resultantes do procedimento, como expressam F.E. e M.O.: *doi muito? vale a pena?to com medo! Só tenho duvidas se terei muita dor*. Vemos, nesse contexto, a necessidade de minimizar o sofrimento físico e a dor que poderiam resultar do processo cirúrgico e, neste sentido, esses homens expressam sua preocupação com o procedimento anestésico.

De acordo com Couto (2006: 32):

A mudança corporal abandona uma antiga lógica do sofrimento e adota a do prazer. Desde que a anestesia foi descoberta, em 1846, que as práticas cirúrgicas viram desaparecer dores, gritos e suores. Com a massificação da anestesia nos hospitais e de medicamentos pós-operatórios, como anti-inflamatórios e cicatrizantes, as mutações cirúrgicas do corpo se tornaram tanto desejadas quanto realizáveis.

O processo deve trazer os resultados esperados, no menor período de tempo e com o mínimo de sofrimento, afinal, nesses procedimentos, "a dor é uma inconveniência acidental a ser minimizada com remédios e aperfeiçoamentos técnicos da cirurgia" (Edmonds, 2002: 234).

O tempo de recuperação pós-cirurgia é outra preocupação expressa por estes sujeitos: *o olho ficará inchado tb? ficará roxo?em quanto tempo eu poderei levar uma vida normal, tipo trabalhar e sair em festas com os amigos?* A aparência do rosto após a cirurgia é motivo

¹⁰⁵ Mentoplastia é a cirurgia plástica realizada no queixo.

de dúvidas e ansiedades, visto que a aceitação social dá-se, em grande parte, pelo olhar do outro, pela aprovação (ou não) daquilo que vê. Segundo Ortega (2008: 33), o corpo e a subjetividade são modelados pelo olhar censurador dos outros sujeitos, fazendo com que cada um seja responsável por si mesmo e proceda as escolhas que conduzam à constituição do corpo perfeito. Assim, ostentar uma bela aparência, sem marcas, o mais rápido possível, denota o quanto o investimento que se fez em si mesmo produziu resultados, sendo indicativo de autocuidado e autogoverno eficientes.

Voltar as suas atividades "normais" - *trabalhar e sair em festas com os amigos* - o mais rápido possível, desejo expresso por M.O., aponta para características da sociedade de consumidores que instituem a valorização do imediato, do aqui e agora, à semelhança do ato de ir às compras e voltar para casa com a mercadoria que se adquiriu, em perfeitas condições. Entendendo que nessa sociedade, em que tudo é convertido em mercadoria, o corpo também pode ser comprado, investir na produção de um novo nariz ou queixo é comprar a aparência desejada e, conseqüentemente, requer que o 'produto' esteja disponível para ser exibido ao olhar dos outros com rapidez. Para Le Breton (2007), a cirurgia estética é uma operação simbólica, destinada a clientes que querem modificar aspectos de si mesmos - não só a aparência, mas, ao transformar o visível, mudar, também, aspectos identitários - de forma imediata, sem esperar muito tempo, tendo como base a urgência no resultado.

5.3.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO MASCULINO NA SOCIEDADE DE CONSUMO

As análises realizadas dão indícios de que os homens vêm sendo interpelados pelos discursos que instituem a beleza e o cuidado de si como responsabilidade de cada sujeito e como algo a ser projetado e comprado. Cuidar da aparência, investir na produção de si mesmo, dando indícios de autogoverno e autocuidado eficientes, são práticas que deixaram de ser uma prerrogativa feminina e têm tido um alcance cada vez maior entre os homens. Uma vez que os corpos masculinos são construídos nos contextos socioculturais em que cada sujeito vive e interage, sendo, portanto, provisórios e sujeitos à mudanças, vemos que algumas rupturas vêm ocorrendo no padrão de comportamento masculino tido como hegemônico. Outras formas de se pensar e viver no mundo contemporâneo, que instituem outras posições de sujeito para os homens, estão se configurando e inscrevendo suas marcas nos corpos. Assim, "se os corpos são construídos na cultura, as representações de feminilidade e masculinidade a eles associados também o são" (Goellner, 2008: 255).

Entendendo que o corpo, na contemporaneidade, ostenta as marcas da subjetividade, as cirurgias plásticas constituem práticas de bioascese corporal que possibilitam a esses homens modelarem as aparências e, com isso, transformarem aspectos de si mesmos. Assim, ao interagirem nas comunidades para discutirem seus desejos, dúvidas e anseios relacionados aos procedimentos estéticos a que querem se submeter, os participantes constroem significados sobre as cirurgias plásticas, seus corpos e os significados de ser homem nessa cultura. Tais significados inscrevem-se em seus corpos e os produzem como sujeitos. Para Saraiva (2007: 54):

Nesse jogo de comunicação com interlocutores desconhecidos, precisamos construir narrativas sobre nós. Essas narrativas funcionam como mecanismos de subjetivação, tanto para quem as cria como para quem as lê. A troca de mensagens com comunicantes anônimos que acontece na *web* constitui-se num mecanismo de fabricação do corpo.

Na contemporânea sociedade de consumidores, essa fabricação do corpo dá-se nos padrões das relações de consumo, em que é possível fazer pesquisa de mercado e escolher os melhores preços e modelos, bem como os locais onde adquirir a forma corporal desejada. Os sujeitos são consumidores e também mercadorias, de modo que construir o corpo sob medida é uma possibilidade e também uma "obrigação". Converter-se em uma mercadoria atraente e vendável é condição para a existência como sujeito. Nesse contexto, as redes sociais, como o *Orkut*, atuam como vitrines virtuais, em que é possível escolher os produtos, pesquisar, tirar dúvidas e exibir os produtos a serem vendidos e o que já foi comprado.

Nas postagens analisadas, tivemos indícios do quanto o mercado das cirurgias plásticas vem crescendo e interpelando os homens, que buscam esclarecer suas dúvidas a fim de procederem as suas escolhas relativas ao procedimento e à forma corporal que desejam "comprar". Nessas postagens, encontramos a enunciação do discurso de beleza da sociedade de consumidores, que institui que beleza se compra, que é possível comprar a forma corporal desejada, que o corpo é maleável e mutável e que pode ser projetado.

Nos fóruns analisados, os participantes expressaram suas dúvidas e seus desejos com relação à realização de procedimentos estéticos, o que nos leva a considerar que condições de possibilidade fizeram com que eles falassem nesses espaços e não em outros. Entendemos que comunidade implica em pertencimento e entendimento mútuo, onde as pessoas se mantêm unidas por laços de confiança (Bauman, 2003), ainda que efêmeros e frágeis no caso das comunidades do *Orkut*. Assim, amparados pela segurança das comunidades virtuais em que partilham seus interesses com outros participantes, esses sujeitos sentem-se 'livres' para

falarem e confessarem seus anseios. Além disso, evidenciamos que a maior participação dos homens deu-se nos fóruns de comunidades que discutem a rinoplastia, ou cirurgia no nariz, o que nos dá indícios de que, apesar de algumas rupturas na representação hegemônica de masculinidade se evidenciarem, como é o caso de assumir que deseja submeter-se a procedimentos estéticos, alguns tipos de cirurgias ainda são mais validadas socialmente do que outras. Embora os dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica indiquem que a lipoaspiração quase equipara-se à rinoplastia no que se refere ao número de procedimentos realizados por homens no país, não encontramos, nos fóruns, nenhum sujeito que expressasse o desejo de realizar esse tipo de procedimento. Tal silenciamento aponta para o que é possível e o que não é, no que diz respeito à modelagem corporal masculina, bem como quais posições de sujeito vêm sendo legitimadas nesta rede social.

Com esta pesquisa, não tivemos a pretensão de estabelecer regimes de verdade sobre os corpos masculinos que vêm sendo produzidos na atual sociedade de consumo, mas, sim, discutir algumas práticas de bioascese corporal - neste caso, as cirurgias plásticas - que vêm operando sobre os sujeitos e produzindo assujeitamentos, resistências e rupturas. Entendemos que os homens que participaram dos fóruns não representam a totalidade daqueles que têm buscado esses procedimentos estéticos, e nem que as posições por eles assumidas são as únicas possíveis. Existem múltiplas posições de sujeito possíveis de serem ocupadas e múltiplas formas de masculinidade possíveis de se inscreverem e se exibirem nos corpos.

5.3.8 REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.

CABEDA, Sonia. O corpo da cirurgia plástica: um olhar sobre a subjetividade feminina na contemporaneidade. In: STREY, Marlene; CABEDA, Sonia (Org.). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004, pp. 315-346.

COUTO, Edvaldo. Ilusões do corpo sem limites. In: SOMMER, Luís Henrique, BUJES, Maria Isabel. *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas, Ed. ULBRA, 2006, pp. 25-36.

_____. *Corpos interditados: notas sobre anatomias depreciadas*. In: STREY, Marlene; CABEDA, Sonia (Org.). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004, pp. 133-148.

EDMONDS, Alexander. *No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro*. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro, Record, 2002, pp. 189-262.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. 15 ed. Rio de Janeiro, Graal, 2003.

_____. *Microfísica do poder*. 19 ed. Rio de Janeiro, Graal, 2004.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2004a.

_____. *A arqueologia da saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

GOELLNER, Silvana. *A produção cultural do corpo*. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, Vozes, 2003.

_____. *A cultura fitness e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências*. In: STEVENS, Cristina; SWAIN, Tania. *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2008, pp. 245-260.

IBOPE Nielsen Online. *Total de pessoas com acesso à internet atinge 77,8 milhões*. Disponível em

<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=caldb&docid=C2A2CAE41B62E75E83257907000EC04F> Acesso em 03 de outubro de 2011.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas - SP, Papirus, 2007.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro, Garamond, 2008.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi. *O corpo que pulsa na escola e fora dela*. In: WORTMANN, Maria Lúcia et al (Org.). *A produção cultural do corpo, da natureza e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2007, pp. 131-146.

SARAIVA, Karla. *A fabricação dos corpos nos chats*. In: WORTMANN, Maria Lúcia et al (Org.). *A produção cultural do corpo, da natureza e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2007, pp. 53-76.

SOARES, Carmen Lúcia. *A educação do corpo e o trabalho das aparências: o domínio do olhar*. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de (Org.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008, pp. 69-82.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

ATUALIZAÇÕES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É chegado o tempo de visibilizar algumas "atualizações" que esta pesquisa promoveu nos nossos entendimentos sobre os corpos masculinos e as práticas que operam na sua produção, instituindo-lhes marcas. São "atualizações" porque apontam para os nossos modos de pensar neste momento, após ter empreendido os movimentos de pesquisa que foram narrados nesta tese. Tais modos de pensar são marcados pela provisoriade, pois como sujeitos em constante movimento, seguimos estabelecendo outras interlocuções, apropriações e interações que, certamente, levarão a novas inquietações e questionamentos e, conseqüentemente, a outros processos investigativos.

As cirurgias plásticas constituem uma prática corporal que vem crescendo no nosso país, de modo significativo, entre os homens. Apesar disso, como já apontamos ao longo deste trabalho, não existem muitas pesquisas, artigos ou reportagens divulgados com esse enfoque. Neste sentido, as análises desenvolvidas nesta pesquisa, tendo o site de rede social *Orkut* como campo empírico, mostraram-se produtivas, uma vez que, nesse local, encontramos inúmeras comunidades sobre o tema, que contam com a participação dos homens. Entendemos que as formas de sociabilidade mediadas pelo *Orkut* potencializam o estabelecimento de discussões sobre os corpos masculinos e as cirurgias plásticas, em função do tipo de relacionamento que promovem entre os sujeitos. Nas comunidades virtuais, as relações dão-se em função de interesses em comum. "Aconchegados" na aparente segurança que tais comunidades oferecem, os homens sentem-se à vontade para falar, expressar suas dúvidas, preocupações e compartilhar suas vivências, visto que estão entre "amigos/as", entre pessoas que entendem seus anseios, pois partilham deles. Os laços mantêm-se unidos enquanto durarem os interesses, podendo ser desfeitos a qualquer momento, bastando, para isso, usar recursos tais como deletar, bloquear ou excluir amigos/as e/ou comunidades, de forma simples e sem confrontos ou constrangimentos. Tais características instituem condições de possibilidades para que os homens interajam nesse site, posicionando-se, falando e compartilhando suas experiências e seus desejos relacionados às cirurgias plásticas.

Dentre as 74 (setenta e quatro) comunidades que compuseram o *corpus* de análise desta pesquisa, vimos que existem diferentes modos de endereçamento, operando e convocando, de formas distintas, os sujeitos à participação. A maior participação masculina foi observada naquelas que têm homens como donos, que representam, em sua maioria, as

comunidades que discutem as cirurgias plásticas a partir do discurso médico. Nesses espaços, vimos elementos que, combinados, "convidam" os homens à participação. Tais elementos - nomes das comunidades, imagens de exibição, textos que as descrevem e apresentam os seus objetivos - remetem à cirurgia plástica como um procedimento que se situa no campo da ciência, mais especificamente, no campo da medicina. São fotografias, logotipos e nomes de instituições acadêmicas e médicas - universidades, faculdades de medicina, clínicas e hospitais -, imagens e comentários que fazem alusão à Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, uso de expressões que fazem parte do vocabulário médico, entre outros elementos da prática médica que se articulam na constituição de modos de endereçamento, criando condições de possibilidade para que determinados indivíduos - os médicos e residentes que atuam no campo das cirurgias plásticas - façam parte desses grupos e falem sobre esse tema a partir de determinadas posições de sujeito que, hegemonicamente, foram instituídas como masculinas. Assim, os participantes que interagem nessas comunidades, encontram-se dentro de uma rede discursiva em que se articulam determinadas enunciações, tais como: a medicina é o lugar legitimado para se falar sobre os corpos e as cirurgias plásticas; a medicina é um campo de saber historicamente constituído como masculino. Com isso, produzem-se verdades sobre os corpos e sobre os sujeitos e institui-se quem pode falar sobre as cirurgias plásticas e a partir de que posição: os médicos são os profissionais habilitados para isso, visto que se encontram em posição de poder, instituída por um campo de saber - a medicina - que os torna legitimados e autorizados a proferirem discursos que se instituem como regimes de verdade. Tais discussões dão-nos indícios de que, na contemporaneidade, embora algumas rupturas venham ocorrendo, ainda há toda uma discursividade que vincula a ciência às masculinidades, estabelecendo uma demarcação simbólica dos lugares sociais de homens e mulheres.

Essa demarcação dos lugares sociais também foi percebida nas comunidades que apresentam outros modos de endereçamento, discutindo as cirurgias plásticas a partir dos discursos da beleza e do consumo. Nessas comunidades, circulam significados culturais que historicamente vêm sendo associados às feminilidades, tais como os cuidados com o corpo e a preocupação em ostentar uma aparência corporal que corresponda aos padrões estéticos socialmente sancionados. Além disso, vemos, nesses espaços, enunciações que instituem que, ao cuidar da aparência, cuida-se também da saúde e alcança-se o bem-estar. As cirurgias plásticas constituem, nesse contexto, práticas de autocuidado que possibilitam alcançar esses "ideais". Tais significados, articulados a imagens de corpos femininos e a textos que se dirigem às pessoas que desejam realizar algum tipo de procedimento cirúrgico estético, engendram modos de endereçamento que convocam o sujeito "comum", o sujeito que deseja

consumir esse tipo de serviço, e não mais os/as médicos/as ou estudantes de medicina. Com isso, produzem-se condições de possibilidade que fazem com que a participação feminina seja superior à masculina, visto que, hegemonicamente, são as mulheres que vêm ocupando esse lugar social de consumidoras de serviços e produtos de beleza.

Os modos de endereçamento presentes nas comunidades baseiam-se nas concepções de quem as produziu - o/a dono/a - sobre quem seria esse sujeito que ele quer chamar à participação e, em decorrência disso, quais seriam seus interesses, que elementos deveriam estar presentes para que esses sujeitos sintam-se interpelados e passem a integrar as comunidades. No entanto, existem tensionamentos entre quem o/a dono/a da comunidade pensa que esses sujeitos são e quem os próprios sujeitos pensam que são (ELLSWORTH, 2001). Desse modo, os efeitos que as práticas de endereçamento têm sobre cada um/a são distintos e, ainda que tenhamos encontrado, nessas comunidades, posições e marcadores sociais que se articulam aos discursos hegemônicos sobre as masculinidades e as feminilidades, aí também estão presentes os corpos que escapam e que se posicionam em outros lugares. Foi sobre esses corpos, que promovem rupturas com os regimes de verdade instituídos socialmente, que detivemos nosso olhar. Entendemos que, apesar dos modos de endereçamento que se fazem presentes, é possível entrar nas comunidades a partir de múltiplos lugares, decorrentes dos significados que cada sujeito constrói sobre si mesmo e seu corpo. Esses significados vão sendo produzidos em meio a interações, práticas, estratégias e intervenções que, atravessadas por relações de poder, produzem marcas corporais, regulando condutas e produzindo os sujeitos.

A partir destes entendimentos, analisamos a participação dos homens que, tensionando os modos de endereçamento presentes, participam dos fóruns das comunidades que abordam as cirurgias plásticas sob o viés da beleza, da saúde e do bem-estar. Constatamos que as discussões acerca das cirurgias realizadas têm, como tema principal, os resultados, tanto entre aqueles que estão no período pós-operatório e expressam suas dúvidas e anseios com relação a possíveis inchaços, hematomas ou a terem sido mal sucedidos na sua busca pela aparência desejada, quanto entre aqueles que já passaram por esse período e relatam a sua satisfação ou insatisfação com os resultados obtidos. Tal preocupação com os resultados nos dá indícios de que esses homens vêm sendo interpelados pelo discurso de beleza da sociedade contemporânea, que incita à visibilidade dos corpos e institui o autocuidado como um demarcador do autogoverno eficiente, de modo que a aparência corporal deve falar sobre o sujeito, ostentando as marcas da sua subjetividade.

Assim, a possibilidade de que algo dê "errado", resultando numa aparência indesejável, constitui um dos focos de preocupação dos recém-operados, visto que isso denotaria um investimento "mal" feito, ou seja, o fracasso na produção de si mesmo. Ao relataram suas dúvidas, buscam, entre os amigos da comunidade, informações e conselhos que os confortem e assegurem-lhes de que serão bem-sucedidos. Nas enunciações dos homens que já fizeram plástica e demonstram-se satisfeitos com os resultados, vemos o uso de algumas expressões - perfeito, estou muito satisfeito, ficou *show*, espetacular, surpreendente, adorei, entre outras - que apontam para a satisfação com a nova aparência e a associação entre ela e alguns significados e valores que estão presentes na nossa sociedade, como a exaltação à perfeição corporal, a incitação à visibilidade e à espetacularização dos corpos. Ser visto é condição fundamental para a existência no mundo contemporâneo; mas não basta estar disponível ao olhar dos outros, é preciso exibir um corpo que ostente as marcas do autocuidado e do autoinvestimento que se fez na busca pela produção de um "eu" que corresponda, ou que se aproxime o máximo possível dos modelos de perfeição culturalmente instituídos. Neste sentido, ao compartilhar os resultados bem sucedidos das cirurgias que realizaram, esses homens conferem visibilidade aos traços recém modelados, visibilizando, também, subjetividades remodeladas, o que denota o investimento que fizeram no cuidado e na produção de si.

As cirurgias plásticas constituem, nesse contexto, uma prática de bioascese, uma vez que, ao operarem sobre os corpos, promovem remodelagens que vão além da mera anatomia. Ao modificarem aspectos físicos, tais práticas produzem transformações no próprio sujeito, marcando, ao nível da pele, traços da sua subjetividade. Assim, há um deslocamento da subjetividade interiorizada em direção a sua exteriorização, de modo que o corpo passa a ser central na experiência de si e no modo como cada um se reconhece como sujeito. Diante disso, os sujeitos buscam livrarem-se de todo e qualquer traço físico que possa ser um vestígio de marcas socialmente estigmatizadas, tais como: nariz grande demais, gordura corporal, flacidez, sinais de envelhecimento, entre outros. Visto que as cirurgias plásticas, enquanto práticas de bioascese corporal, possibilitam projetar a "correção" desses traços para que se possa ostentar o que se quer parecer e ser, a frustração expressa pelos homens que não obtiveram os resultados desejados reside no fato de que fracassaram no investimento feito e no projeto idealizado. Tal fracasso conduz a um novo projeto, buscando "retocar" os traços do investimento mal sucedido, uma vez que o corpo não é destino nem herança e, sim, um projeto que resulta de nossas escolhas, de modo que praticamente tudo pode ser modificado (COUTO, 2004). Assim, nas postagens analisadas, o relato sobre a insatisfação com os

resultados obtidos na cirurgia aparece, de modo geral, associado ao desejo expresso de submeter-se a uma nova intervenção que possa "corrigir" a aparência, transformando-a de forma a corresponder à imagem que se espera ter e ostentar. É preciso consertar, retocar, modelar, tantas vezes quantas se fizerem necessárias a fim de que o resultado corresponda às expectativas dos sujeitos, que poderão expor-se, sem constrangimentos, ao olhar dos outros.

Essa concepção do corpo como projeto que resulta de nossas escolhas, podendo, portanto, ser fabricado sob medida, aparece associada ao discurso da sociedade de consumo contemporânea, que institui que tudo pode ser comprado, por um determinado preço. Assim, o processo de projetar o corpo desejado, passa por procedimentos que se dão nos padrões das relações de consumo, conforme tivemos indícios nas comunidades analisadas. Nas postagens dos homens que expressam o desejo de realizarem algum tipo de cirurgia plástica, as discussões dão-se em torno de dúvidas acerca dos preços dos procedimentos, bem como de indicações de médicos e clínicas de cirurgia plástica. Vemos, nesse contexto, práticas que são comuns nas relações de consumo, como realizar pesquisa de mercado a fim de escolher os modelos corporais que são mais "adequados" às suas "necessidades" e interesses, verificar quem oferece os melhores preços e serviços, bem como quem são os profissionais mais conceituados e capacitados para a realização do serviço escolhido, conferindo ao sujeito/consumidor a forma corporal desejada. Neste sentido, os sujeitos são convertidos em consumidores das práticas cirúrgicas e, também, em mercadorias, produtos dessas práticas, que os modificam e aprimoram a fim de que se tornem atraentes aos olhos dos outros e, com isso, convertam-se em mercadorias atraentes e vendáveis. Converter-se em uma mercadoria desejável é condição para a existência como sujeito, de modo que construir o corpo sob medida é uma possibilidade mas, também, uma "obrigação". Nas postagens analisadas, encontramos enunciações do discurso de beleza da sociedade de consumidores, que instituem que beleza se compra, que é possível escolher e comprar a forma corporal desejada, que o corpo é maleável e mutável e que pode ser projetado. As comunidades do *Orkut* operam, nesse cenário, como vitrines virtuais que possibilitam pesquisar sobre o "produto" desejado - a forma física que se deseja comprar e remodelar -, conversar com outros consumidores e saber de sua satisfação ou insatisfação com a "mercadoria" adquirida, esclarecer dúvidas e analisar modelos.

Dentre as comunidades que compuseram nosso *corpus* de análise, as cirurgias plásticas mais discutidas e procuradas foram, respectivamente, rinoplastia, lipoaspiração e abdominoplastia. Tais dados, que vão ao encontro dos índices da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, apontam para a preocupação com a aparência do rosto, especialmente do

nariz, como um demarcador social de beleza masculina. Ostentar traços "bem" desenhados, exibindo um nariz que tenha um padrão eurocêntrico, livre de traços considerados inconvenientes e constrangedores - nariz muito largo, "batatudo", com projeções e saliências - vem se constituindo, na contemporaneidade, como uma marca corporal masculina desejável e que deve ser buscada por todos. Além das rinoplastias, as intervenções estéticas mais procuradas pelos homens das comunidades analisadas foram as lipoaspirações e as abdominoplastias, práticas que visam "livrar" o corpo da gordura indesejável. Isso nos dá indícios de que esses homens vêm sendo interpelados pelo discurso de beleza da sociedade contemporânea, que institui que a gordura corporal é "abominável," posicionando em lugares marginalizados os sujeitos que ostentam qualquer traço desse "mal indesejável". Tais discussões apontam para o que é possível e o que não é, no que diz respeito à modelagem corporal masculina, bem como quais posições de sujeito vêm sendo legitimadas nesses espaços.

As análises também apontam para a emergência de algumas enunciações que se articulam aos discursos de beleza e de consumo da sociedade contemporânea: só é feio quem quer; beleza pode ser comprada e esculpida cirurgicamente; ser belo significa ter uma aparência jovem, ter um nariz afilado e um corpo "livre" de excessos de gordura; investir na produção de si mesmo é um direito e também uma obrigação; o investimento no corpo (autocuidado) precisa ser exposto ao olhar dos outros. As postagens que compuseram o *corpus* desta pesquisa dão-nos indícios de que os homens vêm sendo interpelados por esses discursos, assumindo que a beleza é algo a ser projetado e comprado, conferindo visibilidade às práticas de autocuidado e autovigilância, sendo um indicador do autogoverno eficiente. Tais discursos atuam na produção dos corpos e das masculinidades, de modo que, ao interagirem nesse site de rede social, os homens participantes não estão apenas compartilhando vivências, dúvidas e anseios, mas estão participando ativamente da (re)produção de significados sobre as cirurgias plásticas, sobre a experiência vivenciada, sobre seus corpos e contribuindo para a construção de outros entendimentos sobre o que significa ser homem nessa cultura: sujeito que investe na produção do corpo e da aparência física, que exerce o autocuidado, que se autogoverna, que compartilha aspectos da sua vida privada nos sites de redes sociais, que visibiliza os resultados do investimento feito em si mesmo, que se preocupa em corresponder aos padrões de beleza da sociedade contemporânea, que sofre diante da possibilidade de fracassar no investimento que fez na produção de si.

Entendemos que os corpos masculinos são produções biossociais, constituídas nas vivências interacionais que estabelecem e que neles se inscrevem as marcas sociais que os

regulam e posicionam nos diversos contextos socioculturais em que circulam. Assim, a partir das discussões que analisamos nos fóruns das comunidades do *Orkut*, vimos que algumas rupturas vêm ocorrendo nos marcadores sociais masculinos tido como hegemônicos. Outras formas de se pensar e viver no mundo contemporâneo, que instituem outras posições de sujeito, estão se configurando e inscrevendo suas marcas nos corpos. Nesse contexto, as cirurgias plásticas vêm se constituindo como uma prática bioascética em ascensão entre os homens, potencializando as possibilidades de transformação corporal e de reinvenção do corpo, que é a superfície em que se exibem as subjetividades. Essas subjetividades reinventadas e marcadas no corpo precisam ser ostentadas de modo que o investimento feito no cuidado de si, através das intervenções cirúrgicas estéticas, seja visibilizado. As comunidades do *Orkut* analisadas nesta pesquisa constituem uma arena propícia e produtiva para que os corpos masculinos sejam vistos e exibam os resultados das prática de bioascese que operaram sobre si mesmos, uma vez que se colocar no campo de visão constitui, no mundo contemporâneo, condição indispensável para a existência como sujeito.

Entendemos que as vivências interacionais masculinas, como as que se deram nos fóruns das comunidades analisadas, possibilitam a (re)produção dos significados sobre as cirurgias plásticas, sobre a experiência de submeter-se a esse procedimento, sobre os efeitos que tal prática bioascética opera nas formas como cada um se percebe como sujeito. Tais interações também possibilitam a (re)significação dos entendimentos de masculinidade, atuando na constituição de significados que se inscrevem nos corpos, nas percepções, nas posturas e participam dos processos de subjetivação.

Ao tecer tais considerações, estamos considerando-as como contingentes e parciais, visto que os participantes dos fóruns das comunidades investigadas não representam a totalidade dos homens que realizaram ou desejam realizar algum tipo de plástica estética e nem suas posições são as únicas possíveis de serem ocupadas dentro da rede discursiva. Assim, as discussões que estabelecemos nesta tese não têm a pretensão de instituírem-se como "verdades universais", estabelecendo formas legítimas através das quais se deve pensar os homens e a corporeidade, a partir daqui. O que apresentamos são alguns significados e representações que foram sendo (re)construídos ao longo do caminho investigativo, a partir de um campo empírico determinado - as comunidades que discutem cirurgias plásticas no *Orkut* - e que nos possibilitaram olhar as cirurgias plásticas como práticas bioascéticas que vêm engendrando os sujeitos, produzindo assujeitamentos, resistências, fraturas, rupturas e instituindo múltiplas formas de masculinidade possíveis de se inscreverem e se exibirem nos corpos, bem como uma multiplicidade de posições de sujeito possíveis de serem ocupadas.

PERSPECTIVAS

Ao colocar um ponto final neste trabalho, entendemos que a finalização é necessária no processo de doutoramento, no entanto, os movimentos de pesquisa continuam, movidos por novas inquietações que, certamente, conduzirão a outros processos investigativos articulando os estudos da corporeidade, das masculinidades e dos sites de redes sociais.

Entendemos, também, que os conhecimentos produzidos a partir do desenvolvimento desta pesquisa têm produtividade no campo da educação em ciências e terão efeitos nas nossas práticas docentes como formadoras de professores/as de ciências e biologia, uma vez que as discussões sobre os corpos masculinos e as práticas bioascéticas que vêm engendrando os sujeitos na contemporaneidade já estão sendo incorporadas nas disciplinas dos cursos de licenciatura em que atuamos, bem como nos cursos de extensão e aperfeiçoamento desenvolvidos para profissionais da educação, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, constituindo projetos do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE.

Ao discutir essas questões na formação inicial e continuada de professores/as, esperamos contribuir para a problematização das abordagens biológicas através das quais historicamente se têm falado do corpo na escola, possibilitando a emergência de outras formas de abordagem que incorporem em suas discussões os marcadores sociais de gênero, sexualidade, etnia, geração, entre outros, que atuam na constituição dos corpos e dos sujeitos, posicionando-os nos diversos contextos culturais. Além disso, ao abordar tais temáticas na formação inicial e continuada de professores/as, outras possibilidades de pesquisa abrem-se, na medida em que poderemos ampliar o campo investigativo em direção à pesquisa na área de formação de professores de ciências e biologia.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Andrea Tochio. **Corpo e estética**: um estudo antropológico da cirurgia plástica. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Vida para consumo**: transformação das pessoas em mercadoria.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

CABEDA, Sonia. O corpo da cirurgia plástica: um olhar sobre a subjetividade feminina na contemporaneidade. In: STREY, Marlene; CABEDA, Sonia (Org.). **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 315-346.

CARDOSO, Ismael. **Perdendo liderança, Orkut foi porta de entrada à web no Brasil**. Terra Tecnologia, 2011. Disponível em:
<<http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI5339869-EI12884,00-Perdendo+lideranca+Orkut+foi+porta+de+entrada+a+web+no+Brasil.html>> . Acesso em: 15 jul. 2012.

CAREAGA, Gloria; SIERRA, Salvador. Introducción. In: _____ (Org.). **Debates sobre masculinidades**: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía. Mexico: UNAM/PUEG, 2006. p. 9-28.

CARVALHO, Marília; FARIA FILHO, Luciano. Apresentação. In: _____ (Org.). **Cadernos Pagu**. Revisitando Dualismos. Campinas, n. 34, p. 9-15, jan./jun. 2010.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. (Des)educando os corpos: volumes, comidas, desejos e a nova pedagogia alimentar. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 269- 280.

CHASSOT, Attico. **A ciência é masculina?** São Leopoldo: UNISINOS, 2009.

CONNELL, Robert. **Masculinidades**. México: UNAM/PUEG, 2003.

CORAZZA, Sandra. 2007. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Ed., 2007. p. 103- 128.

COSTA, Marisa. Estudos Culturais - para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa [et Al]. **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 13-36.

_____. Uma agenda para jovens pesquisadores - In: _____ **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Ed., 2007. p.139-154.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narciso: *Body-building* e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise. **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 81-114.

COUTO, Edvaldo. Corpos interditados: notas sobre anatomias depreciadas. In: STREY, Marlene e CABEDA, Sonia. **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 133-148.

_____. Ilusões do corpo sem limites. In: SOMMER, Luís Henrique, BUJES, Maria Isabel. **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 25-36.

COUTO, Edvaldo e ROCHA, Telma. Apresentação: a vida no *Orkut*. In: _____ (Org.). **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 11-12.

DEL PRIORI, Mary. Corpo a corpo com as mulheres: as transformações do corpo feminino no Brasil. In: STREY, Marlene; CABEDA, Sonia (Org.). **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 255-266.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record: 2002. p. 189-262.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito.** Belo Horizonte: Autêntica: 2001. p. 7-76.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 133- 166.

EWALD, François. **Foucault, a norma e o direito.** Lisboa: Vega, 1993.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2007. p. 53-65.

FIGUEIRA, Márcia Luiza. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2007. p. 124-135.

FISCHER, Rosa Maria. Técnicas de si e tecnologias digitais. In: SOMMER, Luís Henrique, BUJES, Maria Isabel. **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens.** Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 65-76.

_____. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: Lamparina Ed., 2007. p. 39-60.

_____. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: Lamparina Ed., 2007a. p. 49-70.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise. (Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 69-80.

FOLHA ONLINE. **Orkut passa para as mãos do Google Brasil; empresa muda diretoria no país**. 07/08/2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u430818.shtml>>. Acesso em: 21 maio 2012.

FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ, 2003.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 229-249.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Vol. 1. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004a.

_____. **Ética, Sexualidade, Política**. Ditos e Escritos. Vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b..

_____. Ditos e Escritos. Vol. III.

_____. **História da sexualidade**: o cuidado de si. Vol. 3. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Ditos e Escritos. Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. Resposta a uma questão. In: _____. **Repensar a política.** Ditos e Escritos. Vol. VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 01-24.

_____. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. **Do governo dos vivos:** curso no Collège de France, 1979-1980: excertos. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

GILMAN, Sander. **Make the body beautiful:** a cultural history aesthetic surgery. United Kingdom: Princeton University Press, 1999.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 28-40.

_____. A cultura *fitness* e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. In: STEVENS, Cristina; SWAIN, Tania. **A construção dos corpos:** perspectivas feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008. p. 245-260.

GONDIM, Sônia. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa:** desafios metodológicos. Paidéia, 12(24), p. 149-161, 2003.

GOOGLE, Empresa. **Sobre o Google.** Disponível em: < <http://www.google.com/intl/pt-BR/about/corporate/company/>>. Acesso em: 21 maio 2012.

GUERRA, Sebastião. **Busca por cirurgias plásticas cresce 30% nos últimos anos.** Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=248:busca-por-cirurgias-plasticas-cresce-30-nos-ultimos-anos&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87>. Acesso em: 12 out. 2010.

HALL, Stuart.. “The work of representation”. In: _____ (Org.). **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices.** London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. p. 1-58.

HERRERA, Ana Amuchástegui. Masculinidad(es)?: los riesgos de una categoría en construcción. In: CAREAGA, Gloria; SIERRA, Salvador (Org.). **Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía**. Mexico: UNAM/PUEG, 2006. p. 159-181.

HESSEL, Rosa. Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o Orkut. In: SOMMER, Luís Henrique, BUJES, Maria Isabel. **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 137-150

IBOPE Nielsen Online. **Facebook passa Orkut em número de usuários no Brasil**.

Disponível em

<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=caldb&docid=C2A2CAE41B62E75E83257907000EC04F>. Acesso em: 03 out. 2011.

_____. **Total de pessoas com acesso à internet atinge 77,8 milhões**. Disponível em <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=caldb&docid=C2A2CAE41B62E75E83257907000EC04F>. Acesso em: 03 out. 2011a.

_____. Número de brasileiros com acesso a internet chega a 79,9 milhões. Disponível em <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=pesquisa_leitura&nivel=null&docid=9725B59E0CD6FC43832579DC005A03D9>. Acesso em: 15 maio 2012.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 7-132.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-86.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papius, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2007.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo, Ed. 34, 2007b.

LOURO, Guacira. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto, Portugal: Porto Ed., 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n. 3, p. 809-840, setembro-dezembro/2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000300005&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 jun. 2011.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana(Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2003.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Modos de ver se movimentar pelos "caminhos" da pesquisa pós-estruturalista em educação: o que podemos aprender com - e a partir de - um filme. In: COSTA, Marisa; BUJES, Maria Isabel (Org.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras.** Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2005. p. 23-44.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-38.

OGIBA, Sonia. A produção do conhecimento didático e o pós-estruturalismo: potencialidades analíticas. In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.) **Crítica pós-estruturalista e educação.** Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 231-244.

OLIVEIRA, Pedro. **A construção social da masculinidade.** Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

ORKUT. **Sobre o Orkut.** Disponível em: < <http://www.orkut.com/About.aspx>>. Acesso em: 21 maio 2012.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

QUADRADO, Raquel. **Adolescentes: corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2006.

_____. **Corpos híbridos: problematizando as representações de corpos no currículo escolar**. In: RIBEIRO, Paula (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar - Caderno Pedagógico Anos Iniciais**. Rio Grande: FURG, 2007, p. 33-40.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RIBEIRO, Paula. **Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas - Bioquímica) - Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SABAT, Ruth. **Entre signos e imagens: gênero e sexualidade na pedagogia da mídia**. 1998. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANT'ANNA, Denise. **Cultos e enigmas do corpo na história**. In: STREY, Marlene; CABEDA, Sonia (Org.). **Corpos e Subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 107-132.

_____. **Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil**. In: _____ (Org.). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-140.

_____. **Fugir do próprio rosto**. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte, Autêntica, 2008. p. 87-96.

SANTOS, Luiz Henrique. **Incorporando "outras" representações culturais de corpo na sala de aula**. In: OLIVEIRA, D. (Org.). **Ciências na sala de aula**. Cadernos de Educação Básica, vol. 2. Porto Alegre: Mediação, 2002. p.97-112.

_____. **O corpo que pulsa na escola e fora dela**. In: WORTMANN, Maria Lúcia [et Al] (Org.). **A produção cultural do corpo, da natureza e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. p. 131-146.

SARAIVA, Karla. A fabricação dos corpos nos *chats*. In: WORTMANN, Maria Lúcia [et Al] (Org.). **Ensaio em Estudos Culturais, educação e ciência**: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. p. 53-76.

_____. Diário de uma pesquisa off-road: análise de textos como problematização de regimes de verdade. In: FERREIRA, Taís; SAMPAIO, Shaula (Org.). **Escritos metodológicos**: possibilidades na pesquisa contemporânea em educação. Maceió: EDUFAL, 2009. p. 13-34.

SCHARAGRODSKY, Pablo. Masculinidades em acción: machos, maricas, subversivos y cómplices. El caso de La educación Física argentina. In: RIBEIRO, Paula [et Al] (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: FURG, 2007. p. 18-30.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul.-dez., 1995, p. 71-100.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. O corpo modelado como imagem: o sacrifício da carne pela pureza digital. In: RIBEIRO, Paula; SILVA, Méri; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, 2009. p. 33-42.

SILVA, Tomaz. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVEIRA, Rosa Hessel. Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o Orkut. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel. **Educação e cultura contemporânea**: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas, Ed. da ULBRA, 2006. p. 137-150.

SOARES, Carmen. Cartografias de Foucault. 2008. A educação do corpo e o trabalho das aparências: o predomínio do olhar. In: ALBURQUE JÚNIOR, Durval; VEIGA-NETO,

Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 69-82.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA - SBPC. Disponível em <<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

_____. **Busca por cirurgias plásticas cresce 30% nos últimos anos**. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=248:busca-por-cirurgias-plasticas-cresce-30-nos-ultimos-anos&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87>. Acesso em: 22 maio 2012.

SOUZA, Nádia. "Fases da vida": discursos biológicos, religiosos, midiáticos... In: WORTMANN, Maria Lúcia [et Al] (Org.). **Ensaio em Estudos Culturais, educação e ciência**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 19-34.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, corporal(idades), (ident)idades... In: GARCIA, Regina (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 35-64.

_____. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa [et Al]. **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 37-72.

_____. Olhares. In: COSTA, Marisa (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Ed., 2007. p. 23-38.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Tabela com os dados das comunidades que compuseram o *corpus* da pesquisa.

APÊNDICE B - Dados referentes às postagens dos homens nos fóruns das comunidades do *Orkut*.

ANEXOS

ANEXO A - Normas de publicação da Revista Encuentros Latinoamericanos¹⁰⁶.

1. Los artículos enviados deben ser inéditos e incluir una página inicial con los siguientes datos: nombre del autor o autores, domicilio, teléfono, dirección electrónica y pertenencia institucional. En nota al pie se indicará la pertenencia institucional del(los) autor(es) y si se desea la dirección electrónica.

2. Los artículos incluirán un resumen en castellano y otro en inglés y tres palabras clave en ambos idiomas.

3. Se observará un límite máximo de 35 páginas tamaño carta, letra Arial 12 puntos a espacio simple. Esa extensión incluirá cuadros, gráficos y mapas –que estarán titulados y numerados-, con indicación expresa de sus fuentes así como fotografías, grabados, notas, bibliografía, etc.

4. Las notas figurarán al pie de página. Las citas bibliográficas se realizarán según el siguiente orden: apellido (s) en mayúscula y nombre del autor, título en cursiva, lugar, editorial, año, tomo y página cuando corresponda. Los artículos de revistas observarán igual orden; sus títulos irán entre comillas, el nombre de la publicación se destacará en cursiva y especificará año, número y página. La bibliografía y las fuentes se ubicarán sobre el final del trabajo y solamente contendrán las que han sido citadas previamente.

5. Las citas textuales incluidas en el artículo se reproducirán en cursiva.

6. Se aceptarán artículos escritos en español, francés, italiano, portugués e inglés y se publicarán en su idioma original.

7. Los trabajos serán sometidos a una evaluación del Comité Editor y de dos árbitros anónimos. Las evaluaciones serán remitidas a los autores. Cuando los evaluadores aporten observaciones, los autores dispondrán de una semana para realizar las correcciones propuestas, que serán nuevamente revisadas por los evaluadores. La revista no se compromete a mantener correspondencia con el/los autores sobre los criterios adoptados.

¹⁰⁶ Disponível em

<http://enclat.fhuce.edu.uy/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=10&Itemid=14>. Acesso em 10 abr. 2011.

ANEXO B - Normas de publicação da Revista Estudos Feministas ¹⁰⁷.**Normas para envio de textos:**

1. Os textos deverão ser enviados em três cópias impressas e em disquete. Recomenda-se a utilização de processadores de texto compatíveis com Windows. Pede-se que os textos sejam marginados à esquerda e digitados em espaço duplo, em fonte do tipo Times New Roman 12, e que não contenham marcações.

2. Os artigos deverão ter até 9 mil palavras ou 45 mil caracteres (aproximadamente 25 laudas, papel A4), incluindo as referências bibliográficas, notas e tabelas. Devem vir acompanhados de resumo e abstract (no máximo 10 linhas) e palavras-chave (máximo 5) em português e em inglês, sendo que o título também deve estar traduzido para o inglês.

3. Os ensaios deverão ter até 6 mil palavras ou 30 mil caracteres, e as resenhas cerca de 2 mil palavras ou 15 mil caracteres. Notícias e registros deverão ter até 300 palavras ou 1.500 caracteres.

4. Os seguintes itens devem ser observados na elaboração dos textos:

- aspas duplas para citações com até três linhas;
- as citações com mais de três linhas devem ser destacadas com recuo de quatro centímetros da margem esquerda, com fonte do tipo Times New Roman 11 e sem aspas.
- aspas simples para palavras com emprego não convencional e para indicar citação no interior de citação de até três linhas;
- itálico para palavras estrangeiras, neologismos e títulos de obras e publicações;
- as notas explicativas devem ser de pé de página, numeradas, e pede-se que sejam usadas com parcimônia;
- as fontes das quais foram extraídas as citações também devem ser indicadas em notas de pé de página, obedecendo à mesma numeração das notas explicativas e contendo apenas os seguintes dados: SOBRENOME DA/O AUTORA/OR, ano de publicação da obra, número de página(s) da citação;
- a lista de referências bibliográficas completas deve ser apresentada ao final do texto;
- na primeira menção de cada autora/or citada/o no texto, deve constar também o prenome;

¹⁰⁷ Disponível em <<http://www.scielo.br/revistas/ref/pinstruc.htm>>. Acesso em 12 nov. 2011.

- na lista final de referências bibliográficas, o prenome das autoras e dos autores deve constar em todas as referências e não apenas ser indicada a inicial.

5. Referências bibliográficas obedecerão aos seguintes critérios:

- Livro: SOBRENOME DA/O AUTORA/OR DA OBRA, Prenomes. *Título da obra: subtítulo*. Número da edição. Local de Publicação: Editora, ano de publicação.

Exemplo:

FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

- Capítulo de livro: SOBRENOME DA/O AUTORA/OR DO CAPÍTULO, Prenomes. "Título do capítulo: subtítulo". In: SOBRENOME DA/O AUTORA/OR DA OBRA, Prenomes. *Título da obra: subtítulo*. Número da edição. Local de Publicação: Editora, ano de publicação. Páginas inicial e final do capítulo.

Exemplo:

HEILBORN, Maria Luiza. "Gênero: um olhar estruturalista". In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p. 43.55.

- Artigo de periódico: SOBRENOME DA/O AUTORA/OR DO ARTIGO, Prenomes. "Título do artigo: subtítulo". Título do Periódico, número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final do artigo, mês e ano.

Exemplo:

ROSEMBERG, Fúlvia. "Instrução, rendimento, discriminação racial e de gênero". *Revista de Estudos Pedagógicos*, v. 68, n. 159, p. 324-355, maio/ago. 1987.

- Dissertações e Teses: SOBRENOME DA/O AUTORA/OR, Prenomes. *Título da obra: subtítulo*. Ano de apresentação. Categoria (Grau e Área de Concentração) – Instituição, Local.

Exemplo:

DINIZ, Carmen Simone G. *Entre a técnica e os direitos humanos: possibilidades e limites da humanização da assistência ao parto*. 2001. Tese (Doutorado em Medicina Preventiva) – Programa de Pós-Graduação em Medicina Preventiva, Faculdade de Medicina da USP, São Paulo.

- Trabalhos apresentados em eventos científicos: SOBRENOME DA/O AUTORA/OR DO TRABALHO, Prenomes. "Título do trabalho". In: NOME DO EVENTO, Número da edição do evento, Cidade onde se realizou o evento. Anais... (ou *Proceedings...*

ou *Resumos...*) Local de publicação: Editora, Ano de publicação. Páginas inicial e final do trabalho.

Exemplo:

PRADO, Danda. "Maternidade: opção ou fatalidade?" In: SEMINÁRIO SOBRE DIREITOS DA REPRODUÇÃO HUMANA, 1., 1985, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ALERJ/Comissão Especial dos Direitos da Reprodução, 1985. p. 26-29.

- Referências de obras em outras línguas obedecerão a critérios próprios.

6. Os textos enviados deverão vir acompanhados de folha de rosto, contendo as seguintes informações: Título do artigo, Nome completo da/o autora/or, Filiação institucional, Endereço postal, Telefone/Fax, e-mail e uma breve descrição biográfica (máximo: 5 linhas).

7. O nome da/o autora/or não deverá aparecer no corpo do artigo, para garantir o anonimato no processo de avaliação.

8. No caso de inserção de imagens (fotos, gravuras, quadros, etc.), a responsabilidade pelo encaminhamento dos trâmites relativos aos direitos de reprodução será das/os autoras/es dos artigos e dos ensaios. A aprovação final do texto dependerá da resolução desses trâmites.

9. As imagens devem ser enviadas nos formatos jpeg ou tiff, resolução de 300 dpi, tamanho de 23 x 16 cm e em grayscale. Imagens fora dessas especificações não poderão ser utilizadas.

10. O número de tabelas e/ou imagens (gráficos, mapas, fotos, etc.) deverá ser mantido até o limite de cinco no total por artigo. As tabelas deverão ser feitas utilizando-se o mesmo programa do artigo.

11. A *Revista Estudos Feministas* está aberta para receber informações (até 20 linhas) sobre eventos tais como seminários, cursos, exposições, concursos, bolsas de pesquisa, encontros, manifestações etc., que serão publicadas na homepage <http://www.ufsc.br/~ref>.

ANEXO C – Normas para publicação da Revista Cadernos Pagu¹⁰⁸.

ARTIGOS - até 9000 palavras ou 45000 caracteres (com espaço), acompanhados de resumo (no máximo sete linhas) e abstract, palavras-chave (no máximo cinco) e título, ambos em português e inglês.

ENSAIOS - até 6000 palavras ou 30000 caracteres (com espaço).

Os títulos de livros e revistas mencionados no corpo do texto devem vir em itálico, assim como as palavras estrangeiras. As ênfases do autor devem vir em negrito.

RESENHAS - Serão aceitas resenhas de livros publicados no Brasil, no máximo, há dois anos e no exterior, no máximo, há cinco anos.

Os textos deverão vir com uma folha de rosto, informando: nome do/a autor/a, filiação institucional, telefone e email. O nome do/a autor/a não deverá constar no corpo do texto, garantindo o anonimato do processo de avaliação e seleção. Em casos de textos com imagens e/ou figuras devem ser enviadas em formatos jpeg ou tiff, resolução 300 dpi. A responsabilidade pelos direitos autorais de reprodução ficará a cargo do/a autor/a.

NOTAS DE RODAPÉ (novo formato): Numeradas consecutivamente ao final de cada página, incluindo apenas comentários. Os/as autores/as devem ser destacados no corpo do texto, seguindo a seguinte orientação: sobrenome do autor, ano da obra, dois pontos, página (Strathern, 2006:25-26). Obras publicadas no mesmo ano devem ser diferenciadas pelas letras do alfabeto (1988a - 1988b).

As referências bibliográficas devem ser citadas ao final do artigo (resenha, documento, entrevista), obedecendo os seguintes critérios:

LIVRO - sobrenome do autor, nome do autor. Título do livro (itálico). Local de publicação, editora, data, páginas. [STRATHERN, Marliyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas-SP, Editora da Unicamp, 2006 (1988)].

CAPÍTULO DE LIVRO - sobrenome do autor, nome do autor. Título do capítulo (sem aspas). In: sobrenome do autor, nome do autor. Título do livro (itálico). Local de publicação, editora, data, páginas. [ALGRANTI, Leila Mezan. *Conventos e recolhimentos em Portugal e na América portuguesa: um estudo comparativo sobre instituições de reclusão feminina (séculos XVII e XVIII)*. In: COVA, Anne; RAMOS, Natália e JOAQUIM, Teresa.

¹⁰⁸ Disponível em < <http://www.scielo.br/revistas/cpa/pinstruc.htm>>. Acesso em 15 jan. 2012.

(orgs.) *Desafios da Comparação: Família, mulheres e gênero em Portugal e Brasil*. Oeiras, Celta, 2004, pp.65-88.]

ARTIGOS EM REVISTAS - sobrenome do autor, nome do autor. Título do artigo (sem aspas). Nome da revista (itálico). Local de publicação, data, páginas. [CORRÊA, Mariza. Trampas do Traje. *Cadernos Pagu* (22), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2004, pp.185-200.]

DISSERTAÇÕES E TESES - sobrenome do autor, nome do autor. Título da dissertação ou tese (sem itálico). Disciplina, Universidade, data. [ALBUQUERQUE, Maria Elisa Vercesi de. Publicidade na TV: o fenômeno da longevidade do garoto Bombril. Dissertação de mestrado, Sociologia, Unicamp, 2000.]